FRIEDRICH NIETZSCHE

Ecce homo

COMPANHIA DE BOLSO

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe ***Le Livros*** e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudíavel a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O ***Le Livros*** e seus parceiros, disponibilizam conteúdo de dominio publico e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: ***LeLivros.Info*** ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível.

FRIEDRICH NIETZSCHE

ECCE HOMO

Como alguém se torna o que é

Tradução, notas e posfácio
Paulo César de Souza

COMPANHIA DE BOLSO

SUMÁRIO

Sumário cronológico da vida de Nietzsche

Prólogo
Por que sou tão sábio
Por que sou tão inteligente
Por que escrevo tão bons livros
O nascimento da tragédia
As extemporâneas
Humano, demasiado humano
Aurora
A gaia ciência
Assim falou Zaratustra
Além do bem e do mal
Genealogia da moral
Crepúsculo dos ídolos
O caso Wagner
Por que sou um destino

Notas (com variantes do texto)
Apêndice: Uma carta
Posfácio
Glossário de nomes de pessoas
Sobre o autor e o tradutor

SUMÁRIO CRONOLÓGICO DA VIDA DE NIETZSCHE

1844 15 de outubro: Friedrich Wilhelm Nietzsche nasce em Röcken, na Saxônia. Seu pai, Karl Ludwig Nietzsche, é o pastor do lugar. Tanto ele como a esposa, Franziska, são filhos de pastores luteranos.

1846 10 de julho: nasce a irmã Elisabeth.

1848 Em fevereiro, nasce o irmão Joseph, que viveria somente dois anos. Preocupação do pai com os acontecimentos políticos (revolução de 1848). Grave doença dele.

1849 Em julho, morte do pai aos 36 anos; segundo o diagnóstico da época, por "amolecimento do cérebro".

1850 A família — o garoto, a mãe, a irmã, a avó paterna e duas tias — muda-se para Naumburg, na Turíngia.

1851 Começa a freqüentar uma escola preparatória para o ginásio. A mãe lhe dá um piano. Primeiras aulas de música.

1854 Entra para o ginásio de Naumburg. Primeiros ensaios com a poesia. Paixão pela música. Fortemente impressionado pelo Messias de Haendel.

1856 Poemas e composições musicais. Tem licença da escola durante o verão, devido a dores de cabeça e dores nos olhos.

1858 É admitido na Escola de Pforta, um prestigioso internato de educação clássica. Precisa usar óculos de lentes grossas, para miopia. Primeiro escrito autobiográfico: "Da minha vida".

1860 Forma, com dois amigos, uma sociedade literária e musical, a "Germânia", para estimular as produções individuais. Leituras escolares: Homero, Lívio, Cícero.

1861 Confirmação na fé protestante. Primeiros desentendimentos com a mãe acerca da religião. Trava conhecimento com a música de Wagner. Mas Schumann é o compositor favorito, e Hoelderlin o poeta. Leituras: Homero, Tucídides, Virgílio, Salústio.

1862 Março: apresenta à "Germânia" uma dissertação sobre "Fado e história" [Fatum und Geschichte], que já prenuncia os temas e as inquietações de seu pensamento adulto. Leituras: Emerson, Maquiavel, Horácio.

1863 Fim da "Germânia": somente ele ainda produzia trabalhos. Preocupações sobre a escolha da profissão. Leituras dos líricos gregos.

1864 Trabalho escolar sobre Sófocles, Édipo rei. Dissertação final sobre Teógnis. Matricula-se na Universidade de Bonn como estudante de teologia.

1865 Decide não mais compor. Visita Colônia. Sérios desentendimentos com a mãe; abandona a teologia. Resolve se transferir para Leipzig e estudar filologia clássica com Ritschl. Descoberta de Schopenhauer. Continua a compor.

1866 Conferência sobre Teógnis na Sociedade Filológica. Seu mestre Ritschl afirma jamais ter lido algo semelhante de um aluno. Lê a História do materialismo, de F. A. Lange. Amizade com Erwin Rohde.

1867 Primeira publicação, numa revista de filologia. Pensa em escrever uma história crítica da literatura grega. Sua pesquisa sobre as fontes de Diógenes Laércio é premiada. "Agora caem-me os antolhos, e vejo que durante

muito tempo vivi em estado de inocência estilística. O imperativo categórico, 'deves e tens que escrever', me despertou" (carta ao amigo Carl von Gersdorff, 6/4/67). Em outubro, começa a cumprir um ano de serviço militar.

1868 Trabalhos filológicos publicados. Estudos de Demócrito e Kant. Em março, acidente ao montar cavalo, com séria ferida no peito. Crescente interesse pela filosofia: "Falando mitologicamente, vejo a filologia como um aborto da deusa filosofia" (ao amigo Paul Deussen, outubro de 1868). Novembro: conhece Richard Wagner.

1869 Por recomendação de Ritschl, é chamado para a cadeira de filologia clássica da Universidade da Basiléia, na Suíça. A Universidade de Leipzig concede-lhe o doutorado, sem tese nem exames. Em maio, primeira visita a Richard e Cosima Wagner, em Tribschen, perto de Lucerna. Fim de maio: aula inaugural na Basiléia, sobre "Homero e a filologia clássica". Conhece o historiador Jacob Burckhardt, também professor na Universidade. "Ciência, arte e filosofia crescem tão juntas em mim, que um dia parirei centauros" (a Erwin Rohde, abril de 1870).

1870 Palestras sobre "O drama musical grego" e "Sócrates e a tragédia". Amizade com o teólogo Franz Overbeck, recém-chegado à Basiléia. Em agosto, tem licença para participar da guerra franco-prussiana, como enfermeiro. Adoece gravemente e volta à Basiléia. Passa o Natal com os Wagner.

1871 Candidata-se — sem sucesso — à cadeira de filosofia da Universidade. Sofre da saúde; obtém férias para se tratar. Escreve O nascimento da tragédia. Visita Wagner freqüentemente em Tribschen.

1872 Publicação de O nascimento da tragédia [a partir] do espírito da música (janeiro). Palestras "Sobre o futuro de nossas instituições de ensino". Preleções sobre os filósofos pré-platônicos. Controvérsia em torno do Nascimento da tragédia: reação negativa do mundo acadêmico; Rohde e Wagner defendem Nietzsche em artigos. Em abril: os Wagner deixam a Suíça, vão para Bayreuth. Durante três anos Nietzsche visitou-os — foi seu hóspede — 23 vezes. "Pois o que seríamos nós, se não o tivéssemos, e o que seria eu, por exemplo, senão... um ser nascido morto!" (carta a Wagner, 20/5/73). Maio: vai a Bayreuth para a solenidade da pedra fundamental do teatro; conhece Malwida von Meysenbug. Escreve o primeiro dos "Cinco prefácios a cinco livros não escritos", intitulado "Sobre o pathos da verdade".

1873 Escreve e publica a primeira das Considerações extemporâneas, "David Strauss, o crente e o escritor". Sofre de cefaléias e problemas com a visão. A partir deste ano estará sempre doente. Março: anotações sobre "a filosofia na época trágica dos gregos". Leitura de tratados de química e física. Junho: proibido de ler e escrever por ordem médica (olhos), dita o ensaio "Sobre verdade e mentira no sentido extra-moral". Outubro-dezembro: segunda Extemporânea, "Utilidade e desvantagem da história para a vida". Conhece Paul Rée. Publicação do livro de Overbeck Sobre a cristicidade [Christlichkeit] de nossa teologia atual.

1874 A segunda Extemporânea é publicada. Compõe um Hino à amizade. Revisa as composições da juventude. "Para mim será sempre extraordinário como se manifesta na música a imutabilidade do caráter: o que o menino nela expressa é tão claramente a linguagem da essência de sua natureza, que também o homem nada deseja ver mudado..." (a Malwida von Meysenbug, 2/1/75). Redação e publicação da terceira Extemporânea, "Schopenhauer como educador". A irmã passa longas temporadas com ele.

1875 "Agora gostaria, falando confidencialmente, de ter em breve uma boa mulher..." (a Malwida, 25/10/75). Em novembro, o jovem músico Heinrich Koeselitz procura-o na Basiléia, dizendo ser seu admirador (ele ficaria conhecido pelo pseudônimo artístico que Nietzsche lhe deu mais tarde, Peter Gast). Redação da quarta Extemporânea, "Richard Wagner em Bayreuth". Crise de saúde no final do ano: passa semanas prostrado.

1876 Tem licença prolongada da Universidade, para cuidar da saúde. Propõe casamento a uma certa Mathilde Trampedach, em Genebra, e é recusado. A quarta Extemporânea é publicada, por injunção de Peter Gast. Em agosto, o primeiro dos festivais de Bayreuth. Nietzsche assiste apenas a uma parte; retorna à Basiléia. Afastamento de Wagner. Em outubro, vai para Sorrento, Itália, com Paul Rée, Malwida von Meysenbug e outro amigo. Durante seis meses, formam uma "família" de pensadores. Durante este ano e o seguinte, anotações que se transformariam em Humano, demasiado humano. Em Sorrento, último encontro com Wagner.
"Cada vez mais olho para os filósofos gregos como modelos para o modo de vida a ser alcançado" (a Gersdorff, 26/5/76).

1877 Volta para a Basiléia no outono e retoma as aulas. A irmã torna a cuidar de sua casa; também Peter Gast mora com ele e lhe serve de secretário. Publicação do livro de Rée A origem dos sentimentos morais.

1878 Peter Gast muda-se para Veneza. Em maio, publicação de Humano, demasiado humano. "Nele exteriorizei minhas mais íntimas impressões sobre os homens e as coisas, e pela primeira vez tracei os contornos do meu próprio pensamento" (a Wagner, ao enviar-lhe o volume). O livro é mal recebido pelos Wagner: atribuem o seu "novo modo de pensar" à influência do judeu Paul Rée. Wagner publica um ataque a Nietzsche, sem mencionar seu nome. Mas para Jacob Burckhardt trata-se de "um livro soberano".

1879 Publica "Opiniões e sentenças variadas", continuação de Humano, demasiado humano. O estado de saúde piora ainda mais. Abandona a Universidade, passa a receber uma pensão anual. Em junho, deixa definitivamente a Basiléia, após dez anos como professor. Viverá os dez anos seguintes como filósofo errante. Parte inicialmente para St. Moritz, onde escreve "O andarilho e sua sombra". Passa o inverno com a mãe e a irmã em Naumburg. Durante esse ano, esteve incapacitado por 118 dias.

1880 "Minha existência é um fardo terrível: há muito teria me livrado dele, se não fizesse os mais esclarecedores experimentos, no campo moral-espiritual, precisamente nesse estado de sofrimento e quase absoluta renúncia" (ao médico Otto Eisler, início de 80).
Publica "O andarilho e sua sombra", segunda continuação de Humano, demasiado humano. Visita Peter Gast em Veneza; dita para ele muitos dos aforismos que formariam Aurora. Lê Stifter e Stendhal.
"Vivo como se os séculos nada fossem, e persigo meus pensamentos, sem me preocupar com o dia ou com os jornais" (a Overbeck, novembro de 80).

1881 Publica Aurora em junho. O título é de Gast, da citação indiana que sugeriu como epígrafe: "Há tantas auroras que não brilharam ainda" (Rig Veda). Vai à localidade de Sils-Maria, na Alta Engadina, Suíça. Desce para o sul no inverno: Gênova. A partir de então, passará quase sempre o verão nas montanhas, em Sils Maria, e o inverno junto ao mar, na Riviera francesa e italiana.
Primeiros sinais de Zaratustra: "Em meu horizonte surgiram pensamentos como jamais vi semelhantes [...] Tenho que viver alguns anos ainda! [...] As intensidades do meu sentir fazem-me rir e tremer [...] Em minhas andanças [...] chorava muito, não lágrimas sentimentais, mas lágrimas de júbilo; cantava e falava absurdos, pleno de uma nova visão que possuo adiante de todos os homens" (a Peter Gast, 14/8/81).
"Nelas [nas próprias obras] há algo que sempre ofende o meu pudor: são reflexos de um ser sofredor, imperfeito, que mal dispõe dos órgãos mais necessários — eu com freqüência me vejo como o rabisco que um poder desconhecido traça no papel, experimentando uma nova pena" (também a Gast, fim de agosto de 81).

1882 A gaia ciência publicado em agosto. Em abril, vai para a Sicília, depois para Roma, onde Paul Rée apresenta-lhe Lou Salomé. Nietzsche se apaixona, quer fazer dela sua discípula e companheira; propõe-lhe casamento, é recusado. Ele e Rée rivalizam no amor a Salomé, que só deseja amizade. Viajam juntos: forma-se um "ménage à trois platônico" (expressão de R. J. Hollingdale). A irmã de Nietzsche intervém, com intrigas e falso moralismo. Ele age mal para com Salomé e Rée, é por eles abandonado, briga seriamente com a mãe e a irmã. Ao final do episódio, em novembro, está física e emocionalmente exausto, à beira do suicídio.
Sobre o seu sofrimento: "Se não invento a alquimia de transformar esta imundície em ouro, estou perdido" (a Overbeck, 25/12/82).

1883 Fevereiro: escreve a primeira parte de Assim falou Zaratustra. Richard Wagner morre em Veneza, aos 69 anos. "Wagner foi, de longe, o homem mais pleno que conheci" (a Overbeck, 22/2/83). Escreve a segunda parte do Zaratustra no verão; publica as duas. "Cada palavra do meu Zaratustra é um sarcasmo triunfal e mais que um sarcasmo sobre os ideais desta época" (à irmã, fim de agosto de 83). "O curioso perigo deste verão é para mim — para não fugir à palavra feia — a loucura" (a Gast, 26/8/83).

1884 Janeiro: Zaratustra, terceira parte. "Quero levar a humanidade a resoluções que decidirão sobre todo o futuro humano, e pode acontecer que um dia milênios inteiros façam em meu nome seus votos mais elevados" (a Malwida von Meysenbug, de Veneza, 21/5/84). Em agosto, recebe a visita de Heinrich von Stein em Sils-Maria. Visita Gottfried Keller em Zurique (para ele, o maior escritor vivo de língua alemã).

1885 Zaratustra, quarta parte — impressa em pequena edição privada. Em maio: a irmã se casa, para seu desgosto, com um líder anti-semita, Bernhard Förster. Os dois viajam para a América do Sul no início de 1886,

para fundar uma colônia alemã (ariana) no Paraguai.
1886 Escreve, e publica às próprias custas, a sua obra central: Além do bem e do mal. Prelúdio a uma filosofia do futuro (agosto). Escreve prefácios para novas edições das obras anteriores; "são talvez a melhor prosa que escrevi até agora" (a Overbeck, 14/11/86). Planeja uma summa philosophica que se chamaria A vontade de poder.
"No momento falta-me in puncto musicae uma estética, quero dizer: eu tenho um 'gosto', mas nenhum motivo, nenhuma lógica, nenhum imperativo para esse gosto. Mesmo psicologicamente verificado, o problema 'por que me agrada sua música' parece-me por ora insolúvel. Você mesmo tornou-se-me com isso um enigma, e — curioso! — após alguma reflexão achei problema semelhante com relação à minha própria produção (o 'Zaratustra')" (a Peter Gast, 19/11/86).

1887 A genealogia da moral escrito em julho e publicado em novembro. Ouve pela primeira vez a abertura de Tristão e Isolda, de Wagner.
"Você conhece Dostoiévski? Com exceção de Stendhal, não conheço ninguém que me tenha produzido tal prazer e tal surpresa: um psicólogo com o qual 'me entendo'" (a Gast, 13/2/87).
"Minha saúde...: há algum profundo entrave psicológico, cuja sede e origem não sou capaz de apontar... — sem qualquer exagero, faz agora um ano em que não houve um dia em que eu me sentisse bem disposto e contente de corpo e de espírito. Essa permanente depressão (dia e também noite) é pior que as crises violentas e tão dolorosas a que estou sujeito com tamanha freqüência" (a Overbeck, 30/6/87).
"A contradição de minha existência está em que tudo o que eu, como filósofo radical, necessito de modo radical — estar livre de profissão, de mulher e filhos, de amigos, da sociedade, da pátria, da fé, estar livre quase de amor e ódio — é também o que sinto como outras tantas privações, pois felizmente sou um ser vivo, e não um aparelho de abstrações" (à irmã, julho de 87).
"... conheço suficientemente os homens para saber como terá mudado o juízo sobre mim daqui a cinqüenta anos, e em que glória e veneração o nome de teu filho brilhará então, graças às mesmas coisas pelas quais fui até agora maltratado e insultado" (à mãe, 18/10/87).

1888 Início da repercussão: em Copenhague, o judeu dinamarquês Georg Brandes faz conferência sobre ele. Na Suíça aparece o primeiro ensaio sobre o conjunto de sua obra. Zaratustra é traduzido para o francês. Escreve e publica O caso Wagner; abandona o projeto de A vontade de poder; planeja uma Tresvaloração de todos os valores; escreve O crepúsculo dos ídolos, O Anticristo e Ecce homo; conclui os Ditirambos de Dionísio; prepara Nietzsche contra Wagner, reunindo trechos de obras anteriores.
"Receio ser músico demais para não ser romântico. Sem música, a vida para mim seria um erro" (a Georg Brandes, 27/3/88).
No início do ano está em Nice; vai para Turim em abril; última estada em Sils-Maria (junho-setembro); volta para Turim. Manifestações de euforia nas obras e nas cartas. Procura tradutores para seus livros. Correspondência com Strindberg. Sobre este, a Peter Gast: "Interessante como concordamos inteiramente acerca da mulher...". Última carta à mãe: "Na verdade, teu velho filho é agora um sujeito famoso... Tenho naturezas seletas entre meus admiradores..." (21/12/88).

1889 3 de janeiro: colapso (Zusammenbruch, effondrement) na piazza Carlo Alberto. Nos dias seguintes escreve cartas e bilhetes insensatos a amigos e conhecidos, assinando "Dionísio" ou "O Crucificado". Overbeck vai a Turim para buscá-lo: "Enxerguei Nietzsche em um canto do sofá... com aparência bastante arruinada; correu até mim e me abraçou fortemente ao me reconhecer, e rompeu em lágrimas; então afundou no sofá em convulsões, e o choque também não me permitiu permanecer em pé" (carta a Gast, 15/1/89).
Leva-o para a Basiléia (10 de janeiro), onde é examinado na "clínica de nervos" da Universidade. O diagnóstico é paralisia progressiva de origem sifilítica. A infecção teria ocorrido numa visita a um bordel, quando estudante. (A medicina da época não nos permite, atualmente, ter certeza absoluta quanto ao diagnóstico. Há um alto grau de probabilidade, sobretudo porque a história de seus tormentos, de 1871 até a derrocada final, condiz com o que se sabe da doença. O que não exclui a possibilidade da ação conjunta de outras doenças.) A mãe chega à Basiléia, leva-o para Iena (17 de janeiro), onde é internado na clínica psiquiátrica da Universidade. O dr. Binswanger confirma o caráter irreversível da doença.
O crepúsculo dos ídolos é publicado em janeiro; Nietzsche contra Wagner aparece em edição limitada. Os amigos resolvem adiar a publicação de Ecce homo (que só aconteceria em 1908). Em junho, o cunhado suicida-se no Paraguai, devido ao fracasso de sua empresa colonial.

1890 Julius Langbehn, um charlatão místico, conquista a confiança de frau Nietzsche e promete curá-lo. Exige a

tutela legal sobre o doente. Papel deplorável de Peter Gast, que também acredita nele. Overbeck intervém e afasta Langbehn. Em maio, Nietzsche passa a viver sob os cuidados da mãe, em Naumburg, na casa de sua infância (volta aos cuidados da mãe). Demência progressiva, os amigos que o visitam referem-se à "ausência do espírito", à "apatia". Toca piano quase diariamente.

1893 A irmã retorna do Paraguai. Cresce a literatura sobre Nietzsche. Durante a década, são publicados cerca de quarenta livros sobre ele. Também suas obras vendem cada vez mais. São planejadas edições das obras completas.

1894 A irmã funda um Arquivo
Nietzsche, na casa onde moram.

1895 Publicação de O Anticristo e
Nietzsche contra Wagner A irmã obtém da mãe, de maneira pouco escrupulosa, os direitos sobre toda a obra (incluindo as milhares de páginas de anotações e rascunhos). Começa a publicar sua biografia do irmão, em vários volumes; nela falsifica cartas, fazendo-o parecer mais próximo dela e de suas convicções anti-semitas. Em Nietzsche, prossegue a dissolução do espírito: Overbeck o visita e não é mais reconhecido.

1896 A irmã transfere o arquivo para Weimar, onde vieram Goethe e Schiller.

1897 Abril: morte da mãe. A irmã leva Nietzsche para Weimar; aloja-o numa grande vila, juntamente com o arquivo.

1900 Morte de Nietzsche, em 25 de agosto. Como causa imediata, uma infecção pulmonar. É sepultado três dias depois em Röcken, o lugarejo natal. Na cerimônia do enterro, Peter Gast diz: "Sagrado seja teu nome para todas as gerações vindouras".

Nota: Para fazer este sumário, foram utilizadas algumas coletâneas de cartas, a biografia de Curt Paul Janz (edição de bolso, 3 volumes, dtv, Munique, 1981) e a Nietzsche-Chronik de Karl Schlechta (Carl Hanser, Munique, 1975) — pcs.

PRÓLOGO

1. Prevendo que dentro em pouco devo dirigir-me à humanidade com a mais séria exigência que jamais lhe foi colocada, parece-me indispensável dizer quem sou. Na verdade já se deveria sabê-lo, pois não deixei de "dar testemunho" de mim. Mas a desproporção entre a grandeza de minha tarefa e a pequenez de meus contemporâneos manifestou-se no fato de que não me ouviram, sequer me viram. Vivo de meu próprio crédito; seria um mero preconceito, que eu viva?... Basta-me falar com qualquer "homem culto" que venha à Alta Engadina no verão para convencer-me de que não vivo... Nessas circunstâncias existe um dever, contra o qual no fundo rebelam-se os meus hábitos, e mais ainda o orgulho de meus instintos, que é dizer: Ouçam-me! Pois eu sou tal e tal. Sobretudo não me coufundam!

2. Não sou, por exemplo, nenhum bicho-papão, nenhum monstro moral — sou até mesmo uma natureza oposta à espécie de homem que até agora se venerou como virtuosa. Cá entre nós, parece-me que justamente isso forma parte de meu orgulho. Sou um discípulo do filósofo Dionísio, preferiria antes ser um sátiro a ser um santo. Mas leia-se este escrito. Talvez eu o tenha conseguido, talvez não tenha ele outro sentido senão expressar essa oposição de maneira feliz e afável. A última coisa que eu prometeria seria "melhorar" a humanidade. Eu não construo novos ídolos; os velhos que aprendam o que significa ter pés de barro. Derrubar ídolos (minha palavra para "ideais") — isto sim é meu ofício. A realidade foi despojada de seu valor, seu sentido, sua veracidade, na medida em que se forjou um mundo ideal... O "mundo verdadeiro" e o "mundo aparente" — leia-se: o mundo forjado e a realidade... A mentira do ideal foi até agora a maldição sobre a realidade, através dela a humanidade mesma tornou-se mendaz e falsa até seus instintos mais básicos — a ponto de adorar os valores inversos aos únicos que lhe garantiriam o florescimento, o futuro, o elevado direito ao futuro.

3. — Quem sabe respirar o ar de meus escritos sabe que é um ar das alturas, um ar forte. É preciso ser feito para ele, senão há o perigo nada pequeno de se resfriar. O gelo está próximo, a solidão é monstruosa — mas quão tranqüilas banham-se as coisas na luz! Com que liberdade se respira! Quantas coisas sente-se abaixo de si! — filosofia, tal como até agora a entendi e vivi, é a vida voluntária no gelo e nos cumes — a busca de tudo o que é estranho e questionável no existir, de tudo o que a moral até agora baniu. Uma longa experiência, trazida por tais andanças pelo proibido, ensinou-me a considerar de modo bem diferente do

desejável as razões pelas quais até agora se moralizou e se idealizou: a história oculta dos filósofos, a psicologia de seus grandes nomes surgiu-me às claras. Quanta verdade suporta, quanta verdade ousa um espírito? Cada vez mais tornou-se isto para mim a verdadeira medida de valor. Erro (— a crença no ideal —) não é cegueira, erro é covardia... Cada conquista, cada passo adiante no conhecimento é conseqüência da coragem, da dureza consigo, da limpeza consigo... Eu não refuto os ideais, apenas ponho luvas diante deles... Nitimur in vetitum:* com este signo vencerá um dia minha filosofia, pois até agora proibiu-se sempre, em princípio, somente a verdade. —

4. Entre minhas obras ocupa o meu Zaratustra um lugar à parte. Com ele fiz à humanidade o maior presente que até agora lhe foi feito. Esse livro, com uma voz de atravessar milênios, é não apenas o livro mais elevado que existe, autêntico livro do ar das alturas — o inteiro fato homem acha-se a uma imensa distância abaixo dele —, é também o mais profundo, o nascido da mais oculta riqueza da verdade, poço inesgotável onde balde nenhum desce sem que volte repleto de ouro e bondade. Aqui não fala nenhum "profeta", nenhum daqueles horrendos híbridos de doença e vontade de poder chamados fundadores de religiões. É preciso antes de tudo ouvir corretamente o som que sai desta boca, este som alciônico, para não se fazer deplorável injustiça ao sentido de sua sabedoria. "As palavras mais silenciosas são as que trazem a tempestade, pensamentos que vêm com pés de pomba dirigem o mundo —"1

> Os figos caem das árvores, são bons e doces: e ao caírem rasga-se sua pele rubra. Um vento do norte sou para os figos maduros.
>
> Assim, como figos vos caem esses ensinamentos, meus amigos: bebei seu sumo e sua doce polpa! É outono em torno e puro céu e tarde.

Aí não fala um fanático, aí não se "prega", aí não se exige fé: é de uma infinita plenitude de luz e profundeza de felicidade que vêm gota por gota, palavra por palavra — uma delicada lentidão é a cadência dessas falas. Tais coisas alcançam apenas os mais seletos; ser ouvinte é aqui um privilégio sem igual; não é dado a todos ter ouvidos para Zaratustra... Com tudo isso, não será Zaratustra um sedutor?... Mas o que diz ele mesmo, ao retornar pela primeira vez à sua solidão? Precisamente o oposto do que diria em tal caso qualquer "sábio", "santo", "salvador do mundo" ou outro décadent...2 Ele não apenas fala diferente, ele é também diferente...

Agora prossigo só, meus discípulos! E vós também, ide embora, sós! Assim o quero.

Afastai-vos de mim e defendei-vos contra Zaratustra! Melhor: envergonhai-vos dele! Talvez ele vos tenha enganado.

O homem do conhecimento deve poder não somente amar seus inimigos, como

também odiar seus amigos.

Retribui-se mal a um mestre, continuando-se sempre apenas aluno. E por que não quereis arrancar louros da minha coroa?

Vós me venerais; mas e se um dia vossa veneração desmoronar? Guardai-vos de que não vos esmague uma estátua!

Dizeis que acreditais em Zaratustra? Mas que importa Zaratustra! Sois os meus crentes, mas que importam todos os crentes!

Ainda não vos havíeis procurado: então me encontrastes. Assim fazem todos os crentes; por isso valem tão pouco todas as crenças.

Agora ordeno que me percais e vos encontreis; e somente quando me tiverdes todos renegado retornarei a vós...3

Friedrich Nietzsche

---

* "Lançamo-nos ao proibido" (Ovídio). (N. T.)

Neste dia perfeito, em que tudo amadurece e não só a videira doura, caiu-me na vida um raio de sol: olhei para trás, olhei para a frente, jamais vi tantas e tão boas coisas de uma só vez. Não foi em vão que enterrei hoje o meu quadragésimo quarto ano, era-me lícito sepultá-lo — o que nele era vida está salvo, é imortal. O primeiro livro da Tresvaloração de todos os valores,4 as Canções de Zaratustra, o Crepúsculo dos ídolos, meu ensaio de filosofar com o martelo — tudo dádivas desse ano, aliás de seu último trimestre! Como não deveria ser grato à minha vida inteira? — E assim me conto minha vida.

POR QUE SOU TÃO SÁBIO

1. A fortuna de minha existência, sua singularidade talvez, está em sua fatalidade: diria, em forma de enigma, que como meu pai já morri, e como minha mãe ainda vivo e envelheço. Essa dupla ascendência, como que do mais elevado e do mais rasteiro degrau da vida, a um tempo décadent e começo — isso explica, se é que algo explica, tal neutralidade, tal ausência de partidarismo em relação ao problema global da vida, que acaso me distingue. Para os sinais de ascensão e declínio tenho um sentido mais fino do que homem algum jamais teve, nisto sou o mestre par excellence — conheço ambos, sou ambos. — Meu pai morreu com trinta e seis anos: ele era suave, amável e mórbido, como um ser destinado a simplesmente passar — antes uma bondosa lembrança da vida do que a vida mesma. No mesmo ano em que sua vida cedia, também a minha declinava: aos trinta e seis anos atingi o ponto mais baixo de minha vitalidade — ainda vivia, sem no entanto enxergar três passos adiante. Então — era o ano de 1879 — abandonei minha cátedra na Basiléia, vivi o verão como uma sombra em St. Moritz e o inverno seguinte, o mais pobre em sol de minha vida, sendo sombra em Naumburg. Esse foi meu nadir: "O andarilho e sua sombra" nasceu durante ele. Indubitavelmente, eu entendia de sombras então... No outro inverno, meu primeiro inverno genovês, aquela dulcificação e espiritualização quase inseparável de uma extrema pobreza em sangue e músculo produziu Aurora. A perfeita luz e alegria, mesmo exuberância do espírito, que a referida obra reflete, harmoniza-se em mim não só com a mais profunda fraqueza fisiológica, mas até mesmo com um excesso da sensação de dor. Em meio ao martírio que traz consigo uma incessante dor de cabeça de três dias, acompanhada de penosa expectoração — possuía eu uma clareza de dialético par excellence e pensava inteiramente, com sangue-frio, coisas para as quais em condições mais sãs não sou ousado, refinado e frio o bastante. Meus leitores sabem talvez até que ponto vejo a dialética como sintoma de décadence, por exemplo no mais famoso dos casos: o caso de Sócrates.

— Todas as perturbações doentias do intelecto, mesmo aquele semi-entorpecimento que acompanha a febre, foram-me até hoje estranhas, coisas sobre cuja natureza e freqüência tive de me informar por via erudita. Meu sangue corre lentamente. Ninguém pôde jamais constatar febre em mim Um médico que tratou-me por algum tempo como doente dos nervos disse afinal: "Não, não é com os seus nervos, eu é que sou nervoso". Impossível demonstrar qualquer degeneração local; nenhum mal do estômago de causa orgânica, embora freqüentemente, como conseqüência do esgotamento geral, grande debilidade do sistema gástrico. Também o mal da vista, por vezes aproximando-se

perigosamente da cegueira, apenas decorrência, nada causal: de modo que a cada aumento da força vital também a força da visão cresceu. — Restabelecimento significa em mim uma longa, demasiado longa sucessão de anos — significa também, infelizmente, recaída, decaída, periodicidade de uma espécie de décadence. Necessito dizer, após tudo isso, que sou experimentado em questões de décadence? Conheço-a de trás para a frente. Inclusive aquela arte de filigrana do prender e apreender, aqueles dedos para nuances, aquela psicologia do "ver além do ângulo", e o que mais me seja próprio, tudo foi então aprendido, é a verdadeira dádiva daquele tempo em que tudo em mim se refinava, tanto a observação mesma como os órgãos da observação. Da ótica do doente ver conceitos e valores mais sãos, e, inversamente, da plenitude e certeza da vida rica descer os olhos ao secreto lavor do instinto de décadence — este foi o meu mais longo exercício, minha verdadeira experiência, se em algo vim a ser mestre, foi nisso. Agora tenho-o na mão, tenho mão bastante para deslocar perspectivas: razão primeira porque talvez somente para mim seja possível uma "tresvaloração dos valores".5

2. Sem considerar que sou um décadent, sou também o seu contrário. Minha prova para isso é, entre outras, que instintivamente sempre escolhi os remédios certos contra os estados ruins: enquanto o décadent em si sempre escolhe os meios que o prejudicam. Como summa summarum [totalidade] eu era sadio, como ângulo, como especialidade era décadent. Aquela energia para o absoluto isolamento e desprendimento das relações habituais, a imposição de não mais me deixar cuidar, servir, socorrer6 — isso trai a incondicional certeza de instinto sobre o que, então, era mais que tudo necessário. Tomei a mim mesmo em mãos, curei a mim mesmo: a condição para isso — qualquer fisiólogo admitirá — é ser no fundo sadio. Um ser tipicamente mórbido não pode ficar são, menos ainda curar-se a si mesmo; para alguém tipicamente são, ao contrário, o estar enfermo pode ser até um enérgico estimulante ao viver, ao mais-viver. De fato, assim me aparece agora aquele longo tempo de doença: descobri a vida e a mim mesmo como que de novo, saboreei todas as boas e mesmo pequenas coisas, como outros não as teriam sabido saborear — fiz da minha vontade de saúde, de vida, a minha filosofia... Pois atente-se para isso: foi durante os anos de minha menor vitalidade que deixei de ser um pessimista: o instinto de auto-restabelecimento proibiu-me uma filosofia da pobreza e do desânimo... E como se reconhece, no fundo, a vida que vingou?7 Um homem que vingou faz bem a nossos sentidos: ele é talhado em madeira dura, delicada e cheirosa ao mesmo tempo. Só encontra sabor no que lhe é salutar; seu agrado, seu prazer cessa, onde a medida do salutar é ultrapassada. Inventa meios de cura para injúrias, utiliza acasos ruins em seu proveito; o que não o mata o fortalece. De tudo o que vê, ouve e vive forma instintivamente sua soma: ele é um princípio seletivo, muito deixa de lado. Está sempre em sua companhia, lide com homens, livros ou paisagens: honra na medida em que elege, concede, confia.

Reage lentamente a toda sorte de estímulo, com aquela lentidão que uma larga previdência e um orgulho conquistado nele cultivaram — interroga o estímulo que se aproxima, está longe de ir ao seu encontro. Descrê de "infortúnio" como de "culpa": acerta contas consigo, com os outros, sabe esquecer — é forte o bastante para que tudo tenha de resultar no melhor para ele. — Pois bem, eu sou o oposto de um décadent: pois acabo de descrever a mim mesmo.

3.8 Esta dupla série de experiências, esta acessibilidade a mundos aparentemente separados repete-se em minha natureza em todo aspecto — eu sou um sósia, possuo também a "segunda" visão, além da primeira. E talvez ainda uma terceira... Já minha ascendência permite-me enxergar além das perspectivas puramente locais, puramente nacionais; não me exige esforço ser um "bom europeu". Por outro lado, sou talvez mais alemão do que ainda podem ser os alemães de hoje, meros alemães do Reich9 — eu, o último alemão antipolítico. E no entanto, meus antepassados eram nobres poloneses: deles tenho muito instinto de raça no corpo, quem sabe até mesmo ainda o liberum veto.10 Se penso no quão freqüentemente, em viagens, sou abordado como se fosse polonês, até por poloneses, e no quão raramente tomam-me por alemão, poderia parecer que pertenço aos alemães malhados. Mas minha mãe, Franziska Oehler, é de qualquer modo bastante alemã; assim também minha avó paterna. Erdmuthe Krause. Esta última passou toda a sua juventude na velha e boa Weimar, não sem relação com o círculo de Goethe. Seu irmão, o catedrático de teologia Krause, de Königsberg, foi chamado a Weimar como superintendente geral, após a morte de Herder. Não é impossível que sua mãe, minha bisavó, seja a que aparece no diário do jovem Goethe sob o nome de "Muthgen". Ela se casou em segundas núpcias com o superintendente Nietzsche, de Eilenburg; deu à luz no dia do grande ano de guerra em que Napoleão entrou em Eilenburg com seu estado-maior, em 10 de outubro de 1813. Como saxã, era grande admiradora de Napoleão; pode ser que eu ainda o seja. Meu pai, nascido em 1813, morreu em 1849. Antes de assumir o cargo de pastor da comunidade de Roecken, pouco distante de Lützen, viveu alguns anos no castelo de Altenburg, como preceptor das quatro princesas. Suas alunas são a rainha de Hannover, a grã-duquesa Constantin, a grã-duquesa de Oldenburg e a princesa Therese de Saxe-Altenburg. Ele tinha profunda reverência pelo rei Frederico Guilherme iv da Prússia, graças a quem foi pastor; os acontecimentos de 1848 perturbaram-no sobremaneira. Eu próprio, nascido no dia de anos do mencionado rei, 15 de outubro, recebi apropriadamente os nomes de Frederico Guilherme, habituais entre os Hohenzollern. A escolha desse dia teve de qualquer modo uma vantagem: durante toda a minha infância meu aniversário foi dia de festas. — Vejo como um grande privilégio haver tido tal pai: parece-me mesmo que assim se explica tudo o mais que possuo em privilégios — a vida, o grande Sim à vida não incluído. Sobretudo, que não me seja preciso aspirar, mas tão-somente esperar, para transpor involuntariamente um mundo de coisas mais elevadas e

delicadas: lá estou em casa, minha mais íntima paixão torna-se lá somente livre. Que eu tenha pago quase com a vida esse privilégio não é, certamente, um negócio injusto. — Para compreender um pouco que seja do meu Zaratustra, é necessário talvez estar em condição semelhante à minha — com um pé além da vida...

4. Nunca entendi da arte de indispor contra mim — também isso devo a meu incomparável pai — mesmo quando me pareceu de grande valor. Embora possa parecer pouco cristão, não sou sequer indisposto contra mim mesmo, pode-se virar e revirar minha vida, nela se descobrirá raramente, apenas uma vez, no fundo, indícios de que alguém tenha mantido má vontade para comigo — talvez surjam, porém, indícios em excesso de boa vontade... Mesmo minhas experiências com aqueles com quem todos têm más experiências falam a seu favor; eu domo qualquer urso, faço até os bufões se comportarem. Nos sete anos em que ensinei grego à classe mais adiantada do Pädagogium11 da Basiléia, não tive ocasião para impor castigo; os mais relapsos eram industriosos comigo. Sempre estive à altura do inesperado; devo estar despreparado, para estar senhor de mim. Seja qual for o instrumento, esteja ele desafinado como só o instrumento "homem" pode desafinar — eu teria de estar doente, para não conseguir extrair dele algo que se ouvisse. E quantas vezes ouvi dos "instrumentos" mesmos que eles nunca haviam se escutado assim... Da maneira mais bela, talvez, daquele Heinrich von Stein que morreu imperdoavelmente jovem, o qual certa vez, tendo obtido cuidadosamente a permissão para isso, apareceu por três dias em Sils-Maria, esclarecendo a todos que não vinha pela Engadina. Este homem excelente, que com toda a impetuosa inocência de um junker12 prussiano mergulhara no lamaçal de Wagner (— e no de Dühring, ademais!), foi nesses três dias como que transformado por um vendaval de liberdade, como alguém que de repente é alçado à sua altura e recebe asas. Eu lhe dizia sempre que isso vinha do ar bom do local, assim era com todos, não era em vão que estávamos seis mil pés acima de Bayreuth — mas ele não queria crer em mim... Se não obstante sofri mais de uma desfeita, pequena e grande, a causa não foi "a vontade", muito menos a má vontade: teria antes — já o insinuei — de queixar-me da boa vontade, que produziu transtorno nada pequeno em minha vida. Minha experiência me dá o direito de desconfiar em princípio dos impulsos chamados "desinteressados", de todo o "amor ao próximo", sempre disposto à palavra e ao ato. Eu o vejo em si como fraqueza, como caso especial da incapacidade de resistência aos estímulos — a compaixão passa por virtude apenas entre os décadents. O que lanço ao rosto dos compassivos é que lhes escapa facilmente o pudor, a delicadeza, a reverência às distâncias, que compaixão cheira instantaneamente a plebe e assemelha-se às más maneiras a ponto de com elas confundir-se — que mãos compassivas podem por vezes interferir destruidoramente em um grande destino, em uma solidão ferida, em um privilégio à culpa grave. Coloco a superação da compaixão entre as virtudes nobres: narrei poeticamente,

como a "Tentação de Zaratustra", um momento em que lhe vem um grito de socorro, em que a compaixão busca surpreendê-lo como um último pecado, subtraí-lo de si mesmo. Permanecer senhor da situação, manter a altura de sua tarefa limpa dos impulsos mais baixos e míopes que agem nas chamadas ações desinteressadas, eis a prova, a última prova talvez, que um Zaratustra deve prestar — sua verdadeira demonstração de força...

5. Em mais outro ponto sou apenas meu pai novamente, e como que sua sobrevida após uma morte prematura. Assim como todo aquele que nunca viveu entre seus iguais, e a quem a noção de "retribuição" é tão inacessível quanto, por exemplo, a de "direitos iguais", proíbo-me qualquer contramedida, qualquer medida de proteção, nos casos em que se comete uma estupidez pequena ou muito grande comigo — também, claro, qualquer defesa, qualquer "justificação". Minha forma de retribuição consiste em fazer seguir à estupidez, o mais rapidamente possível, algo inteligente: talvez assim ainda se possa apanhá-la. Usando uma imagem: envio um recipiente com doces para desfazer-me de uma coisa azeda... Basta que me façam algo de mal, eu o "retribuo", disso esteja-se seguro: logo encontro oportunidade de expressar minha gratidão ao "malfeitor" (por vezes até pelo malfeito) — ou de pedir-lhe algo, o que pode ser mais cortês do que dar algo... Parece-me também que a palavra mais grosseira, a carta mais grosseira, são ainda mais humanas e mais honestas do que o silêncio. Aos que silenciam falta-lhes quase sempre finura e cortesia do coração; silenciar é uma objeção, engolir as coisas produz necessariamente mau caráter — estraga inclusive o estômago. Todos os calados são dispépticos. — Veja-se que não desejo ver subestimada a grosseria; ela é, de longe, a mais humana forma da contradição, e, em meio ao amolecimento moderno, uma de nossas primeiras virtudes. — Quando se é rico o bastante para isso, é inclusive uma fortuna estar errado. Um deus que viesse à Terra não poderia fazer senão injustiça — tomar a si não a pena, mas a culpa, é que seria divino.

6. Estar livre do ressentimento, estar esclarecido sobre o ressentimento — quem sabe até que ponto também nisso devo ser grato à minha longa enfermidade! O problema não é exatamente simples: é preciso tê-lo vivido a partir da força e a partir da fraqueza. Se existe algo em absoluto a objetar no estado de doença e de fraqueza, é que nele esmorece no homem o verdadeiro instinto de cura, ou seja, o instinto de defesa e ofensa. Não se sabe nada rechaçar, de nada se desvencilhar, de nada dar conta — tudo fere. A proximidade de homem e coisa molesta, as vivências calam fundo demais, a lembrança é uma ferida supurante. Estar doente é em si uma forma de ressentimento. — Contra isso o doente tem apenas um grande remédio — eu o chamo de fatalismo russo, aquele fatalismo sem revolta, com o qual o soldado russo para quem a campanha torna-se muito dura finalmente deita-se na neve. Absolutamente nada mais em si aceitar, acolher, engolir 13 — não mais

reagir absolutamente... A grande sensatez desse fatalismo, que nem sempre é apenas coragem para a morte, mas conservação da vida nas circunstâncias vitais mais perigosas, é a diminuição do metabolismo, seu retardamento, uma espécie de vontade de hibernação. Alguns passos adiante nesta lógica e temos o faquir que durante semanas dorme em um túmulo... Porque nos consumiríamos muito rapidamente se reagíssemos, não reagimos mais: esta é a lógica. E nenhuma chama nos devora tão rapidamente quanto os afetos do ressentimento. O aborrecimento, a suscetibilidade doentia, a impotência de vingança, o desejo, a sede de vingança, o revolver venenos em todo sentido — para os exaustos é esta certamente a forma mais nociva de reação: produz um rápido consumo de energia nervosa, um aumento doentio de secreções prejudiciais, de bílis no estômago, por exemplo. O ressentimento é o proibido em si para o doente — seu mal: infelizmente também sua mais natural inclinação. — Isso compreendeu aquele profundo fisiólogo que foi Buda. Sua "religião", que se poderia designar mais corretamente como uma higiene, para não confundi-la com coisas lastimáveis como o cristianismo, fazia depender sua eficácia da vitória sobre o ressentimento: libertar a alma dele — primeiro passo para a convalescença. "Não pela inimizade termina a inimizade, pela amizade termina a inimizade"; isto se acha no começo dos ensinamentos de Buda — assim não fala a moral, assim fala a fisiologia. — O ressentimento, nascido da fraqueza, a ninguém mais prejudicial do que ao fraco mesmo — no outro caso, em que se pressupõe uma natureza rica, um sentimento supérfluo, um sentimento tal que dominá-lo é quase a prova da riqueza. Quem conhece a seriedade com que minha filosofia perseguiu a luta contra os sentimentos de vingança e rancor, até ao interior da doutrina do "livre-arbítrio" — a luta contra o cristianismo é apenas um caso particular dela —, compreenderá por que coloco exatamente aqui em evidência meu comportamento pessoal, minha segurança instintiva na prática. Nos períodos de décadence eu os proibi a mim por prejudiciais; tão logo a vida voltou a ser rica e orgulhosa o bastante para isso, eu os proibi como abaixo de mim. Aquele "fatalismo russo" de que falei mostrou-se em mim no fato de que durante anos apeguei-me tenazmente a situações, paragens, moradas, companhias quase insuportáveis, uma vez que me haviam sido dispostas pelo acaso — era melhor do que mudá-las, do que senti-las como mutáveis — do que revoltar-se contra elas... Perturbar-me nesse fatalismo, despertar-me à força ofendia-me fatalmente então — em verdade sempre foi fatalmente perigoso. — Tomar a si mesmo como um fado, não se querer "diferente" — em tais condições isso é a grande sensatez mesma.

7. Outra coisa é a guerra. Sou por natureza guerreiro. Agredir é parte de meus instintos. Poder ser inimigo, ser inimigo — isso pressupõe talvez uma natureza forte, é em todo caso condição de toda natureza forte. Ela necessita de resistências, portanto busca resistência: o pathos agressivo está ligado tão necessariamente à força quanto os sentimentos de vingança e rancor à fraqueza. A

mulher, por exemplo, é vingativa: isso é determinado por sua fraqueza, tanto quanto sua sensibilidade à aflição alheia. — A força do agressor tem na oposição de que precisa uma espécie de medida; todo crescimento se revela na procura de um poderoso adversário — ou problema: pois um filósofo guerreiro provoca também os problemas ao duelo. A tarefa não consiste em subjugar quaisquer resistências, mas sim aquelas contra as quais há que investir toda a força, agilidade e mestria das armas — subjugar adversários iguais a nós... Igualdade frente ao inimigo — primeiro pressuposto para um duelo honesto. Quando se despreza não se pode fazer a guerra; quando se comanda, quando se vê algo abaixo de si, não há que fazer a guerra. Minha prática de guerra pode-se resumir em quatro princípios. Primeiro: ataco somente causas vitoriosas — ocasionalmente, espero até que sejam vitoriosas. Segundo: ataco somente causas em que não encontraria aliados, em que estou só — em que me comprometo sozinho... Nunca dei um passo em público que não me comprometesse — este é o meu critério do justo obrar. Terceiro: nunca ataco pessoas — sirvo-me da pessoa como uma forte lente de aumento com que se pode tornar visível um estado de miséria geral porém dissimulado, pouco palpável. Assim ataquei David Strauss, ou mais precisamente o sucesso de um livro senil junto à "cultura" alemã — apanhei essa cultura em flagrante...14 Assim ataquei Wagner, ou mais precisamente a falsidade, a bastardia de instinto de nossa "cultura", que confunde os sofisticados com os ricos, os tardios com os grandes. Quarto: ataco somente coisas de que está excluída qualquer diferença pessoal, em que não existe pano de fundo de experiências ruins. Pelo contrário, atacar é em mim prova de benevolência, ocasionalmente de gratidão. Eu honro, eu distingo, ao ligar meu nome ao de uma causa, uma pessoa: a favor ou contra — não faz diferença para mim. Se faço guerra ao cristianismo, isso me é facultado, porque dessa parte nunca experimentei contrariedades e obstáculos — os mais sérios cristãos sempre foram bem-dispostos para comigo. Eu mesmo, um adversário de rigueur do cristianismo, estou longe de guardar ódio ao indivíduo pelo que é a fatalidade de milênios. —

8. Posso arriscar-me a indicar um último traço de minha natureza que me cria não pouca dificuldade no trato com os homens? Pertence-me uma sensibilidade perfeitamente inquietante do instinto de limpeza, de modo que percebo fisiologicamente — farejo — a proximidade ou — que digo? — a parte mais íntima, as "entranhas" de cada alma... Tenho nesta sensibilidade antenas psicológicas, com as quais toco e me aposso de cada segredo: já ao primeiro contato tomo ciência da muita sujeira escondida no fundo de mais de uma natureza, talvez devida ao mau sangue, porém coberta por fina tinta de educação. Se observei corretamente, tais naturezas intoleráveis à minha limpeza também sentem, por seu lado, a cautela de meu nojo: o que não as torna menos malcheirosas... Como sempre foi meu hábito — uma extrema lisura comigo mesmo é o pressuposto de minha existência, eu pereço em condições impuras —, eu me banho, nado e

patinho como que continuamente em água, em algum elemento perfeitamente cristalino e cintilante. Isso me torna o comércio com os homens uma prova de paciência nada pequena; minha humanidade não consiste em sentir com o homem como ele é, mas em suportar que o sinta... Minha humanidade é uma contínua superação de mim mesmo. — Mas tenho necessidade de solidão, quer dizer, recuperação, retorno a mim, respiração de ar livre, leve, alegre... Todo o meu Zaratustra é um ditirambo à solidão, ou, se fui compreendido, à pureza... Felizmente não à pura tolice.15 Quem tem olhos para cores o chamará diamante. — O nojo do homem, da "gentalha", sempre foi o meu maior perigo... Querem ouvir as palavras com que Zaratustra fala da libertação do nojo?

Mas que me aconteceu? Como me libertei do nojo? Quem rejuvenesceu meus olhos? Como voei às alturas onde a gentalha não mais senta à beira do poço?

Meu próprio nojo criou-me asas, e deu-me a vidência para as fontes? Em verdade, tive de voar às grandes alturas para de novo encontrar a nascente do prazer!

Oh, eu a encontrei, meus irmãos! Aqui, no mais alto, brota para mim a nascente do prazer! E há uma vida da qual gentalha nenhuma bebe conosco!

Jorras quase que impetuosa demais, fonte do prazer! E muitas vezes esvazias novamente a taça, ao querer enchê-la.

E ainda devo aprender a acercar-me de ti com maior moderação: muito impetuosamente corre meu coração ao teu encontro:

— o coração em que arde o meu estio, esse estio breve, cálido, melancólico, mais que bem-aventurado. Como anseia meu coração estival pelo teu frescor!

Terminada a indecisa aflição da minha primavera! Passada a maldade dos meus flocos de neve em junho! Tornei-me inteiro verão e meio-dia do verão, —

Um verão nas grandes alturas, com frias fontes e bem-aventurada quietude: vinde, ó meus amigos, para que a quietude ainda mais bem-aventurada se torne!

Pois esta é nossa altura e nosso lugar: aqui habitamos, demasiado alto e íngreme para todos os impuros e sua sede.

Lançai vossos olhos puros à nascente do meu prazer, ó amigos! Como poderia isso enturvá-la? Sorriria para vós com sua pureza.

Na árvore futuro construamos nosso ninho; a nós, solitários, águias trarão alimento nos bicos!

Em verdade, não um alimento de que também os impuros comessem! Imaginariam estar comendo fogo e queimariam os focinhos!

Em verdade, aqui não mantemos moradas para os impuros! Para seus corpos e para seus espíritos pareceria a nossa fortuna uma caverna de gelo!

E como ventos fortes vivamos acima deles, vizinhos às águias, vizinhos à neve, vizinhos ao sol: assim vivem ventos fortes.

E tal como um vento quero um dia soprar entre eles e com meu espírito tirar o ar ao seu espírito: assim o quer meu futuro.

Em verdade, um forte vento é Zaratustra para todas as baixuras; e este conselho dá ele aos seus inimigos e a tudo que cospe e escarra: guardai-vos de cuspir contra o vento!...16

POR QUE SOU TÃO INTELIGENTE

1. — Por que sei algo mais? Por que sou enfim tão inteligente? Nunca refleti sobre problemas que não o são — não me desperdicei. — Autênticas dificuldades religiosas, por exemplo, jamais experimentei. Escapa-me inteiramente o quanto deveria sentir-me "pecador". Desconheço igualmente um critério confiável para [definir] o que seja um remorso: pelo que se ouve, não me parece coisa respeitável... Não gostaria de abandonar uma ação após tê-la cometido, preferiria deixar o mau resultado, as conseqüências, radicalmente fora da questão do valor. Quando as coisas resultam mal, perde-se muito facilmente o olho bom para o que se fez: um remorso parece-me uma espécie de olho ruim. Honrar mais ainda dentro de si o que dá errado, porque deu errado — isto sim está de acordo com minha moral. — "Deus", "imortalidade da alma", "salvação", "além", puras noções, às quais não dediquei atenção nenhuma, tempo algum, mesmo quando criança — talvez não fosse infantil bastante para isso. — Não conheço em absoluto o ateísmo como resultado, menos ainda como acontecimento: em mim ele é óbvio por instinto. Sou muito inquiridor, muito duvidoso, muito altivo para me satisfazer com uma resposta grosseira. Deus é uma resposta grosseira, uma indelicadeza para conosco, pensadores — no fundo até mesmo uma grosseira proibição para nós: não devem pensar!... De maneira bem outra interessa-me uma questão da qual depende mais a "salvação da humanidade" do que de qualquer curiosidade de teólogos: a questão da alimentação. Para uso imediato, podemos colocá-la assim: "como você deve alimentar-se para alcançar seu máximo de força, de virtù no estilo da Renascença, de virtude livre de moralina?".17 — Minhas experiências neste ponto são as piores possíveis; surpreendo-me por ter ouvido essa questão tão tarde, por haver tão tarde retirado "razão" dessas experiências. Somente a perfeita nulidade de nossa cultura alemã — seu "idealismo" — explica até certo ponto, para mim, porque nisso era eu de um atraso que beirava a santidade. Esta "cultura", que já de início ensina a perder as realidades de vista, para correr atrás de objetivos inteiramente problemáticos, "ideais", a "formação clássica", por exemplo — como se não fosse uma empresa de antemão condenada, juntar "clássico" e "alemão" em um conceito! Mais do que isso, divertida — imagine-se um cidadão de Leipzig com "formação clássica"! De fato, até minha maturidade sempre comi mal — para expressá-lo em termos morais, de modo "impessoal", "desinteressado", "altruísta", para bem dos cozinheiros e outros irmãos em Cristo. Foi, por exemplo, graças à cozinha de Leipzig, quando do meu primeiro estudo de Schopenhauer (1865), que neguei muito seriamente minha "vontade de vida". Arruinar ainda o estômago, com o fim de alimentar-se de modo insuficiente — a

mencionada cozinha me parecia resolver esse problema de maneira admiravelmente feliz. (Diz-se que o ano de 1866 trouxe aí mudança.) Mas a cozinha alemã em geral — o que não carrega na consciência! A sopa antes da refeição (nos livros culinários venezianos do século xvi ainda chamada alla tedesca [à moda alemã]); as carnes demasiado cozidas, as verduras gordurosas e farinhentas; a degeneração dos doces em peso para papel! Se a isto se acrescenta a necessidade positivamente animalesca de regar o que se comeu, própria dos antigos — e não só dos antigos — alemães, compreende-se também a origem do espírito alemão: entranhas enturvadas... O espírito alemão é uma indigestão, de nada dá conta. — Mas também a dieta inglesa, que comparada à alemã, mesmo à francesa, representa uma espécie de "retorno à natureza", ou seja, ao canibalismo, repugna profundamente ao meu instinto; parece-me que ela dota o espírito de pés pesados — pés de inglesas... A melhor cozinha é a do Piemonte. — Bebidas alcoólicas me são prejudiciais; um copo de vinho ou cerveja por dia basta perfeitamente para tornar a vida um "vale de lágrimas" para mim — em Munique vivem meus antípodas. Embora tenha percebido isso um pouco tarde, eu o vivi desde pequeno. Quando menino, acreditava que o vinho, como o tabaco, fosse inicialmente apenas vaidade de homens jovens, mais tarde um mau costume. Talvez o vinho de Naumburg tenha sua parte de culpa neste juízo acre. Crer que o vinho alegra: para isso eu teria de ser cristão, isto é, crer no que para mim justamente é absurdo. Curiosamente, enquanto pequenas doses de álcool fortemente diluídas alteram-me o ânimo ao extremo, eu me torno quase que um homem do mar quando se trata de doses fortes. Já quando garoto via nisso a minha valentia. Redigir e passar a limpo uma dissertação latina em uma noite de vigília, pondo na pena a ambição de imitar meu modelo Salústio em rigor e concisão, e derramar sobre o meu latim algum grogue de alto calibre, eis algo que, já quando era aluno da venerável Schulpforta, não contrariava minha fisiologia, tampouco talvez a de Salústio — ainda que certamente a venerável Schulpforta... Mais tarde, lá pelo meio da vida, é certo que tomei partido rigoroso contra qualquer bebida "espirituosa": eu, adversário por experiência do vegetarianismo, exatamente como Richard Wagner, que me converteu, não saberia aconselhar com seriedade bastante a completa abstenção de álcool às naturezas mais espirituais. Água basta... Tenho preferência por lugares onde se possa beber de fontes vivas (Nice, Turim, Sils): um pequeno copo me segue como um cão. In vino veritas [no vinho, a verdade]: parece que também nisso me acho em desacordo com o mundo quanto ao conceito de "verdade" — em mim paira o espírito sobre a água...18 Mais algumas indicações extraídas de minha moral. Uma refeição forte é mais fácil de digerir do que uma demasiado ligeira. Que o estômago entre inteiro em atividade, primeira condição para uma boa digestão. Deve-se conhecer o tamanho do próprio estômago. Pelo mesmo motivo são desaconselháveis as tediosas refeições que chamo de banquetes sacrificiais interrompidos, aquelas na table d'hôte [mesa de pensão]. — Nada entre as refeições, nenhum café: café obscurece. Chá, somente

de manhã benéfico. Pouco, porém vigoroso: é prejudicial e debilitante por todo o dia quando fraco demais, mesmo que por um mínimo. Cada qual possui nisso a sua medida, com freqüência entre os limites mais estreitos e delicados. Em um clima irritante desaconselha-se o chá como primeira bebida: deve-se começar uma hora antes por uma xícara de chocolate espesso sem gordura. — Ficar sentado o menor tempo possível; não dar crença ao pensamento não nascido ao ar livre, de movimentos livres — no qual também os músculos não festejem. Todos os preconceitos vêm das vísceras. — A vida sedentária — já o disse antes — eis o verdadeiro pecado contra o santo espírito.19 —

2. Com a questão da alimentação relaciona-se antes de tudo a questão do lugar e do clima. A ninguém é dado viver em qualquer lugar; e quem tem grandes tarefas a resolver, que desafiam toda a sua força, tem mesmo opção muito limitada. A influência climática sobre o metabolismo, seu retardamento, sua aceleração, é tal que um equívoco quanto a lugar e clima pode não apenas alhear um homem de sua tarefa, como inclusive ocultá-la de todo: ele não consegue tê-la em vista. O vigor animal jamais se tornou nele grande o suficiente para atingir aquela liberdade que transborda para o domínio do mais espiritual, quando se percebe: isto posso eu somente... Pequena que seja, uma indolência das entranhas tornada mau hábito basta inteiramente para transformar um gênio em algo mediano, algo "alemão"; o clima alemão em si já é suficiente para desencorajar vísceras fortes, de disposição heróica inclusive. O tempo do metabolismo mantém relação precisa com a mobilidade ou a paralisia dos pés do espírito; o próprio "espírito" não passa de uma forma desse metabolismo. Pense-se nos lugares em que há ou houve homens ricos de espírito, em que engenho, refinamento, malícia são parte da felicidade, onde o gênio quase que necessariamente sentiu-se em casa: todos possuem um ar magnificamente seco. Paris, a Provença, Florença, Jerusalém, Atenas — esses nomes provam algo: o gênio é condicionado pelo ar seco, pelo céu puro — isto é, por um metabolismo rápido, pela possibilidade de suprir-se sempre novamente de grandes, tremendas quantidades de energia. Tenho em mente um caso em que um espírito notável e potencialmente livre tornou-se estreito, encolhido, um rabugento especialista, por simples falta de fineza de instintos com relação ao clima. E eu mesmo poderia ter me tornado afinal este caso, se a doença não me tivesse forçado à razão, à reflexão sobre a razão no real. Agora, em que após longa prática sei ler em mim os influxos de origem climática e meteorológica, como em um instrumento muito sensível e confiável, e já numa curta viagem como de Turim a Milão posso calcular fisiologicamente a variação em graus da umidade do ar, penso com horror no fato sinistro de que excetuando os últimos dez anos, anos com perigo de vida, minha vida se passou apenas em lugares errados e realmente proibidos para mim. Naumburg, Schulpforta, a Turíngia mesma, Leipzig, a Basiléia, Veneza — tantos lugares nefastos à minha fisiologia. Se não tenho sequer uma lembrança agradável de toda

a minha infância e juventude, seria tolice apresentar para isso causas ditas "morais" — como a indiscutível falta de companhia adequada: pois esta falta existe hoje como sempre existiu, sem que me impedisse de ser bravo e contente. A ignorância in physiologicis [em questões de fisiologia] — o maldito "idealismo" — é a verdadeira fatalidade em minha vida, o estúpido e supérfluo nela, algo de que nada bom resultou, para o qual não há compensação ou contrapartida. Como conseqüências desse "idealismo" explico a mim mesmo todos os desacertos, todos os grandes desvios do instinto e "modéstias" exteriores à tarefa de minha vida, por exemplo, que me tornasse filólogo — por que não médico, ao menos, ou alguma outra coisa própria para abrir os olhos? No meu tempo na Basiléia, toda a minha dieta espiritual, a divisão do dia incluída, era um desperdício sem sentido de forças extraordinárias, sem cuidar de uma provisão para cobrir o consumo, sem mesmo refletir sobre consumo e compensação. Faltava um sutil "cuidado de si", a tutela de um instinto imperioso, era um nivelar-se a qualquer um, uma "ausência de si", um esquecimento da distância própria — algo que jamais me perdôo. Quando estava quase no fim, por estar quase no fim, pus-me a refletir sobre essa radical insensatez de minha vida — o "idealismo". Foi a doença que me trouxe à razão. —

3. A escolha na alimentação; a escolha de clima e lugar; — o terceiro ponto em que não se pode por preço algum cometer erro é na escolha de sua espécie de distração. Também nisso a medida em que um espírito é sui generis torna ainda mais estreitos os limites do que lhe é permitido, ou seja, útil. No meu caso, toda leitura faz parte de minhas distrações: portanto, do que me desprende de mim mesmo, do que me faz passear por ciências e almas alheias — o que não mais levo a sério. A leitura me distrai justamente de minha seriedade. Em períodos de profundo trabalho não se vê livro algum comigo: eu me preveniria contra alguém que falasse ou mesmo pensasse em minha presença. Pois isto seria ler... Já se observou realmente que naquela profunda tensão a que a prenhez conduz o espírito, e no fundo todo o organismo, o acaso, toda espécie de estímulo de fora tem efeito demasiado violento, "golpeia" fundo demais? É preciso esquivar-se tanto quanto possível ao acaso, ao estímulo de fora; um como que emparedar-se a si mesmo está entre as sabedorias instintivas da prenhez espiritual. Permitirei que um pensamento alheio escale furtivamente o muro? — Pois isto seria ler... Aos períodos de trabalho e fecundidade sucede o tempo de distração: vinde a mim, livros agradáveis, livros inteligentes e espirituosos! Serão livros alemães?... Tenho de retroceder seis meses para me surpreender com um livro nas mãos. Mas qual era ele? — Um excelente estudo de Victor Brochard, Les sceptiques grecs, no qual também as minhas Laertiana20 são bem utilizadas. Os céticos, o único tipo respeitável entre essa gente cheia de duplicidade — de quintuplicidade — que são os filósofos!... Quanto ao mais, tomo refúgio quase sempre nos mesmos livros, um número pequeno na verdade, os que provaram ser feitos para mim. Não é talvez de minha natureza ler muitas e diferentes coisas: uma sala de leitura me faz doente.

Também não é de minha natureza amar muito e variadamente. Cautela, e mesmo hostilidade para com novos livros, fazem parte de meu instinto, não "tolerância", "largeur du coeur" [largueza de coração] ou outro "amor ao próximo"... É a um número na verdade pequeno de velhos franceses que sempre retorno: creio apenas na cultura francesa e vejo como um mal-entendido tudo o mais que se denomina "cultura" na Europa, para não falar da cultura alemã... Os poucos casos de alta cultura com que deparei na Alemanha eram de procedência francesa, acima de tudo frau Cosima Wagner, de longe a primeira voz em questões de gosto que jamais ouvi. — Que eu não leia Pascal, mas o ame, como a mais instrutiva vítima do cristianismo, lentamente assassinado, primeiro corporalmente, depois psicologicamente, toda a lógica desta mais horrível forma de crueldade desumana; que eu tenha algo da petulância de Montaigne no espírito, quem sabe também no corpo; que meu gosto de artista defenda, não sem fervor, os nomes de Molière, Corneille e Racine contra um gênio agreste como Shakespeare: nada disso impede afinal que também os franceses mais recentes sejam para mim companhia encantadora. Não vejo absolutamente em que século da história se poderia pôr lado a lado psicólogos tão inquiridores e ao mesmo tempo tão delicados como na Paris de hoje: menciono como amostra — pois o seu número não é pequeno — os senhores Paul Bourget, Pierre Loti, Gyp, Meilhac, Anatole France, Jules Lemaître, ou, para destacar um da raça forte, um autêntico latino ao qual sou especialmente afeiçoado, Guy de Maupassant. Prefiro mesmo, seja dito entre nós, esta geração a seus grandes mestres, os quais foram todos corrompidos pela filosofia alemã (o sr. Taine, por exemplo, por Hegel, a quem deve a má compreensão de grandes homens e grandes épocas). Onde reina, a Alemanha corrompe a cultura. Somente a guerra "redimiu" o espírito na França... Stendhal, um dos mais belos acasos de minha vida — pois tudo o que nela marcou época foi-me trazido pelo acaso, jamais pela recomendação — é absolutamente inestimável, com seu antecipador olho de psicólogo, com sua garra para o real que lembra a proximidade do grande realista (ex ungue Napoleonem);21 e por fim, mérito não menor, como honesto ateísta, espécie rara e dificilmente encontrável na França — com toda a deferência a Prosper Mérimée... Talvez tenha eu mesmo inveja de Stendhal? Ele me roubou a melhor piada de ateísta que justamente eu poderia ter feito: "A única desculpa de Deus é não existir"... Eu mesmo disse em algum lugar: qual foi até agora a maior objeção à existência? Deus...22

4. A idéia suprema de poeta lírico me foi dada por Heinrich Heine. Em vão busco em todos os reinos dos milênios por uma música tão doce e apaixonada. Ele possuía aquela malícia divina sem a qual sou incapaz de imaginar o perfeito — estimo o valor dos homens e das raças pelo quão necessariamente concebem o deus como inseparável do sátiro. — E como maneja o alemão! Ainda se dirá que Heine e eu fomos de longe os primeiros artistas da língua alemã — a incalculável distância de tudo o que meros alemães com ela fizeram. — Com o Manfred de

Byron tenho sem dúvida profundo parentesco: todos esses abismos eu os encontrei em mim — com treze anos era maduro para essa obra. Não tenho uma palavra, apenas um olhar, para aqueles que em presença de Manfred ousam pronunciar a palavra "Fausto". Os alemães são incapazes de qualquer idéia de grandeza: vide Schumann. Expressamente por raiva contra este saxão adocicado compus uma antiabertura para Manfred, da qual disse Hans von Bülow não ter jamais visto algo semelhante em papel de música: um estupro em Euterpe, segundo ele.23 — Quando busco minha mais alta fórmula para Shakespeare, encontro sempre uma: haver concebido o tipo de César. Algo assim não se intui, se é ou não se é. O grande poeta nutre-se apenas de sua realidade — até o ponto de depois não mais suportar a sua obra... Após olhar em meu Zaratustra, ando de um lado para outro em meu quarto durante meia hora, sem conseguir dominar uma insuportável convulsão de soluços. — Não conheço leitura mais pungente do que Shakespeare: o que deve um homem ter sofrido, para necessitar de tal modo ser bufão! — Compreende-se o Hamlet? Não a dúvida, a certeza é que enlouquece... Mas é preciso ser fundo, ser abismo, filósofo, para assim sentir... Todos nós tememos a verdade... E confesso: estou instintivamente certo e seguro de que lord Bacon é o iniciador, o primeiro a se torturar experimentando essa mais estranha forma de literatura: que me importa o lastimável palavreado de americanos rasos e confusos? Mas a força para o mais potente realismo de visão não é apenas compatível com a mais potente força para a ação, para o monstruoso da ação, para o crime — ela a pressupõe mesmo. Estamos longe de saber o suficiente sobre lord Bacon, o primeiro realista em todo grande sentido da palavra, para saber tudo o que fez, o que quis, o que viveu consigo... E ao diabo, senhores críticos! Tivesse eu batizado meu Zaratustra com outro nome, por exemplo com o de Richard Wagner, a perspicácia de dois milênios não teria bastado para adivinhar que o autor de Humano, demasiado humano é o visionário do Zaratustra...

5. Agora que falo das distrações de minha vida, preciso expressar uma palavra de gratidão pelo que mais profunda e cordialmente nela me entreteve. Que foi sem dúvida o trato íntimo com Richard Wagner. Faço pouco do resto de minhas relações; por preço algum estaria disposto a me desfazer dos dias em Tribschen, dias de confiança, de jovialidade, de acasos sublimes — de momentos profundos... Não sei das vivências de outros com Wagner: por nosso céu não passou jamais uma nuvem. — E com isso volto uma vez mais à França — não tenho razões, tenho apenas uma comissura de desprezo nos lábios, para os "wagnerianos" et hoc genus omne [e toda essa gente], que acreditam honrar Wagner achando-o semelhante a si... Sendo, em meus instintos mais profundos, alheio a tudo o que seja alemão, de tal modo que a simples proximidade de um alemão retarda-me a digestão, o primeiro contato com Wagner foi também o primeiro instante de minha vida em que respirei: eu o senti, eu o venerei como o exterior, como o oposto, o protesto encarnado contra todas as "virtudes alemãs". — Nós, que quando crianças

respiramos os miasmas dos anos 50, somos necessariamente pessimistas quanto ao conceito de "alemão"; não podemos ser senão revolucionários — não admitiremos um estado de coisas em que o hipócrita predomine. Para mim é indiferente que ele hoje use outras cores, que se vista de escarlate e ponha uniforme de hussardo... Pois bem! Wagner era um revolucionário — ele fugiu aos alemães... Como artista não se tem outra pátria na Europa além de Paris: a délicatesse nos cinco sentidos artísticos que a arte de Wagner pressupõe, os dedos para nuances, a morbidez psicológica encontram-se somente em Paris. Em nenhum outro lugar se tem a paixão em questões de forma, essa seriedade na mise en scène — é a seriedade parisiense par excellence. Na Alemanha não se tem idéia da colossal ambição que vive na alma de um artista parisiense. O alemão tem bom coração — Wagner decididamente não o tinha... Mas já falei a contento (em Além do bem e do mal) sobre qual o lugar de Wagner, onde estão seus parentes mais próximos: é o romantismo francês da última fase, aquela espécie altaneira mas arrebatadora de artistas como Delacroix, como Berlioz, com um fond de enfermidade, de incurabilidade no ser, puros fanáticos da expressão, virtuoses de cima a baixo... Quem foi o primeiro adepto inteligente de Wagner? Charles Baudelaire, o mesmo que primeiro compreendeu Delacroix, aquele típico décadent no qual uma inteira geração de artistas se reconheceu — também o último talvez... O que nunca perdoei a Wagner? O haver condescendido com os alemães — o haver-se tornado alemão do Reich... Onde reina, a Alemanha corrompe a cultura.24 —

6. Tudo somado, eu não teria suportado minha juventude sem a música wagneriana. Pois eu estava condenado aos alemães. Quem quer se livrar de uma pressão intolerável necessita de haxixe. Pois bem, eu necessitava de Wagner. Wagner é o contraveneno para tudo alemão par excellence — ainda veneno, não discuto... A partir do instante em que houve uma partitura para piano do Tristão — meus cumprimentos, sr. von Bülow! — eu fui wagneriano. As obras mais antigas de Wagner eu via como abaixo de mim — ainda muito comuns, muito "alemãs"... Mas ainda hoje procuro uma obra de fascínio tão perigoso, de uma infinitude tão doce e assustadora como o Tristão — procuro em vão em todas as artes. Todas as extravagâncias de Leonardo da Vinci perdem sua magia aos primeiros acordes do Tristão. Esta obra é em absoluto o non plus ultra [o insuperável] de Wagner. Ele descansou dela com os Mestres cantores e o Anel. Tornar-se mais sadio — isto é um passo atrás em uma natureza como Wagner... Tomo como uma grande fortuna ter vivido no tempo certo e justamente entre alemães, para estar maduro para essa obra: tão longe vai em mim a curiosidade do psicólogo. O mundo é pobre para quem nunca foi enfermo o bastante para esta "volúpia do inferno": é lícito, é quase imperativo empregar aqui uma fórmula dos místicos. — Penso conhecer melhor que qualquer outro a imensidão daquilo de que Wagner foi capaz, os cinqüenta mundos de estranhos êxtases aos quais somente ele ascendia; e sendo como sou, forte o

bastante para converter mesmo o mais discutível e perigoso em vantagem, tornando-me assim mais forte, chamo Wagner o grande benfeitor de minha vida. Aquilo no que somos aparentados, termos sofrido mais profundamente, também um com o outro, do que os homens deste século são capazes de fazê-lo — isto juntará sempre e eternamente nossos nomes; e tão certamente como Wagner é um mero mal-entendido entre os alemães, também eu o sou e sempre o serei. — Dois séculos de disciplina psicológica e artística primeiro, senhores teutões!... Mas isto não se recupera.

7. — Direi ainda uma palavra para os ouvidos mais seletos: o que espero realmente da música. Que seja alegre e profunda como uma tarde de outubro. Que seja singular, travessa, terna, uma doce mulherzinha de baixeza e encanto... Jamais admitirei que um alemão possa chegar a saber o que é música. Os chamados músicos alemães, os maiores à frente, são estrangeiros, eslavos, croatas, italianos, holandeses — ou judeus: de outro modo são alemães da raça forte, alemães extintos, como Heinrich Schütz, Bach e Haendel. Eu mesmo continuo suficientemente polonês para dar todo o resto da música em troca de Chopin; excluo, por três motivos, o Idílio de Siegfried, de Wagner, talvez também algo de Liszt, que supera todos os músicos na nobreza dos tons orquestrais; por fim tudo o que brota além dos Alpes — aquém... Não saberia passar sem Rossini, menos ainda sem o meu Sul na música, a música do meu veneziano maestro Pietro Gasti. E ao dizer além dos Alpes, quero dizer na verdade Veneza. Quando busco outra palavra para música, encontro somente a palavra Veneza. Não sei distinguir música de lágrimas. — Não sei pensar a felicidade, o Sul, sem um estremecimento de pavor.

Junto à ponte me achava
há pouco na noite gris.

De longe veio um canto;
gota de ouro orvalhando
sobre a superfície trêmula.
Luzes, gôndolas, música —
ébrio em direção ao crepúsculo...

Minha alma um alaúde,
por mão invisível tocada,
cantou para si, em resposta,
uma canção gondoleira,
trêmula em mil tons de alegria.
— Alguém a teria escutado?

8. Em tudo isso — na escolha da alimentação, de lugar e clima, de distração —

reina um instinto de autoconservação que se expressa da maneira mais inequívoca como instinto de autodefesa. Não ver muitas coisas, não ouvi-las, não deixar que se acerquem — primeira prudência, primeira prova de que não se é um acaso, mas uma necessidade. A palavra corrente para esse instinto de autodefesa é gosto. Seu imperativo obriga não só dizer Não onde o Sim seria um "altruísmo", mas também a dizer Não o mínimo possível. Separar-se, afastar-se daquilo que tornaria o Não sempre necessário. O sensato nisso é que os gastos defensivos, por menores que sejam, tornando-se hábito e regra levam a um empobrecimento extraordinário e completamente supérfluo. Nossos grandes gastos são os pequenos e muito freqüentes. O rechaçar, o não deixar que se aproximem é um gasto — não haja engano —, uma energia desperdiçada para fins negativos. Pela simples necessidade constante de defesa é possível tornar-se fraco a ponto de não mais poder se defender. — Supondo que ao sair de casa encontrasse, em vez da tranqüila e aristocrática Turim, uma pequena cidade alemã: meu instinto teria de bloquear-se para repelir tudo o que desse mundo estreito e covarde o assaltaria. Ou encontrasse uma grande cidade alemã, esse vício edificado onde nada cresce, onde cada coisa, boa ou má, é arrastada de fora. Não deveria então tornar-se um porco-espinho? — Mas possuir espinhos é um esbanjamento, uma dupla luxúria inclusive, quando somos livres para ter não espinhos mas mãos abertas...

Outra prudência e autodefesa consiste em reagir com a menor freqüência possível e subtrair-se a situações e relações em que se estaria sujeito a como que suspender sua "liberdade", sua iniciativa, e tornar-se apenas reagente. Tomo como imagem o trato com os livros. O erudito que no fundo não faz senão "revirar" livros — o filólogo uns duzentos por dia, em cálculo modesto — acaba por perder totalmente a faculdade de pensar por si. Se não revira, não pensa. Ele responde a um estímulo (— a um pensamento lido), quando pensa — por fim reage somente. O erudito dedica sua inteira energia ao aprovar e reprovar, à crítica ao já pensado — ele próprio já não pensa... O instinto de autodefesa embotou-se nele; de outro modo se protegeria dos livros. O erudito — um décadent. Isso vi com meus olhos: naturezas dotadas, de constituição rica e livre, "lidas à ruína" já aos trinta anos, apenas fósforos que se necessita riscar para que brilhem — emitam "pensamentos". — Cedo, ao romper do dia, no frescor, na alvorada de sua força ler um livro — a isso chamo de vicioso! — —

9. Neste ponto já não há como eludir a resposta à questão de como alguém se torna o que é.25 E com isso toco na obra máxima da arte da preservação de si mesmo — do amor de si... Pois admitindo que a tarefa, a destinação, o destino da tarefa ultrapasse em muito a medida ordinária, nenhum perigo haveria maior do que perceber-se com essa tarefa. Que alguém se torne o que é pressupõe que não suspeite sequer remotamente o que é. Desse ponto de vista possuem sentido e valor próprios até os desacertos da vida, os momentâneos desvios e vias secundárias, os adiamentos, as "modéstias", a seriedade desperdiçada em tarefas

que ficam além d'a tarefa. Nisto se manifesta uma grande prudência, até mesmo a mais alta prudência: quando o nosce te ipsum [conhece-te a ti mesmo] seria a fórmula para a destruição, esquecer-se, mal entender-se, empequenecer, estreitar, mediocrizar-se torna-se a própria sensatez. Expresso moralmente: amar o próximo, viver para outros e outras coisas pode ser a medida protetora para a conservação da mais dura subjetividade. Este é o caso de exceção em que eu, contra minha regra, minha convicção, tomo o partido dos impulsos "desinteressados": eles aqui trabalham a serviço do amor de si, do cultivo de si.26 — É preciso manter toda a superfície da consciência — consciência é superfície — limpa de qualquer dos grandes imperativos. Cautela inclusive com toda palavra grande, com toda grande atitude! Representam o perigo de que o instinto "se entenda" cedo demais. — Entretanto segue crescendo na profundeza a "idéia" organizadora, a destinada a dominar — ela começa a dar ordens, lentamente conduz de volta dos desvios e vias secundárias, prepara qualidades e capacidades isoladas que um dia se mostrarão indispensáveis ao todo. — Constrói uma após outra as faculdades auxiliares, antes de revelar algo sobre a tarefa dominante, sobre "fim", "meta", "sentido". — Encarada por este lado minha vida é simplesmente miraculosa. Para a tarefa de uma tresvaloração dos valores eram necessárias talvez mais faculdades do que as que jamais coexistiram em um só indivíduo, sobretudo também antíteses de faculdades, sem as quais estas se poderiam obstruir, destruir. Hierarquia das faculdades; distância; a arte de separar sem incompatibilizar; nada misturar, nada "conciliar"; uma imensa multiplicidade, que no entanto é o contrário do caos — esta foi a precondição, a longa e secreta lavra e arte de meu instinto. Sua tutela suprema revelou-se de tal maneira forte que não pressenti sequer o que em mim crescia — que todas as minhas capacidades brotavam um dia subitamente maduras e em sua perfeição última. Não tenho na lembrança recordação de haver alguma vez feito esforço — nenhum traço de luta pode ser apontado em minha vida, sou o oposto de uma natureza heróica. "Querer" algo, "empenhar-se" por algo, ter em vista um "fim", um "desejo" — nada disso conheço por experiência própria. Ainda neste momento olho para meu futuro — um vasto futuro — como para um mar liso: nenhum anseio o encrespa. Não quero em absoluto que algo se torne diferente do que é; eu mesmo não quero tornar-me diferente... Mas assim vivi sempre. Não tive desejo algum. Alguém que tendo completado quarenta e quatro anos pode dizer que nunca lutou por honras, por mulheres, por dinheiro! — Não que me houvessem faltado... Um dia, por exemplo, fui professor catedrático — jamais havia pensado remotamente em coisa semelhante, pois mal tinha 24 anos. Assim também fui um dia filólogo, dois anos antes: no sentido de que meu primeiro trabalho filológico, meu começo em todos os sentidos, foi solicitado por meu mestre Ritschl para publicação no seu Rheinisches Museum. (Ritschl — digo-o com veneração — o único erudito genial que até hoje me foi dado encontrar. Ele possuía essa agradável corrupção que nos distingue, a nós turíngios, e com a qual até um alemão torna-se simpático — preferimos mesmo, para alcançar a verdade, os caminhos tortuosos.

Com essas palavras não gostaria absolutamente de ver depreciado meu conterrâneo, o esperto Leopold von Ranke...)

10. — Perguntarão por que relatei realmente todas essas coisas pequenas e, seguindo o juízo tradicional, indiferentes: estaria com isso prejudicando a mim mesmo, tanto mais se estou destinado a defender grandes tarefas.27 Resposta: essas pequenas coisas — alimentação, lugar, clima, distração, toda a casuística do egoísmo — são inconcebivelmente mais importantes do que tudo o que até agora tomou-se como importante. Nisto exatamente é preciso começar a reaprender. O que a humanidade até agora considerou seriamente não são sequer realidades, apenas construções; expresso com mais rigor, mentiras oriundas dos instintos ruins de naturezas doentes, nocivas no sentido mais profundo — todos os conceitos: "Deus", "alma", "virtude", "além", "verdade", "vida eterna"... Mas procurou-se neles a grandeza da natureza humana, sua "divindade"... Todas as questões da política, da ordenação social, da educação foram por eles falseados até a medula, por haver-se tomado os homens mais nocivos por grandes — por ter-se ensinado a desprezar as coisas "pequenas", ou seja, os assuntos fundamentais da vida mesma... Se me comparo aos homens até o momento venerados como os primeiros, a diferença é palmar. Esses supostos "primeiros" não conto sequer entre os homens; para mim são refugo da humanidade, abortos de doença e instintos vingativos: são monstros nefastos, no fundo infaustos,28 que da vida se vingam... Quero ser o oposto disso: meu privilégio está em possuir a finura suprema para os sinais de instintos sãos. Falta-me qualquer traço doentio; mesmo em tempo de severa doença não me tornei doente; em vão procure-se em meu ser um traço de fanatismo. Não se poderá demonstrar qualquer postura arrogante e patética em nenhum instante de minha vida. O pathos da atitude nada tem a ver com a grandeza; quem necessita de atitudes é falso... Cautela com os homens pitorescos! — A vida tornou-se-me leve, a mais leve, quando exigiu de mim o mais pesado. Quem me viu nos setenta dias deste outono, quando sem interrupção fiz coisas de primeira ordem, que ninguém fará — ou faz diante de mim29 —, com uma responsabilidade para com todos os milênios vindouros, não terá percebido um traço de tensão em mim, antes transbordante frescor e alegria. Jamais comi com maior prazer, jamais dormi melhor. — Não conheço outro modo de lidar com grandes tarefas senão o jogo: este é, como indício de grandeza, um pressuposto essencial. A menor constrição, o ar sombrio, um tom duro na garganta são objeções a um homem, mais ainda à sua obra!... Não é lícito ter nervos... Objeção é também sofrer da solidão — sempre sofri somente da "multidão"... Absurdamente cedo, aos sete anos, já sabia que nenhuma palavra humana jamais me alcançaria: alguém me viu ensombrecido por isso? — Demonstro ainda hoje a mesma afabilidade para com todos, trato inclusive com distinção os humildes: em tudo não há um grão de soberba, de secreto desprezo. Quem eu desprezo adivinha que é por mim desprezado: com meu simples existir ofendo a tudo que no corpo possui

sangue ruim... Minha fórmula para a grandeza no homem é amor fati: nada querer diferente, seja para trás, seja para a frente, seja em toda a eternidade. Não apenas suportar o necessário, menos ainda ocultá-lo — todo idealismo é mendacidade ante o necessário — mas amá-lo...

POR QUE ESCREVO TÃO BONS LIVROS

1. Uma coisa sou eu, outra são meus escritos. Abordarei, antes de falar deles, a questão de serem compreendidos ou in-compreendidos. Faço-o com a negligência mais apropriada: pois este não é ainda o tempo para essa questão. Tampouco é ainda o meu tempo, alguns nascem póstumos. — Algum dia serão necessárias instituições onde se viva e se ensine tal como entendo o viver e o ensinar: talvez se criem até cátedras para interpretação do Zaratustra. Mas seria completa contradição, se já hoje eu esperasse ouvidos e mãos para minhas verdades: que hoje não me ouçam, que hoje nada saibam receber de mim, é não só compreensível, parece-me até justo. Não desejo ser confundido — para tanto, é preciso que eu mesmo não me confunda. — Repito, em minha vida pode-se assinalar pouco de "má vontade", também de "má vontade" literária mal saberia relatar um caso. Em troca, pura tolice em abundância!... Tomar em mãos um livro meu parece-me uma das mais raras distinções que alguém se pode conceder — suponho mesmo que tire as sandálias para fazê-lo,30 ou as botas... Quando em certa ocasião o dr. Heinrich von Stein queixou-se honestamente de não entender palavra do meu Zaratustra, disse-lhe que era natural: haver compreendido seis frases dele, ou seja; tê-las vivido, elevaria alguém a um nível bem superior ao que homens "modernos" poderiam atingir. Como poderia eu, com tal sentimento de distância, sequer desejar ser lido pelos "modernos" que conheço! Meu triunfo é exatamente o inverso daquele de Schopenhauer — non legor, non legar [não sou lido, não serei lido], digo eu. — Não que eu queira subestimar o prazer que me produz a inocência do "não" a meus escritos. Ainda neste verão, quando, com minha literatura de peso, peso excessivo, desequilibrei talvez toda a literatura restante, um professor da Universidade de Berlim deu-me gentilmente a entender que eu deveria utilizar-me de uma outra forma: algo assim não se lê, disse ele. — Por último não foi a Alemanha, mas a Suíça, que forneceu os dois casos extremos. Um artigo do dr. V. Widmann no Bund, sobre Além do bem e do mal, sob o título "O perigoso livro de Nietzsche", e uma resenha geral sobre meus livros pelo sr. Karl Spitteler, igualmente no Bund, são um ponto alto em minha vida — eu me guardarei de dizer do que... O último, por exemplo, tratou o meu Zaratustra como superior exercício de estilo, com os votos de que eu viesse a cuidar também do conteúdo; já o dr. Widmann expressou-me seu respeito pela coragem com que me esforço pela abolição de todo sentimento decente. — Por uma pequena malícia do acaso, cada frase do artigo era, com uma coerência que bem admirei, uma verdade de cabeça para baixo; não havia mais a fazer senão "tresvalorar todos os valores" para, de maneira notável, acertar no alvo a meu respeito — em vez de acertar-me

como alvo... Razão tanto maior para tentar uma explicação. — Em última instância, ninguém pode escutar mais das coisas, livros incluídos, do que aquilo que já sabe. Não se tem ouvido para aquilo a que não se tem acesso a partir da experiência. Imaginemos um caso extremo: que um livro fale de experiências situadas completamente além da possibilidade de uma vivência freqüente ou mesmo rara — que seja a primeira linguagem para uma nova série de vivências. Neste caso simplesmente nada se ouvirá, com a ilusão acústica de que onde nada se ouve nada existe... Esta é em definitivo minha experiência ordinária e, se quiserem, a originalidade da minha experiência. Quem acreditou haver compreendido algo de mim, havia me refeito como algo à sua imagem — não raro um oposto de mim, um "idealista", por exemplo; quem nada havia compreendido de mim, negou que eu tivesse de ser considerado. — A palavra "super-homem",31 para designação de um tipo que vingou superiormente, em oposição a homens "modernos", a homens "bons", a cristãos e outros niilistas — palavra que na boca de um Zaratustra, o aniquilador da moral, dá o que pensar — foi entendida em quase toda parte, com total inocência, no sentido daqueles valores cuja antítese foi manifesta na figura de Zaratustra: quer dizer, como tipo "idealista" de uma mais alta espécie de homem, meio "santo", meio "gênio"... Uma outra raça de gado erudito acusou-me por isso de darwinismo. Reconheceu-se nisso até mesmo o "culto do herói", por mim tão desdenhosamente rejeitado, daquele grande falsário inconsciente e involuntário, Carlyle. A quem sussurrei que deveria procurar em torno por um Cesare Borgia, não por um Parsifal, este não confiou em seu ouvido. — Terei de ser perdoado por faltar-me qualquer curiosidade quanto às recensões de meus livros, particularmente por jornais. Meus amigos, meus editores o sabem, e não me falam de tais coisas. Em um caso excepcional, caiu-me sob os olhos tudo o que se cometeu contra um só livro — era Além do bem e do mal; sobre isso poderia redigir um gracioso relato. Seria de acreditar que o Nationalzeitung — um jornal prussiano, seja dito para meus leitores estrangeiros — eu próprio leio, permitam-me, apenas o Journal des Débats — conseguiu seriamente ver o livro como um "signo dos tempos", como a vera e correta filosofia junker para a qual ao Kreuzzeitung faltava somente a coragem?...32

2. Isso foi dito para alemães: pois em toda outra parte tenho leitores — inteligências seletas, caracteres provados, formados em elevados deveres e posições; tenho inclusive verdadeiros gênios entre os meus leitores. Em Viena, em São Petersburgo, em Estocolmo, em Copenhague, em Paris e Nova York — em toda parte sou descoberto: não o sou na Terra Chata da Europa, a Terra dos Alemães...33 E, deixem-me confessá-lo, alegro-me mais ainda com meus não-leitores, aqueles que jamais ouviram meu nome ou a palavra filosofia; mas aonde chego, aqui em Turim, por exemplo, os rostos ficam risonhos e bondosos ao me ver. O que até agora mais me lisonjeou é que as velhas vendedoras de frutas não descansam até escolherem para mim as suas uvas mais doces. Até esse ponto é

preciso ser filósofo... Não é em vão que os poloneses são considerados os franceses entre os eslavos. Uma russa encantadora não se enganará um segundo a meu respeito. Não consigo ficar solene, o máximo que alcanço é o embaraço... Pensar em alemão, sentir em alemão — eu posso tudo, mas isto supera minhas forças... Meu velho mestre Ritschl chegou a afirmar que eu concebia mesmo meus trabalhos filológicos como um romancier parisiense — de modo absurdamente excitante. Em Paris mesmo estão assombrados com "toutes mes audaces et finesses" [todas as minhas audácias e finuras] — a expressão é de monsieur Taine —; receio que até nas formas supremas do ditirambo se encontre em mim uma pitada daquele sal que nunca se torna insípido — "alemão" — o esprit... Não posso agir de outro modo. Deus me valha! Amém.34 — Todos nós sabemos, alguns até por experiência, o que é um bicho de orelhas longas. Pois bem, ouso afirmar que possuo as menores orelhas que existem. Isso interessa nada pouco às mulherezinhas — parece-me que se sentem mais bem compreendidas por mim... Eu sou o Antiasno par excellence, e com isso um monstro universal — eu sou, em grego e não só em grego, o Anticristo...35

3. Conheço em alguma medida minhas prerrogativas como escritor; certos casos me testemunham o quanto a familiaridade com meus escritos "corrompe" o gosto. Simplesmente não se suporta mais outros livros, sobretudo os filosóficos.36 É uma distinção sem par penetrar nesse mundo nobre e delicado — para fazê-lo, é absolutamente imprescindível não ser alemão; é enfim uma distinção a ser conquistada. Mas quem comigo tem afinidade pela altura do querer, experimenta nisso verdadeiros êxtases do aprender: pois eu venho de alturas que asa nenhuma cruzou, eu conheço abismos onde pé algum jamais se extraviou. Disseram-me que é impossível pôr de lado um livro meu — que eu perturbo inclusive o repouso noturno... Não existe em absoluto espécie mais orgulhosa e mais refinada de livros — eles alcançam aqui e ali o mais elevado que se pode alcançar na Terra, o cinismo; é preciso conquistá-los com os dedos mais ternos, e com os punhos mais bravos. A menor fragilidade da alma os proíbe de uma vez por todas, mesmo a menor dispepsia: é preciso não ter nervos, é preciso ter um ventre feliz. Não apenas a pobreza, o ar de mansarda de uma alma os proíbe; bem mais ainda tudo o que há de covarde, impuro e secretamente vingativo nas entranhas: uma palavra minha faz subir à face todos os instintos ruins. Tenho entre meus conhecidos várias cobaias, nas quais aprecio a variada, muito instrutivamente variada reação a meus escritos. Quem nada quer ter a ver com seu conteúdo, os meus chamados amigos, por exemplo, torna-se "impessoal": felicitam-me por ter novamente ido "tão longe" — haveria também um progresso na maior jovialidade do tom... Os "espíritos" inteiramente viciosos, as "almas belas", os mendazes até a medula simplesmente não sabem o que fazer com esses livros — em conseqüência os vêem como abaixo de si, a bela lógica de todas as "almas belas". O gado de chifres entre meus conhecidos, meros alemães, com licença da palavra, dá a entender que nem

sempre partilha minhas opiniões, mas, é claro, por vezes... Ouvi isso até mesmo do Zaratustra... De igual modo, todo "feminismo"37 na pessoa, também no homem, constitui um obstáculo a mim: jamais se entrará nesse labirinto de conhecimentos arrojados. É necessário nunca haver se poupado, é necessário ter a dureza entre os seus hábitos, para estar bem e sereno entre somente duras verdades. Quando busco formar a imagem de um leitor perfeito, resulta sempre em um monstro de coração e curiosidade, e também em algo dúctil, astuto, cauteloso, um aventureiro e descobridor nato. Por fim: não saberia dizer melhor a quem no fundo me dirijo, do que Zaratustra ao dizer a quem somente contará seu enigma:

> A vós, ousados tenteadores, tentadores, e a quem se haja uma vez lançado com velas astutas em mares terríveis, —
> a vós, ébrios de enigmas, alegres crepusculares, cuja alma é atraída com flautas a todo precipício traiçoeiro:
> — pois não quereis sentir e seguir um fio com mão covarde; e, onde podeis intuir, detestais deduzir...38

4. Direi ao mesmo tempo uma palavra geral sobre a minha arte do estilo. Comunicar um estado, uma tensão interna de pathos por meio de signos, incluído o tempo desses signos — eis o sentido de todo estilo; e considerando que a multiplicidade de estados interiores é em mim extraordinária, há em mim muitas possibilidades de estilo — a mais multifária arte do estilo de que um homem já dispôs. Bom é todo estilo que realmente comunica um estado interior, que não se equivoca nos signos, no tempo dos signos, nos gestos — todas as leis do período são arte dos gestos. Nisso meu instinto é infalível. Bom estilo em si — pura estupidez, mero "idealismo", algo assim como o "belo em si", como o "bom em si", como a "coisa em si"... Sempre pressupondo que haja ouvidos — que haja aqueles capazes e dignos de um tal pathos, que não faltem aqueles com os quais é possível comunicar-se — meu Zaratustra, por exemplo, procura ainda agora por eles — ah, ele ainda terá muito a procurar! — É preciso ter o merecimento para prová-lo... E até lá não haverá quem compreenda a arte que aqui foi esbanjada: jamais alguém pôde esbanjar tantos meios artísticos novos, inauditos, só então e para isso criados. Que tal coisa fosse possível precisamente em língua alemã, era algo a ser provado: eu mesmo teria sido antes o primeiro a rejeitá-lo. Antes de mim não se sabia o que pode ser feito com a língua alemã — o que pode ser feito com a língua. A arte do grande ritmo, o grande estilo dos períodos, para expressar um imenso fluir e refluir de paixão sublime, sobre-humana, foi descoberto somente por mim; com um ditirambo como o último do terceiro Zaratustra, intitulado "Os sete selos", voei milhares de milhas acima e além do que até então se chamava poesia.

5. — Que em meus escritos fala um psicólogo sem igual é talvez a primeira constatação a que chega um bom leitor — um leitor como eu o mereço, que me

leia como os bons filólogos de outrora liam o seu Horácio. As proposições sobre as quais no fundo o mundo inteiro está de acordo — para não falar dos filósofos de todo mundo, dos moralistas e outros cabeças ocas, cabeças de repolho39 — aparecem em mim como ingenuidades do erro: por exemplo, a crença de que "altruísta" e "egoísta" são opostos, quando o ego não passa de um "embuste superior", um "ideal"... Não existem ações egoístas, nem altruístas: ambos os conceitos são um contra-senso psicológico. Ou a proposição: "o homem busca a felicidade"... Ou "a felicidade é o prêmio da virtude"... Ou "prazer e desprazer são opostos"... A Circe da humanidade, a moral, falsificou no cerne — moralizou — todos os psychologica [as questões psicológicas], até chegar ao horrendo absurdo de que o amor deve ser algo "altruísta"... É preciso estar firmemente assentado em si, é preciso sustentar-se bravamente sobre as duas pernas, caso contrário não se pode absolutamente amar. Isso sabem as mulherezinhas muito bem, afinal: não sabem que diabo fazer com homens desinteressados, puramente objetivos... Posso, aliás, arriscar a suposição de que conheço as mulherezinhas? É parte de meu dom dionisíaco. Quem sabe? Talvez eu seja o primeiro psicólogo do eterno-feminino. Todas elas me amam — uma velha história: excetuando as mulherezinhas vitimadas, as "emancipadas", as não aparelhadas para ter filhos. — Felizmente não estou disposto a deixar-me despedaçar: a mulher realizada despedaça quando ama... Eu conheço essas adoráveis mênades... Ah, que perigoso, insinuante, subterrâneo bichinho de rapina! E tão agradável, além disso!... Uma pequena mulher correndo atrás de sua vingança seria capaz de atropelar o próprio destino. — A mulher é indizivelmente mais malvada que o homem, também mais sagaz; bondade na mulher é já uma forma de degeneração... No fundo de todas as chamadas "almas belas" há um inconveniente fisiológico — não digo tudo, senão me tornaria medicínico. A luta por direitos iguais é inclusive um sintoma de doença: qualquer médico o sabe. — A mulher, quanto mais é mulher, mais se defende com unhas e dentes contra os direitos em geral; o estado de natureza, a eterna guerra entre os sexos, dá-lhe de longe a primeira posição. — Houve ouvidos para a minha definição do amor? É a única digna de um filósofo. Amor — em seus meios a guerra, em seu fundo o ódio de morte dos sexos. — Foi ouvida a minha resposta à questão de como se cura — se "redime" — uma mulher? Fazendo-lhe um filho. A mulher necessita de filhos, o homem é sempre somente o meio; assim falou Zaratustra. — "Emancipação da mulher" — isso é o ódio instintivo da mulher que não vinga, ou seja, não procria, à mulher que vingou — a luta contra o "homem" é sempre apenas meio, pretexto, tática. Ao elevarem a si mesmas, como "mulher em si", como "mulher superior", como "idealista feminina", querem rebaixar a posição geral da mulher; nenhum meio mais seguro para isso do que instrução secundária, calças e direitos políticos de gado eleitoral. No fundo as emancipadas são as anarquistas no mundo do "eterno-feminino", as que fracassaram, cujo instinto mais básico é a vingança... Todo um gênero do mais maligno "idealismo" — que aliás também ocorre em homens, por exemplo em Henrik Ibsen, essa típica solteirona —

tem o objetivo de envenenar a boa consciência, a natureza no amor sexual... E para não deixar qualquer dúvida quanto às minhas convicções nesse ponto, tão honestas quanto estritas, comunicarei mais uma sentença contra o vício extraída do meu código moral: sob o nome de vício combato toda espécie de antinatureza, ou, para quem ama belas palavras, idealismo. A sentença diz: "A pregação da castidade é um incitamento público à antinatureza. Todo desprezo pela vida sexual, toda impurificação da mesma através do conceito de 'impuro' é o próprio crime contra a vida — é o autêntico pecado contra o santo espírito da vida". —

6. Para dar uma idéia de mim como psicólogo, tomo um curioso fragmento de psicologia que aparece em Além do bem e do mal — proíbo, aliás, qualquer conjectura acerca de quem descrevo nesta passagem. "O gênio do coração, tal como o possui aquele grande oculto, o deus-tentador e aliciador nato de consciências, cuja voz sabe descer ao submundo de cada alma, que não diz palavra, não lança olhar em que não haja idéia e aceno de sedução, de cuja mestria faz parte o saber parecer — não aquilo que é, mas aquilo que para os que o seguem é uma compulsão mais a mais proximamente o assediarem, a sempre mais íntima e radicalmente o seguirem... O gênio do coração, que a tudo estridente e autocomplacente faz calar e ensina a ouvir, que alisa as almas ásperas e lhes dá novo anseio a saborear — estender-se imóveis como espelho d'água, para que nelas se espelhe o profundo céu... O gênio do coração, que à mão rude e arrebatada ensina a hesitar e a prender com maior graça, que adivinha o tesouro oculto e esquecido, a gota de bondade e doce espiritualidade sob o espesso e opaco gelo, e é um mágico ímã para todo grão de ouro que por muito jazeu sepulto na prisão de lama e areia... O gênio do coração, de cujo toque cada um torna mais rico, não agraciado e surpreso, não redimido e oprimido por um bem alheio, porém mais rico de si mesmo, mais novo do que nunca, partido, por um vento brando acariciado e sondado, mais inseguro talvez, mais grácil frágil fraco, porém cheio de esperanças ainda sem nome, cheio de nova vontade e energia, nova relutância e apatia..."40

O NASCIMENTO DA TRAGÉDIA

1. Para ser justo com O nascimento da tragédia (1872), será preciso esquecer algumas coisas. Ele influiu, e mesmo fascinou, pelo que nele era erro — por sua aplicação ao wagnerismo, como se este fosse um sintoma de ascensão. Esse livro foi precisamente por isso um acontecimento na vida de Wagner: só a partir de então houve grandes esperanças em torno do nome Wagner. Ainda hoje isso me é lembrado, ocasionalmente em meio ao Parsifal: que na verdade eu tenho sobre a consciência o fato de que uma tão alta opinião sobre o valor cultural desse movimento tenha vindo a prevalecer. — Por várias vezes encontrei o livro citado como O renascimento da tragédia a partir do espírito da música: só tiveram ouvidos para uma nova fórmula da arte, do propósito, da tarefa de Wagner — por isso não atentaram para o que no fundo a obra encerrava de valioso. "Helenismo e pessimismo": este teria sido um título menos ambíguo: como primeiro esclarecimento sobre como os gregos deram conta do pessimismo — com que o superaram... A tragédia precisamente é a prova de que os gregos não foram pessimistas: Schopenhauer enganou-se aqui, como se enganou em tudo. — Tomado com alguma neutralidade, o Nascimento da tragédia parece bem extemporâneo: ninguém sonharia que foi começado em meio aos estrondos da batalha de Wörth. Eu meditei sobre esses problemas diante dos muros de Metz, em frias noites de setembro, quando trabalhava na assistência aos feridos; seria antes de acreditar que ele fosse cinqüenta anos mais velho. É politicamente indiferente — "não-alemão" [undeutsch], diriam agora —, tem cheiro indecorosamente hegeliano, é impregnado em apenas algumas fórmulas com o cadavérico aroma de Schopenhauer. Uma "idéia" — a oposição entre dionisíaco e apolíneo — transposta para o metafísico; a própria história como o desenvolvimento dessa "idéia"; na tragédia, a oposição elevada a uma unidade; dessa ótica, coisas que nunca se haviam vislumbrado, súbito colocadas frente a frente, iluminadas e compreendidas uma pela outra... por exemplo, a ópera e a revolução... As duas decisivas novidades do livro são, primeiro, a compreensão do fenômeno dionisíaco nos gregos — oferece a primeira psicologia dele, enxerga nele a raiz única de toda a arte grega. Segundo, a compreensão do socratismo: Sócrates pela primeira vez reconhecido como instrumento da dissolução grega, como típico décadent. "Racionalidade" contra instinto. A "racionalidade" a todo preço como força perigosa, solapadora da vida! — Profundo e hostil silêncio sobre o cristianismo em todo o livro. Ele não é apolíneo nem dionisíaco; nega todos os valores estéticos — os únicos valores que o Nascimento da tragédia reconhece: o cristianismo é niilista no mais profundo sentido, enquanto no símbolo dionisíaco é alcançado o limite último

d a afirmação. Em um momento se alude aos sacerdotes cristãos como uma "pérfida espécie de anões", de "seres subterrâneos"...

2. Este começo é notável além de qualquer medida. Eu havia descoberto a réplica e o símile únicos que a história tem para a minha mais íntima experiência — com isso, fora o primeiro a perceber o maravilhoso fenômeno do dionisíaco. Ao mesmo tempo, ao reconhecer Sócrates como décadent, eu havia dado uma prova inteiramente inequívoca do quão pouco a segurança de minhas garras psicológicas era ameaçada por quaisquer idiossincrasias morais — a moral mesma como sintoma de decadência é uma inovação, uma singularidade de primeira ordem na história do conhecimento. Quão alto, com essas duas concepções, havia eu saltado acima da lastimável conversa de néscios sobre otimismo versus pessimismo! Eu vi por primeiro a verdadeira oposição — o instinto que degenera, que se volta contra a vida com subterrânea avidez de vingança (— o cristianismo, a filosofia de Schopenhauer, em certo sentido já a filosofia de Platão, o idealismo inteiro, como formas típicas), e uma fórmula de afirmação suprema nascida da abundância, da superabundância, um dizer Sim sem reservas, ao sofrimento mesmo, à culpa mesmo, a tudo o que é estranho e questionável na existência mesmo... Este último, mais radiante, mais exaltado-exuberante Sim à vida é não apenas a mais elevada percepção, é também a mais profunda, a mais rigorosamente firmada e confirmada por ciência e verdade. Não há que desconsiderar nada do que existe, nada é dispensável — os aspectos da existência rejeitados pelos cristãos e outros niilistas têm inclusive uma posição infinitamente mais elevada na disposição dos valores do que aquilo que o instinto de décadence pôde abonar, achar bom. Apreender isso requer coragem e, condição dela, um excesso de força: pois exatamente tanto quanto a coragem pode ousar avançar, exatamente segundo esta medida da força nós nos aproximamos da verdade. O conhecimento, o dizer Sim à realidade, é para o forte uma necessidade tão grande quanto para o fraco, sob a inspiração da fraqueza, a covardia e a fuga diante da realidade — o "ideal"... Não estão livres para conhecer: os décadents necessitam da mentira — ela é uma de suas condições de sobrevivência. — Quem não só compreende a palavra "dionisíaco", mas se compreende nela, não necessita de refutação de Platão, do cristianismo ou de Schopenhauer — fareja a decomposição...

3. Até que ponto eu havia com isso encontrado a concepção do "trágico", o conhecimento definitivo sobre o que é a psicologia da tragédia, eu o expressei ainda no Crepúsculo dos ídolos. "O dizer Sim à vida, mesmo em seus problemas mais duros e estranhos; a vontade de vida, alegrando-se da própria inesgotabilidade no sacrifício de seus mais elevados tipos — a isto chamei dionisíaco, isto entendi como a ponte para a psicologia do poeta trágico. Não para livrar-se do pavor e da compaixão, não para purificar-se de um perigoso afeto mediante uma veemente descarga — assim o entendeu mal Aristóteles —, mas

para, além do pavor e da compaixão, ser em si mesmo o eterno prazer do vir a ser — esse prazer que traz em si também o prazer no destruir...” Nesse sentido tenho o direito de considerar-me o primeiro filósofo trágico — ou seja, o mais extremo oposto e antípoda de um filósofo pessimista. Antes de mim não há essa transposição do dionisíaco em um pathos filosófico: falta a sabedoria trágica — procurei em vão por indícios dela inclusive nos grandes gregos da filosofia, aqueles dos dois séculos antes de Sócrates. Permanece-me uma dúvida com relação a Heráclito, em cuja vizinhança sinto-me mais cálido e bem-disposto do que em qualquer outro lugar. A afirmação do fluir e do destruir, o decisivo numa filosofia dionisíaca, o dizer Sim à oposição e à guerra, o vir a ser, com radical rejeição até mesmo da noção41 de “Ser” — nisto devo reconhecer, em toda circunstância, o que me é mais aparentado entre o que até agora foi pensado. A doutrina do “eterno retorno”, ou seja, do ciclo absoluto e infinitamente repetido de todas as coisas — essa doutrina de Zaratustra poderia afinal ter sido ensinada também por Heráclito. Ao menos encontram-se traços dela no estoicismo, que herdou de Heráclito quase todas as suas idéias42 fundamentais.

4. Uma esperança tremenda faz-se ouvir desta obra. Afinal, falta-me qualquer motivo para renunciar à esperança por um futuro dionisíaco da música. Lancemos um olhar um século adiante, suponhamos que meu atentado contra dois milênios de antinatureza e violação do homem tenha êxito. Aquele novo partido da vida, que toma em mãos a maior das tarefas, o cultivo superior da humanidade, incluindo a destruição implacável de todos os degenerados e parasitários, tornará novamente possível aquela vida em demasia sobre a Terra, da qual a condição dionisíaca novamente surgirá. Eu prometo uma era trágica: a arte suprema do dizer Sim à vida, a tragédia, renascerá quando a humanidade tiver atrás de si a consciência das mais duras porém necessárias guerras, sem sofrer com isso... Um psicólogo poderia ainda acrescentar que o que eu ouvi na música wagneriana, quando jovem, nada tem a ver em absoluto com Wagner; que, ao descrever a música dionisíaca, descrevi aquilo que eu havia escutado — que eu, instintivamente, tudo traduzia e transfigurava no novo espírito que trazia em mim. A prova disso, forte como só uma prova pode ser, é o meu ensaio “Wagner em Bayreuth”: em todas as passagens de relevância psicológica é de mim somente que se trata — pode-se tranqüilamente colocar meu nome ou “Zaratustra” onde no texto há o nome de Wagner. Toda a imagem do artista ditirâmbico é a imagem do poeta preexistente do Zaratustra, desenhada com abismal profundidade e sem tocar sequer um instante a realidade wagneriana. O próprio Wagner tinha noção disso; ele não se reconheceu no ensaio. — Assim também, a “idéia de Bayreuth” se transformara em algo que para os conhecedores do meu Zaratustra não será um enigma: naquele grande meio-dia em que os mais seletos eleitos consagram-se à maior das tarefas — quem sabe?; talvez a visão de uma festa que eu ainda venha a viver... O pathos das primeiras páginas é histórico-universal; o olhar de que se

fala na sétima página é o verdadeiro olhar-Zaratustra; Wagner, Bayreuth, toda a pequenina miséria alemã é uma nuvem onde uma infinita miragem do futuro se reflete. Mesmo psicologicamente todos os traços decisivos de minha própria natureza são inscritos na de Wagner — o coexistir das forças mais luminosas e mais fatídicas, a vontade de poder, como homem nenhum a possuiu, a valentia inconsiderada nas coisas do espírito, a ilimitada força de aprender, sem que com isso a vontade de ação seja sufocada. Tudo nesta obra é premonitório: a proximidade do retorno do espírito grego, a necessidade de Anti-Alexandres, que tornem a atar o nó górdio da cultura grega, após haver sido desfeito... Ouça-se a entonação histórico-universal com que é introduzido o conceito de "mentalidade trágica": todos os tons são histórico-universais nesta obra. Esta é a mais estranha "objetividade" que pode haver: a absoluta certeza sobre o que eu sou projetou-se sobre uma realidade eventual qualquer — a verdade sobre mim fez-se ouvir de uma terrível profundeza. Na página 55 o estilo do Zaratustra é descrito e antecipado com incisiva segurança; e jamais se encontrará expressão mais grandiosa para o acontecimento Zaratustra, o ato de uma colossal purificação e consagração da humanidade, do que a encontrada nas páginas 41 a 44.43

AS EXTEMPORÂNEAS

1. As quatro Extemporâneas44 são integralmente guerreiras. Elas demonstram que eu não era nenhum "João Sonhador", que me diverte desembainhar a espada — e talvez também que tenho o punho perigosamente destro. O primeiro ataque (1873) dirigiu-se à cultura alemã, à qual já então eu descia os olhos com inexorável desprezo. Sem sentido, sem substância, sem meta: uma mera "opinião pública". Não há pior mal-entendido, dizia eu, do que acreditar que o grande êxito alemão nas armas demonstre algo em favor dessa cultura — muito menos a vitória dela sobre a França... A segunda Extemporânea (1874) traz à luz o que há de perigoso, de corrosivo e contaminador da vida em nossa maneira de fazer ciência: a vida enferma desse desumanizado engenho e maquinismo, da "impessoalidade" do trabalhador, da falsa economia da "divisão do trabalho". A finalidade se perde, a cultura45 — o meio, o moderno cultivo da ciência, barbariza... Neste ensaio, o "sentido histórico" de que tanto se orgulha este século foi pela primeira vez reconhecido como doença, como típico sinal de declínio. — Na terceira e na quarta Extemporâneas são contra isso levantadas, como indicações para um mais elevado conceito de cultura, para restauração do conceito "cultura", duas imagens do mais severo amor de si, cultivo de si, tipos extemporâneos par excellence, plenos de soberano desprezo por tudo o que ao seu redor se chamava "Reich", "cultura", "cristianismo", "Bismarck", "êxito" — Schopenhauer e Wagner, ou, em uma palavra, Nietzsche...

2. Desses quatro atentados, o primeiro teve êxito extraordinário. O barulho que provocou foi esplêndido em todos os sentidos. Eu havia tocado em sua ferida uma nação vitoriosa — dizia que sua vitória não era um acontecimento cultural, mas, talvez, talvez algo bem diferente... A resposta veio de todos os lados, de modo algum somente dos velhos amigos de David Strauss, a quem eu havia ridicularizado como o protótipo do filisteu da cultura alemão e satisfait, em suma, como o autor de um evangelho de cervejaria sobre "a velha e a nova fé" (— a expressão "filisteu da cultura" [Bildungsphilister] ficou na língua a partir deste meu ensaio). Esses velhos amigos, wurtembergueses e suábios a quem eu aplicara uma funda ferroada, ao achar cômica sua ave rara, seu avestruz [Strauss], responderam tão singela e toscamente como eu poderia ter desejado; as réplicas prussianas foram mais inteligentes — continham mais "azul berlinense".46 O mais indecente foi obra de uma folha de Leipzig, o tristemente famoso Grenzboten; a muito custo impedi que meus indignados amigos da Basiléia tomassem medidas. Apenas alguns velhos senhores puseram-se incondicionalmente do meu lado, por motivos diversos, em

partes inescrutáveis. Entre eles Ewald, de Göttingen, que deu a entender que meu atentado resultara mortal para Strauss. Assim também o velho hegeliano Bruno Bauer, no qual a partir de então tive um de meus mais atentos leitores. Em seus últimos anos ele gostava de referir-se a mim, de por exemplo apontar ao sr. von Treitschke, o historiógrafo prussiano, com quem ele poderia informar-se sobre o conceito de "cultura" que havia perdido. O que de mais refletido e de mais extenso se escreveu sobre o ensaio e seu autor procedeu de um velho discípulo do filósofo von Baader, um professor Hoffmann, de Würzburg. Ele previu, pelo ensaio, uma grande destinação para mim — levar a efeito uma espécie de crise e de suprema decisão no problema do ateísmo, cujo representante mais instintivo e mais inexorável ele divisou em mim. O ateísmo seria o que me conduziu a Schopenhauer. — De longe, a mais ouvida e mais amargamente sentida intervenção foi uma extraordinariamente forte e corajosa defesa do normalmente tão suave Karl Hillebrand, este último alemão humano a saber empunhar uma pena. Seu artigo foi lido no Augsburger Zeitung; pode-se lê-lo hoje em dia, em forma algo mais cautelosa, nas suas obras completas. Nele meu ensaio era apresentado como acontecimento, ponto crucial, primeira tomada de consciência, indício melhor; como verdadeiro retorno da seriedade alemã e da paixão alemã nas coisas espirituais. Hillebrand esmerava-se em elogios à forma do ensaio, ao seu gosto maduro, ao perfeito tato na distinção entre coisa e pessoa: destacava-o como o melhor escrito polêmico em língua alemã — nesta arte precisamente para alemães tão perigosa, tão desaconselhável, a arte da polêmica. Incondicionalmente de acordo, indo até mesmo mais longe no que eu ousara dizer sobre o abastardamento da língua na Alemanha (— hoje eles se fazem de puristas e já não sabem construir uma frase —), com o mesmo desprezo pelos "primeiros escritores" desta nação, ele finalizava expressando sua admiração por minha coragem — esta "superior coragem que coloca no banco dos réus precisamente os favoritos de um povo"... O efeito desse ensaio em minha vida foi francamente inestimável. Até hoje ninguém buscou desavença comigo. Na Alemanha silenciam a meu respeito, tratam-me com sombria cautela: há anos desfruto de uma absoluta liberdade de palavra, para a qual hoje ninguém, pelo menos no "Reich", tem a mão suficientemente destra. Meu paraíso está "à sombra de minha espada"... No fundo, eu havia posto em prática uma máxima de Stendhal: ele aconselha a fazer a entrada na sociedade com um duelo. E como eu havia escolhido meu adversário! O primeiro livre-pensador alemão!... De fato, uma forma inteiramente nova de livre-pensar encontrava expressão por vez primeira: até hoje nada me é mais alheio e distante do que toda a espécie européia e americana de "libres penseurs". Com eles, incorrigíveis mentecaptos e bufões das "idéias modernas", encontro-me mesmo em mais profunda divergência do que com seus adversários. Eles também querem, a seu modo, "melhorar" a humanidade à sua imagem, eles fariam guerra sem tréguas ao que sou, ao que quero, se apenas o compreendessem — eles todos crêem ainda no "ideal"... Eu sou o primeiro imoralista. —

3. Quanto às Extemporâneas que levam os nomes de Schopenhauer e Wagner, eu não afirmaria que elas possam servir especialmente à compreensão ou mesmo à colocação do problema psicológico dos dois casos — excetuando, claro, umas poucas coisas. Por exemplo, o fundamental na natureza de Wagner já é caracterizado, com profunda segurança instintiva, como um talento de ator, de que os métodos e intenções não passam de conseqüências. No fundo, com esses escritos eu desejava fazer algo bem diferente de psicologia — um problema de educação sem equivalente, um novo conceito de cultivo de si, defesa de si até a dureza, um caminho para a grandeza e para tarefas histórico-universais exigia sua primeira expressão. Grosso modo, eu agarrava pelos cabelos dois tipos célebres e absolutamente ainda não definidos, como se agarra uma ocasião pelos cabelos, para exprimir algo, para ter em mãos umas tantas fórmulas, signos e meios lingüísticos mais. Isso é afinal insinuado, com sagacidade perfeitamente inquietante, na página 350 da terceira Extemporânea. De maneira igual serviu-se Platão de Sócrates, como uma semiótica47 para Platão. — Agora que olho para trás e revejo de certa distância as condições de que esses escritos são testemunho, não quero negar que no fundo falam apenas de mim. "Wagner em Bayreuth" é uma visão do meu futuro; mas em "Schopenhauer como educador" está inscrita minha história mais íntima, meu vir a ser. Sobretudo meu compromisso!... O que hoje sou, onde hoje estou — em uma altura de onde já não falo com palavras, mas com raios —, ó quão longe disso eu ainda estava então! — Mas eu via a Terra — não me enganei um instante sobre caminhos, mares e perigos — e sobre o êxito! A grande paz no prometer, o feliz mirar em um futuro que não permanecerá mera promessa! — Ali cada palavra é vivida, profunda, interior; os sofrimentos maiores estão presentes, existem palavras cobertas de sangue. Mas um vento de grande liberdade sopra sobre tudo; a própria ferida não é sentida como obstáculo. — De que modo entendo o filósofo, como um terrível corpo explosivo diante do qual tudo corre perigo, de que modo tanto distancio meu conceito de filósofo de um conceito que inclui até mesmo um Kant, para não falar dos ruminantes acadêmicos e outros professores de filosofia: sobre isso esse trabalho dá inestimável ensinamento, mesmo concedendo que no fundo não é "Schopenhauer como educador", porém seu oposto, "Nietzsche como educador", que assume a palavra. — Considerando que naquele tempo meu ofício era o de erudito, e talvez que eu entendia do meu ofício, não é sem significância um acre fragmento de psicologia do erudito que aparece subitamente nesse trabalho: ele exprime meu sentimento de distância, a profunda segurança sobre o que em mim pode ser tarefa ou apenas meio, entreato e ocupação secundária. É inteligência minha haver sido muitas coisas em muitos lugares, para poder tornar-me um — para poder alcançar uma coisa. Por um tempo eu tive de ser também erudito. —

HUMANO, DEMASIADO HUMANO
Com duas continuações

1. Humano, demasiado humano é o monumento de uma crise. Ele se proclama um livro para espíritos livres: quase cada frase, ali, expressa uma vitória — com ele me libertei do que não pertencia à minha natureza. A ela não pertence o idealismo: o título diz "onde vocês vêem coisas ideais, eu vejo — coisas humanas, ah, somente coisas demasiado humanas!"... Eu conheço mais o homem... Em nenhum outro sentido a expressão "espírito livre" quer ser entendida: um espírito tornado livre, que de si mesmo de novo tomou posse. O tom, o timbre da voz mudou inteiramente: o livro será considerado inteligente, frio, por vezes duro e sarcástico. Uma certa espiritualidade de gosto nobre parece se impor e sobrepor continuamente a uma corrente mais apaixonada que flui no fundo. Nesse contexto, tem sentido que a publicação do livro no ano de 1878 como que se justifique realmente com a celebração do centenário de morte de Voltaire. Pois Voltaire é, em oposição a todos que escreveram depois dele, sobretudo um grand seigneur do espírito: exatamente o que também sou. — O nome de Voltaire em um escrito meu — isso era realmente um progresso — até mim... Olhando-se mais detidamente, descobre-se um espírito impiedoso, que conhece todos os esconderijos onde o ideal faz sua morada — onde tem suas masmorras e sua última trincheira. Uma tocha nas mãos, uma tocha cuja luz não tremula,48 e este submundo do ideal é iluminado com claridade cortante. É a guerra, mas a guerra sem pólvora e fumaça, sem atitudes guerreiras, sem pathos e membros contraídos — tudo isso seria ainda "idealismo". Um erro após o outro é calmamente colocado no gelo, o ideal não é refutado — ele congela... Aqui, por exemplo, congela "o santo"; pouco adiante congela "o gênio"; sob um espesso sincelo congela "o herói"; por fim congela "a fé", a chamada "convicção", também a "compaixão" esfria consideravelmente — em quase toda parte congela "a coisa em si"...

2. Os começos deste livro situam-se nas semanas do primeiro festival de Bayreuth; uma profunda estranheza em relação a tudo o que me cercava é um de seus pressupostos. Quem tem idéia das visões que já então me haviam cruzado o caminho pode imaginar o que eu sentia, ao acordar um dia em Bayreuth. Inteiramente como se sonhasse... Onde estava afinal? Não reconhecia nada, mal reconhecia Wagner. Em vão folheava minhas lembranças. Tribschen — uma longínqua ilha de bem-aventurados: nem sombra de semelhança. Os incomparáveis dias da colocação da pedra angular, o pequeno e apropriado grupo que a celebrou, ao qual não faltavam dedos para as coisas delicadas: nem sombra de semelhança. Que havia acontecido? — Haviam traduzido Wagner para o alemão! O wagneriano

havia se assenhoreado de Wagner! — A arte alemã! O mestre alemão! A cerveja alemã!... Nós, os outros, que sabemos muito bem a que artistas refinados, a que cosmopolitismo do gosto a arte de Wagner fala, estávamos fora de nós mesmos, ao encontrar Wagner ornado de "virtudes" alemãs. Acredito conhecer os wagnerianos, pois "vivi" três gerações deles, do falecido Brendel, que confundia Wagner com Hegel, aos "idealistas" das Folhas de Bayreuth, que confundem Wagner consigo mesmos — ouvi toda espécie de confissões de "almas belas" sobre Wagner. Meu reino por uma palavra inteligente! — Em verdade, uma companhia de arrepiar os cabelos! Nohl, Pohl, Kohl com graça in infinitum![49] Nenhum aborto da natureza falta entre eles, nem mesmo o anti-semita. — Pobre Wagner! Onde havia caído! — Tivesse ao menos se lançado entre os porcos![50] Mas entre alemães!... Por fim se deveria, para instrução da posteridade, empalhar um bayreuthiano autêntico, ou melhor, submergi-lo em spiritus, pois spiritus é o que falta — com a inscrição: assim era o "espírito" sobre o qual se fundou o Reich... Basta. Em meio a tudo parti subitamente por algumas semanas, embora uma encantadora parisiense me procurasse consolar; desculpei-me junto a Wagner somente com um telegrama fatalista. Em uma localidade perdida no fundo da floresta da Boêmia, Klingenbrunn, carreguei como uma enfermidade minha melancolia e meu desprezo por alemães — também, escrevia de quando em quando, sob o título geral de "A relha do arado", uma frase em meu caderno de notas, nada senão duras observações psicológicas, que podem talvez ser de novo encontradas em Humano, demasiado humano.

3. O que em mim então se decidiu não era uma ruptura com Wagner — eu percebi um total desvio de meu instinto, do qual um desacerto particular, fosse ele Wagner ou a cátedra da Basiléia, era apenas um sinal. Uma impaciência comigo mesmo me tomou; vi que era hora de refletir, retornar a mim. De súbito ficou para mim terrivelmente claro quanto tempo já fora desperdiçado — quão inútil e arbitrariamente toda a minha existência de filólogo destoava de minha tarefa. Envergonhei-me dessa falsa modéstia... Dez anos atrás de mim, durante os quais a alimentação de meu espírito havia literalmente cessado, em que eu nada de útil havia mais aprendido, em que havia esquecido absurdamente tanto, debruçado sobre uma tralha de erudição empoeirada. Arrastar-me com grande minúcia e péssima vista entre os métricos antigos — a isso havia chegado! — Tive pena ao me ver tão magro, tão esquálido: as realidades faltavam inteiramente em meu saber, e as "idealidades" para que diabo serviam! — Uma sede abrasadora me tomou: a partir de então ocupei-me apenas de fisiologia, medicina e ciências da natureza — mesmo a autênticos estudos históricos retornei somente quando a tarefa a isso me obrigou imperiosamente. Foi então que atinei também pela primeira vez a relação entre uma atividade escolhida contra o próprio instinto, uma assim chamada "profissão", que é o que menos professamos[51] — e aquela necessidade de entorpecimento da sensação de vazio e de fome através de uma

arte narcótica — por exemplo, através da arte de Wagner. Olhando em torno com maior cuidado, descobri que existe o mesmo infortúnio para um grande número de jovens: uma contranatureza provoca formalmente uma segunda. Na Alemanha, no "Reich", para falar inequivocamente, não são poucos os condenados a decidir-se prematuramente e logo definhar, sob um peso de que já não podem se desvencilhar... Estes anseiam por Wagner como por um opiato — esquecem-se, evadem-se de si mesmos por um instante... Que digo? Por cinco ou seis horas! —

4. Naquela época, meu instinto decidiu-se inflexível pelo fim daquele ceder, seguir, confundir-se com outros. Qualquer espécie de vida, as condições mais desfavoráveis, doença, pobreza — tudo me pareceu preferível àquela indigna "falta de si", na qual havia caído por ignorância, por juventude, e na qual havia depois permanecido por letargia, pelo chamado "sentimento do dever". — Nisso me veio em ajuda, de uma maneira que não posso admirar o bastante, e precisamente no tempo certo, aquela má herança por parte de meu pai — no fundo uma predestinação a uma morte temporã. A doença libertou-me lentamente: poupou-me qualquer ruptura, qualquer passo violento e chocante. Não perdi então nenhuma benevolência, ganhei muitas mais. A doença deu-me igualmente o direito a uma completa inversão de meus hábitos; ela permitiu, ela me ordenou esquecer; ela me presenteou com a obrigação à quietude, ao ócio, ao esperar e ser paciente... Mas isto significa pensar!... Apenas meus olhos puseram fim à bibliofagia, leia-se "filologia": estava salvo dos livros, nada mais li durante anos — o maior benefício que me concedi! — Aquele Eu mais ao fundo, quase enterrado, quase emudecido sob a constante imposição de ouvir outros Eus (— isto significa ler!), despertou lentamente, tímida e hesitantemente — mas enfim voltou a falar. Nunca fui tão feliz comigo mesmo como nas épocas mais doentias e dolorosas de minha vida: basta olhar Aurora, ou "O andarilho e sua sombra", para compreender o que foi esse "retorno a mim": uma suprema espécie de cura!... A outra apenas resultou desta.

5. Humano, demasiado humano, este monumento de uma rigorosa disciplina de si, com a qual dei um brusco fim a todo "embuste superior", "idealismo", "sentimento belo" e outras feminilidades de que fora contagiado, foi redigido no principal em Sorrento; recebeu sua conclusão e sua forma definitiva em um inverno na Basiléia, sob condições bem mais desfavoráveis que em Sorrento. No fundo é o sr. Peter Gast, então na Universidade da Basiléia, e a mim muito afeiçoado, quem tem este livro na consciência. Eu ditava, a cabeça enfaixada e dolorida, ele escrevia, e corrigia também — ele foi, no fundo, o verdadeiro escritor; eu fui apenas o autor. Quando finalmente me chegou às mãos o livro acabado — para profundo espanto de um enfermo grave —, enviei dois exemplares também para Bayreuth. Por um milagre de sentido no acaso, chegava-me simultaneamente um belo exemplar do texto do Parsifal, com dedicatória de Wagner a mim, "a meu caro

amigo Friedrich Nietzsche, Richard Wagner, conselheiro eclesiástico". — Esse cruzamento dos dois livros — a mim me pareceu ouvir nele um ruído ominoso. Não soava como se duas espadas se cruzassem?... De qualquer modo nós o sentimos ambos assim: pois ambos silenciamos. — Por esse tempo apareceram as primeiras Folhas de Bayreuth: eu compreendi para o que havia chegado a hora. — Incrível! Wagner havia se tornado devoto...

6. O modo como eu pensava então (1876) sobre mim mesmo, com que tremenda segurança eu tinha em mãos minha tarefa e o que nela era histórico-universal — disso o livro inteiro, mas sobretudo uma passagem bem explícita, dá testemunho: apenas, com a astúcia que me é instintiva, também ali contornei novamente a palavrinha "eu", e dessa vez não foi Schopenhauer ou Wagner, mas um dos meus amigos, o excelente dr. Paul Rée, a quem aureolei com glória histórico-universal — felizmente, uma criatura muito fina para... Outros foram menos finos: os casos sem esperança entre os meus leitores, por exemplo o típico catedrático alemão, eu sempre reconheci no fato de que, baseando-se nessa passagem, acreditaram dever compreender o livro inteiro como superior Réealismo... Na verdade continha a réplica a cinco, seis proposições do meu amigo: queira-se, a propósito, reler o prólogo à Genealogia da moral. — A passagem diz: Qual a principal tese a que chegou um dos mais frios e ousados pensadores, o autor do livro sobre a Origem dos sentimentos morais (lisez [leia-se]: Nietzsche, o primeiro imoralista), graças a suas cortantes e penetrantes análises da atividade humana? "O homem moral não está mais próximo ao mundo inteligível do que o homem físico — porque não existe mundo inteligível..." Essa tese, temperada e afiada sob os golpes de martelo da cognição histórica (lisez: tresvaloração de todos os valores), talvez possa um dia, em algum futuro — 1890! — servir como machado para cortar pela raiz a "necessidade metafísica" da humanidade — se para bênção ou para maldição da humanidade, quem saberia dizer? Mas, em todo caso, como uma tese das mais sérias conseqüências, simultaneamente fecunda e horrenda, e olhando para o mundo com aquele olhar bifrontal que possuem todas as grandes cognições...

AURORA
Pensamentos sobre a moral como preconceito

1. Com este livro começa a minha campanha contra a moral. Não que ele tenha o menor cheiro de pólvora — nele se perceberão odores inteiramente outros, e bem mais agradáveis, desde que se tenha alguma finura nas narinas. Nem artilharia pesada, nem tampouco ligeira: se o efeito do livro é negativo, tanto menos são seus meios, esses meios dos quais o efeito resulta como uma conclusão, não como um tiro de canhão. Que o leitor se despeça do livro com uma cautelosa reserva diante de tudo o que até agora veio a ser honrado e mesmo adorado sob o nome de moral, não está em contradição com o fato de que em todo o livro não se encontre uma só palavra negativa, um ataque, uma malícia — que na verdade ele seja banhado pelo sol, redondo e feliz como um animal marinho que toma sol entre os rochedos. Afinal, era eu mesmo esse animal marinho: quase cada frase do livro foi pensada, pescada na profusão de rochedos perto de Gênova, onde me encontrava só e partilhava ainda segredos com o mar. Ainda hoje, ao tocar casualmente este livro, quase cada frase torna-se-me uma ponta, a qual puxo para novamente retirar da profundeza algo incomparável: toda a sua pele vibra em delicados tremores de recordação. A arte em que ele sobressai não é pequena: reter por um pouco coisas que deslizam leves e sem ruído, instantes que denomino lagartos divinos — não com a crueldade daquele jovem deus grego, que simplesmente trespassava o pobre pequeno lagarto, porém ainda com algo pontiagudo, com a pena... "Há tantas auroras que não brilharam ainda" — essa inscrição indiana figura na entrada deste livro. Onde busca o seu criador aquela nova manhã, aquele delicado e até aqui desconhecido rubor com que um novo dia — ah, toda uma sucessão, todo um mundo de novos dias! — romperá? Em uma tresvaloração de todos os valores, em um desprender-se de todos os valores morais, em um confiar e dizer Sim a tudo o que até aqui foi proibido, desprezado, maldito. Este livro que diz Sim derrama sua luz, seu amor, sua ternura sobre coisas apenas ruins, ele lhes devolve "a alma", a boa consciência, o elevado direito e privilégio à existência. A moral não é atacada, apenas não é mais considerada... Este livro conclui com um "Ou?" — é o único livro que conclui com um "Ou?"...

2. Minha tarefa de preparar para a humanidade um instante de suprema tomada de consciência,52 um grande meio-dia em que ela olhe para trás e para adiante, em que ela escape ao domínio do acaso e do sacerdote, e coloque a questão do por quê?, do para quê? pela primeira vez como um todo —, essa tarefa resulta necessariamente da compreensão de que a humanidade não segue por si o caminho reto, que não é regida divinamente, que na verdade, sob as suas mais

sagradas noções de valor, foi o instinto de negação, de degeneração, o instinto de décadence que governou sedutoramente. A questão da origem dos valores morais é para mim, portanto, uma questão de primeira ordem, porque condiciona o futuro da humanidade. A exigência de que se deve acreditar que no fundo tudo está nas melhores mãos, que um livro, a Bíblia, tranqüiliza definitivamente quanto à condução e à sabedoria divinas na sorte da humanidade, esta exigência, retraduzida na realidade, é a vontade de não deixar surgir a verdade sobre o lamentável oposto disso, ou seja, que a humanidade esteve até agora nas piores mãos, que foi governada pelos malogrados, os astutos-vingativos, os chamados "santos", esses caluniadores do mundo e violadores do homem. O signo decisivo no qual se revela que o sacerdote (— inclusive os sacerdotes mascarados, os filósofos) tornou-se senhor absolutamente, e não só dentro de uma determinada comunidade religiosa, que a moral da décadence, a vontade de fim, é tida como moral em si, é o valor incondicional em toda parte atribuído ao que é altruísta, e a hostilidade ao que é egoísta. Quem comigo neste ponto está em desacordo, eu o considero infectado... Mas o mundo inteiro está comigo em desacordo... Para um fisiólogo, tal antinomia de valores não deixa dúvidas. Quando, no interior do organismo, o órgão mais insignificante descura, mesmo por um mínimo, de impor com total segurança sua autoconservação, sua renovação de forças, seu "egoísmo",53 o todo degenera. O fisiólogo exige a extirpação da parte degenerada, ele nega qualquer solidariedade ao degenerado, está o mais longe possível da compaixão por ele. Mas o sacerdote quer exatamente a degeneração do todo, da humanidade: por isso conserva o que degenera — a este preço ele a domina... Que sentido têm aqueles conceitos mentirosos, os conceitos auxiliares de moral, "alma", "espírito", "livre-arbítrio", "Deus", senão o de arruinar fisiologicamente a humanidade?... Quando se retira a seriedade da autoconservação, da fortificação do corpo, ou seja, da vida, quando se faz da anemia um ideal, do desprezo ao corpo a "salvação da alma", que é isto, senão uma receita de décadence? — A perda de centro de gravidade, a resistência aos instintos naturais, em uma palavra, a "ausência de si" — a isto se chamou moral até agora... Com Aurora iniciei a luta contra a moral da renúncia de si.

A GAIA CIÊNCIA

Aurora é um livro que diz Sim, profundo, porém claro e benévolo. O mesmo, e no maior grau, vale para a gaya scienza: em quase cada frase sua, profundidade e petulância dão-se ternamente as mãos. Um verso que exprime a gratidão pelo mais maravilhoso janeiro que vivi — todo o livro é uma dádiva — revela bem a partir de que profundeza a "ciência" aí tornou-se gaia:

> Ó tu que com o dardo de flama
> Partes o gelo da minha alma,
> Para que ela se lance fremente
> Ao mar de sua suprema esperança:
> Sempre mais clara e mais sã,
> Livre na lei mais amorosa —
> Assim exalta ela teus milagres,
> Belíssimo Janeiro!

O que aí significa "suprema esperança", quem pode ter dúvidas quanto a isso, ao ver refulgir, na conclusão do livro quarto, a diamantina beleza das primeiras palavras de Zaratustra? — Ou ao ler as frases graníticas ao final do livro terceiro, com as quais pela primeira vez expressa-se em fórmulas um destino para todos os tempos? — As Canções do príncipe Vogelfrei,54 compostas em grande parte na Sicília, lembram explicitamente a noção provençal da gaya scienza, aquela unidade de trovador, cavaleiro e espírito livre com que a maravilhosa cultura dos provençais se distingue de todas as culturas equívocas; o último poema especialmente, "Ao mistral", um radiante canto-dança em que — permitam-me! — bailo sobre a moral, é um perfeito provençalismo.

ASSIM FALOU ZARATUSTRA
Um livro para todos e para ninguém

1. Contarei agora a história do Zaratustra. A concepção fundamental da obra, o pensamento do eterno retorno, a mais elevada forma de afirmação que se pode em absoluto alcançar, é de agosto de 1881: foi lançado em uma página com o subescrito: "seis mil pés acima do homem e do tempo". Naquele dia eu caminhava pelos bosques perto do lago de Silvaplana; detive-me junto a um imponente bloco de pedra em forma de pirâmide, pouco distante de Surlei. Então veio-me esse pensamento. — Retrocedendo alguns meses a partir desse dia, encontro, como signo premonitório, uma súbita e profundamente decisiva mudança em meu gosto, sobretudo na música. Talvez se possa ver o Zaratustra inteiro como música; — certamente um renascimento da arte de ouvir era uma precondição para ele. Em uma pequena estação de águas próxima a Vicenza, Recoara, onde passei a primavera de 1881, descobri, juntamente com o meu maestro e amigo Peter Gast, também ele um "renascido", que a fênix Música por nós passava em vôo, com plumagem mais leve e luminosa do que jamais exibira. Se porém contarmos para a frente a partir daquele dia, até o parto súbito, acontecido nas mais inverossímeis circunstâncias, em fevereiro de 1883 — a parte final, a mesma da qual citei algumas frases no prefácio, foi concluída exatamente na hora sagrada em que Richard Wagner morria em Veneza —, resultam então dezoito meses de gravidez. Esse número exato de dezoito meses poderia sugerir, entre budistas pelo menos, que no fundo sou uma fêmea de elefante. — Ao período intermediário pertence a gaya scienza, que contém mil indícios da proximidade de algo incomparável; afinal, ela dá inclusive o começo do Zaratustra, na penúltima parte do quarto livro dá o pensamento básico do Zaratustra. — De igual modo pertence a esse intervalo o Hino à vida (para coro misto e orquestra), cuja partitura foi publicada há dois anos por E. W. Fritzsch, de Leipzig: sintoma talvez significativo do meu estado nesse ano, em que o pathos afirmativo par excellence, por mim denominado pathos trágico, me possuía no grau máximo. Ele algum dia será cantado em minha memória. — O texto, seja expressamente notado, porque corre um mal-entendido a respeito, não é meu: é assombrosa inspiração de uma jovem russa com quem então mantinha amizade, a srta. Lou von Salomé. Quem souber extrair sentido das últimas palavras do poema perceberá por que eu o distingui e admirei: elas têm grandeza. A dor não é vista como objeção à vida: "Se felicidade já não tens para me dar, pois bem!, ainda tens a tua dor...". Talvez também a minha música tenha grandeza nesse trecho. (Última nota da clarineta em lá: dó sustenido, não dó. Erro de impressão.) — O inverno seguinte vivi na calma e graciosa baía de Rapallo, não longe de Gênova, entalhada entre Chiavari e o promontório de Porto Fino. Minha

saúde não era a melhor; o inverno frio e chuvoso ao extremo; um pequeno albergue, situado à beira do mar, de modo que à noite a maré alta tornava o sono impossível, oferecia em quase tudo o oposto do que seria desejável. Apesar disso, e como que para demonstrar minha tese de que tudo decisivo acontece apesar de tudo, foi nesse inverno e nesse desfavorecimento das circunstâncias que meu Zaratustra nasceu. — Pela manhã eu subia na direção sul, no magnífico caminho para Zoagli, até o alto, passando por pinheiros e avistando vasta porção de mar; à tarde, quando a saúde o permitia, contornava toda a baía de Santa Margherita até Porto Fino. Esse lugar e essa paisagem ficaram ainda mais próximos a meu coração, pelo grande amor que lhes tinha o imperador Frederico iii; por acaso eu me encontrava novamente nessa orla no outono de 1886, quando ele visitou pela última vez esse pequeno mundo esquecido de felicidade. — Nesses dois caminhos ocorreu-me todo o primeiro Zaratustra, sobretudo o próprio Zaratustra como tipo: mais corretamente, ele caiu sobre mim...55

2. Para compreender esse tipo, é preciso primeiramente ganhar clareza sobre o seu pressuposto fisiológico: o que denomino a grande saúde. Não sei explicar melhor, mais pessoalmente esse conceito, do que já o fiz em um dos trechos finais do livro quinto da gaya scienza. "Nós, os novos, sem nome, de difícil compreensão" — diz-se ali — "nós, rebentos prematuros de um futuro ainda não provado, nós necessitamos, para um novo fim, também de um novo meio, ou seja, de uma nova saúde, mais forte alerta alegre firme audaz que todas as saúdes até agora. Aquele cuja alma almeja haver vivido o inteiro compasso dos valores e desejos até então havidos, e haver velejado as praias todas desse 'Mediterrâneo' ideal, aquele que quer, das aventuras da vivência mais sua, saber como sente um descobridor e conquistador do ideal, e também um artista, um santo, um legislador, um sábio, um erudito, um beato, um divino eremita de outrora: para isso necessita mais e antes de tudo uma coisa, a grande saúde — uma tal que não apenas se tem, mas constantemente se adquire e é preciso adquirir, pois sempre de novo se abandona e é preciso abandonar... E agora, após termos estado por largo tempo assim a caminho, nós, argonautas do ideal, mais corajosos talvez do que seria prudente, e com freqüência náufragos e sofridos, mas, como se disse, mais sãos do que nos concederiam, perigosamente, sempre novamente sãos — quer nos parecer como se tivéssemos, como paga por isso, uma terra ainda desconhecida à nossa frente, cujos limites ainda ninguém divisou, um além de todos os cantos e quadrantes do ideal, um mundo tão opulento do que é belo, estranho, questionável, terrível, divino, que tanto nossa curiosidade como nossa sede de posse caem fora de si — ah, de modo que doravante nada nos poderá mais saciar!... Como poderíamos nós, após tais visões, e com tal voracidade de ciência e consciência, satisfazermo-nos com o homem atual? É muito mau, porém inevitável, que olhemos as suas mais dignas metas e esperanças com seriedade a custo mantida, e talvez sequer as olhemos mais... Um outro ideal corre à nossa frente, um ideal prodigioso, tentador,

pleno de perigos, ao qual ninguém gostaríamos de levar a crer, porque a ninguém reconhecemos tão facilmente o direito a ele: o ideal de um espírito que ingenuamente, ou seja, sem o querer, e por transbordante abundância e potência, brinca com tudo o que até aqui se chamou santo, bom, intocável, divino; para o qual o mais elevado, aquilo em que o povo encontra naturalmente sua medida de valor, já não significaria senão perigo, declínio, rebaixamento ou, no mínimo, distração, cegueira, momentâneo esquecer de si; o ideal de bem-estar e bem-querer humano-sobre-humano, que com freqüência parecerá inumano, por exemplo, ao colocar-se ao lado de toda a seriedade terrena até então, ao lado de toda a anterior solenidade em gesto, palavra, tom, olhar, moral e dever, como sua mais viva paródia involuntária — e com o qual, não obstante tudo, só então talvez se alce a grande seriedade, o verdadeiro ponto de interrogação seja colocado, o destino da alma dê a volta, o ponteiro avance, a tragédia comece..."56

3. Alguém, no final do século xix, tem nítida noção daquilo que os poetas de épocas fortes chamavam inspiração? Se não, eu o descreverei. — Havendo o menor resquício de superstição dentro de si, dificilmente se saberia afastar a idéia de ser mera encarnação, mero porta-voz, mero medium de forças poderosíssimas. A noção de revelação, no sentido de que subitamente, com inefável certeza e sutileza, algo se torna visível, audível, algo que comove e transtorna no mais fundo, descreve simplesmente o estado de fato. Ouve-se, não se procura; toma-se, não se pergunta quem dá; um pensamento reluz como relâmpago, com necessidade, sem hesitação na forma — jamais tive opção. Um êxtase cuja tremenda tensão desata-se por vezes em torrente de lágrimas, no qual o passo involuntariamente ora se precipita, ora se arrasta; um completo estar fora de si, com a claríssima consciência de um sem-número de delicados tremores e calafrios que chegam aos dedos dos pés; um abismo de felicidade, onde o que é mais doloroso e sombrio não atua como contrário, mas como algo condicionado, exigido, como uma cor necessária em meio a tal profusão de luz; um instinto para relações rítmicas que abarca imensos espaços de formas — a longitude, a necessidade de um ritmo amplo é quase a medida para a potência da inspiração, uma espécie de compensação para sua pressão e tensão... Tudo ocorre de modo sumamente involuntário, mas como que em um turbilhão de sensação de liberdade, de incondicionalidade, de poder, de divindade... A involuntariedade da imagem, do símbolo, é o mais notável; já não se tem noção do que é imagem, do que é símbolo, tudo se oferece como a mais próxima, mais correta, mais simples expressão. Parece realmente, para lembrar uma palavra de Zaratustra, como se as coisas mesmas se acercassem e se oferecessem como símbolos (— "aqui todas as coisas vêm afagantes ao encontro da tua palavra, e te lisonjeiam: pois querem cavalgar no teu dorso. Em cada símbolo cavalgas aqui até cada verdade. Aqui se abrem para ti as palavras e arcas de palavras de todo o ser; todo o ser quer vir a ser palavra, todo o vir a ser quer contigo aprender a falar" —).57 Esta é a minha

experiência da inspiração; não duvido que seja preciso retroceder milênios para encontrar alguém que me possa dizer: "é também a minha". —

4. Depois, por algumas semanas estive doente em Gênova. Seguiu-se então uma primavera de melancolia em Roma, quando apenas tolerei a vida — não foi fácil. No fundo desgostava-me ao extremo o lugar, o mais indecoroso da Terra para o criador do Zaratustra, e que eu não escolhera livremente; tentei escapar — quis ir para Aquila, a antítese de Roma, fundada por hostilidade a Roma, local como eu um dia fundarei, a recordação de um ateísta e inimigo da igreja comme il faut, um dos seres mais próximos a mim, o imperador Hohenstaufen Frederico ii. Mas uma fatalidade estava em tudo: tive de voltar. Por fim contentei-me com a piazza Barberini, após haver-me cansado na procura de um bairro anticristão. Receio ter uma vez, fugindo a todo custo dos maus odores, perguntado inclusive no palazzo del Quirinale58 se não dispunham de um quarto tranqüilo para um filósofo. — Em uma loggia que domina a mencionada piazza, da qual se avista Roma e se ouve bem abaixo sussurrar a fontana, foi composta a mais solitária canção jamais composta, o "Canto noturno"; por esse tempo rondava-me uma melodia indizivelmente melancólica, cujo refrão reencontrei nas palavras "morto de imortalidade...". No verão, de volta ao local sagrado onde me iluminou o primeiro clarão do Zaratustra, encontrei o segundo Zaratustra. Dez dias bastaram; em nenhum caso, fosse no primeiro, no terceiro ou no último, precisei de mais. No inverno seguinte, sob o alciônico céu de Nice, que então pela primeira vez brilhou em minha vida, encontrei o terceiro Zaratustra — e concluí. Tudo mal havia tomado um ano. Muitos recantos e muitas alturas da paisagem de Nice são para mim santificados por instantes inesquecíveis; aquele capítulo decisivo que traz o título "De velhas e novas tábuas" foi composto na tão fatigante subida da estação ao maravilhoso castelo mourisco de Eza — a agilidade muscular sempre foi máxima em mim, quando a força criadora fluía do modo mais pujante. O corpo está entusiasmado: deixemos a "alma" de fora... Com freqüência me podiam ver dançando; eu podia, sem sombra de cansaço, andar durante sete ou oito horas pelas montanhas. Dormia bem, ria muito — possuía robustez e paciência perfeitas.

5. Excetuando esses trabalhos de dez dias, os anos durante e sobretudo após o Zaratustra foram de um infortúnio sem igual. Paga-se caro por ser imortal: morre-se várias vezes em vida. — Existe algo a que chamo a rancune [rancor] do que é grande: tudo grande, uma obra, um ato, uma vez completado volta-se incontinenti contra aquele que o fez. Precisamente por tê-lo feito ele está fraco — não mais suporta seu ato, não consegue mais encará-lo. Deixar atrás de si algo que nunca se deveria ter querido, algo a que está atado o nó do destino da humanidade — e tê-lo doravante sobre si!... Quase que esmaga... A rancune do grande! — Uma outra coisa é o horrível silêncio que se ouve em torno. A solidão tem sete cascas; nada mais a penetra. Encontra-se as pessoas, cumprimenta-se os amigos: novo ermo,

nenhum olhar saúda mais. No melhor dos casos, uma espécie de revolta. Uma tal revolta notei, em graus bem distintos, mas em quase cada um que me cercava; parece que nada fere mais fundo do que deixar subitamente perceber uma distância — as naturezas nobres, que não sabem viver sem venerar, são raras. — Uma terceira coisa é a absurda sensibilidade da pele a pequenas picadas, uma espécie de desamparo em face de tudo pequeno. Isso me parece determinado pelo tremendo desgaste das forças defensivas que todo ato criador, todo ato vindo do mais próprio, mais íntimo, mais profundo, tem como pressuposto. As pequenas faculdades defensivas são com isso como que suspensas; para elas nenhuma força mais aflui. — Ouso sugerir que a pessoa digere pior, move-se a contragosto, fica demasiado vulnerável a sensações de frio, também à desconfiança — à desconfiança, que em muitos casos é apenas um engano etiológico. Em tal estado senti certa vez a proximidade de um rebanho de vacas ainda antes de vê-lo, pelo retorno de pensamentos mais suaves, mais humanitários: aquilo tinha calor...

6. Esta obra ocupa lugar à parte. Deixemos os poetas de lado: talvez nunca se tenha feito nada a partir de uma tal profusão de energia. Meu conceito de "dionisíaco" tornou-se ali ato supremo; por ele medido, todo o restante fazer humano aparece como pobre e limitado. Que um Goethe, um Shakespeare não saberiam respirar sequer um instante nessa paixão e nessa altura tremendas, que Dante, comparado a Zaratustra, seja apenas um crente, e não alguém que por primeiro cria a verdade, um espírito regedor do mundo, um destino — que os poetas do Veda sejam sacerdotes, e indignos mesmo de desatar as sandálias de um Zaratustra, tudo isso é o mínimo, e não dá noção da distância, da solidão anil em que essa obra vive. Zaratustra tem eterno direito a dizer: "eu traço círculos e fronteiras sagradas em torno de mim; sempre mais raros são os que comigo sobem montanhas sempre mais altas — eu construo um maciço de montanhas sempre mais sagradas". Somem-se o espírito e a bondade de todas as grandes almas em uma: todas juntas não seriam capazes de produzir uma fala de Zaratustra. Tremenda é a escala em que ele se move; ele viu mais longe, quis mais longe e pôde mais longe que qualquer homem. Ele contradiz com cada palavra, esse mais afirmativo dos espíritos; nele todos os opostos se fundem numa nova unidade. As mais baixas e as mais elevadas forças da natureza humana, o mais doce, mais leve e mais terrível flui de uma nascente com certeza perene. Até então não se sabe o que é altura, o que é profundeza, sabe-se menos ainda o que é verdade. Não há, nessa anunciação da verdade, um só instante que tivesse sido antecipado, por um só dos grandes pressentido. Não há sabedoria, pesquisa da alma ou arte do discurso antes do Zaratustra: o mais imediato, o mais cotidiano fala de coisas inauditas ali. A sentença fremente de paixão; a eloqüência tornada música; raios arremessados adiante, a futuros ainda insuspeitos. A mais poderosa energia para o símbolo até aqui existente é pobre brincadeira, frente ao retorno da linguagem à natureza mesma da imagem. — E como desce Zaratustra, e a cada um diz a

palavra mais bondosa! Como toca com mãos delicadas até mesmo seus antagonistas, os sacerdotes, e sofre com eles por eles! — Ali o homem é superado a cada momento, o conceito de "super-homem" fez-se ali realidade suprema — tudo o que até aqui se chamou grande no homem situa-se a uma distância infinita, abaixo dele. O elemento alciônico, os pés ligeiros, a onipresença de malícia e petulância, e o que mais for típico do tipo Zaratustra, isso jamais se sonhou como essencial à grandeza. Precisamente nessa extensão de espaço, nessa acessibilidade aos contrários, é que Zaratustra se sente como a forma suprema de tudo o que é, e, ouvindo como ele a define, renuncia-se a procurar seu símile.

— a alma que possui a mais longa escala e mais fundo pode descer,
a alma mais extensa, que mais longe pode correr e errar e vagar dentro de si,
a mais necessária, que com prazer se lança no acaso,
a alma que é, e mergulha no vir a ser, a que tem, e quer mergulhar no querer e desejar,
a que foge de si mesma, que a si mesma alcança nos círculos mais amplos,
a alma mais sábia, à qual fala mais docemente a tolice,
a que mais ama a si mesma, na qual todas as coisas têm sua corrente e contracorrente, seu fluxo e refluxo59 — —

Mas esta é a idéia mesma do Dionísio. — Outra consideração conduz igualmente a ela. O problema psicológico no tipo do Zaratustra consiste em como aquele que em grau inaudito diz Não, faz Não a tudo a que até então se disse Sim, pode no entanto ser o oposto de um espírito de negação; como o espírito portador do mais pesado destino, de uma fatalidade de tarefa, pode no entanto ser o mais além e mais leve — Zaratustra é um dançarino —: como aquele que tem a mais dura e terrível percepção da realidade,60 que pensou o "mais abismal pensamento", não encontra nisso entretanto objeção alguma ao existir, sequer ao seu eterno retorno — antes uma razão a mais para ser ele mesmo o eterno Sim a todas as coisas, "o imenso ilimitado Sim e Amém"... "A todos os abismos levo a bênção do meu Sim"... Mas esta é a idéia do Dionísio mais uma vez.

7. — Que linguagem falará um tal espírito, ao falar só consigo mesmo? A linguagem do ditirambo. Eu sou o inventor do ditirambo. Ouça-se como Zaratustra fala consigo mesmo antes do nascer do sol: uma tal felicidade esmeralda, uma tal delicadeza divina não tinha voz antes de mim. Mesmo a mais funda melancolia de tal Dionísio se torna ditirambo; tomo como signo o "Canto noturno" — a queixa imortal de ser, pela abundância de luz e poder, por sua natureza solar, condenado a não amar.

É noite: falam agora mais alto todas as fontes que jorram. E também minha alma é uma fonte que jorra.

É noite: despertam somente agora os cantos dos amantes. E também minha alma é o canto de um amante.

Algo insaciado, insaciável está em mim, que quer se pronunciar. Um anseio de amor está em mim, que fala ele mesmo a linguagem do amor.

Luz sou eu: ah, fosse eu noite! Mas esta é a minha solidão: estar cingido de luz.

Ah, fosse eu escuro e noturnal! Como desejaria sugar do peito da luz!

E também a vós desejaria abençoar, pequenos lumes estelares e vagalumes lá no alto! — e ser feliz à vossa dádiva de luz.

Mas vivo na minha própria luz, sorvo de novo em mim as chamas que de mim saem.

Não conheço a felicidade dos que recebem; e tantas vezes sonhei ser a ventura do roubar inda maior que a do ganhar.

Eis a minha pobreza: que a minha mão jamais cesse de dar; eis a minha inveja: que eu veja olhos expectantes e as noites iluminadas do desejo.

Ó desventura dos dadivosos! Ó anoitecer do meu sol! Ó anseio de ansiar! Ó fome na saciedade!

Eles recebem de mim: mas tocarei ainda a sua alma? Há um hiato entre dar e receber; e o hiato menor é o último a ser transposto.

Uma fome nasce da minha beleza: gostaria de magoar aqueles que ilumino, de assaltar os que presenteio — tenho fome de maldade.

Tal vingança planeja a minha plenitude, tal perfídia brota da minha solidão.

Minha ventura ao dar morreu ao dar, minha virtude cansou-se de si mesma em seu excesso!

O perigo, para quem sempre dá, está em perder o pudor; a quem sempre reparte formam-se, de repartir, calos na mão e no coração.

Meu olho já não lacrimeja ante o pudor dos que pedem; minha mão endureceu demais, para sentir o tremor das mãos cheias.

Para onde foram as lágrimas dos meus olhos e a penugem do meu coração? Ó solidão dos dadivosos! Ó silêncio dos luminosos!

Muitos sóis circulam nos espaços vazios: a tudo escuro fala a sua luz — a mim silenciam.

Ó, esta é a hostilidade da luz ao luminoso: impiedosa percorre ela sua órbita.

Injusto no mais fundo para com o luminoso, frio para com sóis — assim corre cada sol.

Como uma tempestade percorrem suas órbitas os sóis. Seguem sua vontade inexorável: eis sua frieza.

Ó seres escuros, noturnais, somente vós retirais calor do luminoso! Somente vós bebeis o bálsamo e o leite dos úberes de luz!

Ah, há gelo em volta de mim, minha mão se queima no gelo! Ah, há sede em mim, e grita por vossa sede!

É noite: ah, que eu tenha de ser luz! E sede do noturno! E solidão!

É noite: como uma nascente irrompe meu exigir — falar me exige.

É noite: falam agora mais alto todas as fontes que jorram. E também minha alma é uma fonte que jorra.

É noite: despertam agora os cantos dos amantes. E também minha alma é o canto de um amante.61 —

8. Coisa igual não foi jamais criada, jamais sentida, jamais sofrida: assim sofre um deus, um Dionísio. A resposta a um tal ditirambo de solidão do sol na luz62 seria Ariadne... Quem, além de mim, sabe o que é Ariadne!... Para todos esses enigmas ninguém teve até agora resposta, duvido que tenham chegado sequer a enxergar o enigma. — Zaratustra define certa vez com rigor sua tarefa — é também a minha — de modo a não haver engano sobre o sentido: ele é afirmativo a ponto de justificar, de redimir mesmo tudo o que passou.

Eu caminho entre os homens como entre fragmentos do futuro que contemplo.

Pois nisso consiste todo o meu Criar e Buscar: eu componho e junto em um o que é fragmento e enigma e medonho acaso.

Pois como suportaria eu ser homem, não fosse o homem também criador, decifrador de enigmas e redentor do acaso?

Redimir os que passaram e transmutar todo "Foi" em um "Assim o quis" — isto sim seria para mim redenção.

Em uma outra passagem, ele define com o rigor possível o que para ele pode ser somente "o homem" — não um objeto de amor ou mesmo de compaixão — também o grande nojo ao homem Zaratustra dominou: o homem é para ele algo informe, um material, uma pedra feia que necessita de escultor.

Não-mais-querer, não-mais-estimar, não-mais-criar: ó, que esse grande cansaço esteja para sempre longe de mim!

Também no conhecer sinto apenas o prazer de gerar e vir a ser da minha vontade; e havendo inocência em meu conhecimento, tal acontece porque nele há vontade de gerar;

Para longe de Deus e deuses atraiu-me essa vontade: pois o que haveria a criar, se deuses — houvesse?

Mas em direção ao homem leva-me sempre de novo minha fervorosa vontade de criar; assim é levado o martelo à pedra.

Ah, vós homens, na pedra dorme para mim uma imagem, a imagem das imagens! Ah, que ela tenha de dormir na mais dura e mais feia das pedras!

Agora se enfurece cruelmente o meu martelo contra a sua prisão. Da pedra saltam pedaços — que me importa?

Quero terminá-lo, pois uma sombra chegou a mim — a mais leve e silente de todas as coisas chegou a mim!

A beleza do super-homem chegou a mim como sombra: que me interessam

ainda os deuses!...63

Enfatizo um último ponto: o verso sublinhado me fornece a ocasião para isso. Entre as precondições para uma tarefa dionisíaca, é decisiva a dureza do martelo, o prazer mesmo no destruir. O imperativo: "tornai-vos duros!", a mais básica certeza de que todos os criadores são duros, é a verdadeira marca de uma natureza dionisíaca. —

ALÉM DO BEM E DO MAL
Prelúdio a uma filosofia do futuro

1. A tarefa para os anos seguintes estava traçada da maneira mais rigorosa. Depois de resolvida a parte de minha tarefa que diz Sim, era a vez da sua metade que diz Não, que faz o Não: a tresvaloração mesma dos valores existentes, a grande guerra — a conjuração do dia da decisão. Nisso está incluído o lento olhar em volta, a busca de seres afins, daqueles que de sua força me estendessem a mão para a obra de destruição. — A partir de então todos os meus escritos são anzóis: quem sabe eu entenda da pesca mais do que muitos?... Se nada mordeu, não foi minha culpa. Faltavam os peixes...

2. Este livro (1886) é, em todo o essencial, uma crítica da modernidade, não excluídas as ciências modernas, as artes modernas, mesmo a política moderna, juntamente com indicações para um tipo antitético que é o menos moderno possível, um tipo nobre, que diz Sim. Neste sentido o livro é uma escola do gentilhomme, entendido o conceito de maneira mais espiritual e radical do que nunca. É preciso ter dentro de si coragem para simplesmente suportá-lo, é preciso não haver aprendido a temer... Todas as coisas de que a época se orgulha são percebidas como contrárias a esse tipo, como más maneiras quase, por exemplo a famosa "objetividade", a "compaixão pelo sofredor", o "sentido histórico", com sua submissão face ao gosto alheio, com seu arrastar-se ante os petits faits, a "cientificidade".64 — Considerando-se que o livro vem após o Zaratustra, o leitor adivinhará também o régime dietético ao qual deve seu surgimento. O olho, por necessidade tremenda mal-acostumado a ver longe — Zaratustra enxerga ainda mais longe que o tzar65 —, é obrigado a enfocar com agudeza o imediato, a época, o em torno. Em tudo, e sobretudo na forma, se encontrará um afastamento voluntário daqueles instintos que tornaram possível um Zaratustra. O refinamento na forma, na intenção, na arte do silenciar, está em primeiro plano, a psicologia é manipulada com dureza e crueldade confessas — o livro carece de qualquer palavra bondosa... Tudo isso descansa: quem saberá afinal que espécie de descanso faz mister tal desgaste de bondade como é o Zaratustra?... Falando teologicamente — preste-se atenção, pois raramente falo como teólogo —, foi o próprio Deus que, ao fim da sua jornada de trabalho, estendeu-se em forma de serpente sob a Árvore do Conhecimento: assim descansou de ser Deus... Havia feito tudo demasiado bonito... O Diabo é apenas a ociosidade de Deus a cada sete dias...

GENEALOGIA DA MORAL66
Um escrito polêmico

As três dissertações que compõem esta genealogia são, quanto a expressão, intenção e arte da surpresa, talvez o que de mais inquietante até agora se escreveu. Dionísio, como se sabe, é também o deus das trevas. — A cada vez um c o m e ç o calculado para desorientar, frio, científico, irônico mesmo, intencionalmente primeiro plano, intencionalmente temporizador. Aos poucos, mais agitação; relâmpagos isolados; verdades bem desagradáveis anunciando-se ao longe com surdo zumbido — até ser enfim alcançado um tempo feroce em que tudo se lança adiante com tremenda tensão. Ao final, a cada vez, entre detonações terríveis inteiramente, uma verdade nova se faz visível em meio a espessas nuvens. — A verdade da primeira dissertação é a psicologia do cristianismo: o nascimento do cristianismo do espírito do ressentimento, não, como se crê, do "espírito" — um antimovimento em sua essência, a grande revolta contra a dominação dos valores nobres. A segunda dissertação oferece a psicologia da consciência: a mesma não é, como se crê, "a voz de Deus no homem" — é o instinto de crueldade que se volta para trás, quando já não pode se descarregar para fora. A crueldade pela primeira vez revelada como um dos mais antigos e indeléveis67 substratos da cultura. A terceira dissertação dá resposta à questão de onde procede o tremendo poder do ideal ascético, do ideal sacerdotal, embora o mesmo seja o ideal nocivo par excellence, uma vontade de fim, um ideal de décadence. Resposta: não porque Deus atue por trás dos sacerdotes, mas sim faute de mieux [por falta de coisa melhor] — porque foi até agora o único ideal, porque não tinha concorrentes. "Pois o homem preferirá ainda querer o nada a nada querer"... Sobretudo faltava um contra-ideal — até Zaratustra. Fui compreendido. Três decisivos trabalhos de um psicólogo, preliminares a uma tresvaloração de todos os valores. — Este livro contém a primeira psicologia do sacerdote.

CREPÚSCULO DOS ÍDOLOS
Como se filosofa com o martelo68

1. Esse escrito que não chega a cento e cinqüenta páginas, fatal e alegre no tom, um demônio que ri — obra de tão poucos dias que hesito em dizer seu número, é a exceção entre os livros: nada existe de mais substancial, mais independente, mais demolidor — de mais malvado. Querendo-se rapidamente fazer uma idéia de como antes de mim tudo estava de cabeça para baixo, comece-se por este livro. O que no título se chama ídolo é simplesmente o que até agora se denominou verdade. Crepúsculo dos ídolos — leia-se: adeus à velha verdade...

2. Não existe realidade, "idealidade", que não seja tocada nesse escrito (— tocada: que cauteloso eufemismo!...). Não só os ídolos eternos, também os mais jovens, portanto mais senis. As "idéias modernas", por exemplo. Um forte vento sopra entre as árvores, e em toda parte caem frutos — verdades. Há o desperdício de um outono demasiado rico: tropeça-se em verdades, esmaga-se algumas com o pé — são tantas... Mas o que se recebe nas mãos nada mais tem de questionável, são decisões. Eu sou o primeiro a ter em mãos o metro para "verdade", o primeiro a poder decidir. Como se em mim houvesse brotado uma segunda consciência, como se em mim "a vontade" houvesse acendido uma luz sobre o declive pelo qual até então seguia... O declive — chamavam-no o "caminho à verdade"... Acabou-se todo "impulso obscuro", o homem bom precisamente era o que menos consciência tinha do caminho reto.69 E, em toda a seriedade, ninguém antes de mim conhecia o caminho reto, o caminho para cima: apenas a partir de mim há novamente esperanças, tarefas, caminhos a traçar para a cultura — eu sou o seu alegre mensageiro...70 Exatamente por isso sou também um destino. —

3. Imediatamente após o término dessa obra, sem perder um só dia, acometi a tremenda tarefa da tresvaloração,71 com um soberano sentimento de orgulho a que nada se compara, a todo instante seguro de minha imortalidade, gravando, com a segurança própria de um destino, signo por signo em tábuas de bronze. O prólogo foi escrito em 3 de setembro de 1888: quando naquela manhã saí ao ar livre, após a redação, dei com o mais belo dia que a Alta Engadina jamais me mostrou — transparente, incandescente nas cores contendo todos os opostos, todos os meios-tons entre o gelo e o Sul. — Apenas a 20 de setembro deixei Sils-Maria, retido por inundações, por fim há muito o último hóspede desse lugar maravilhoso, ao qual minha gratidão quer fazer o dom de um nome imortal. Após uma viagem com incidentes, até mesmo com perigo de vida no lago de Como, que havia transbordado e que alcancei a altas horas da noite, cheguei na tarde do dia

21 a Turim, meu lugar provado, minha residência de ora em diante. Tomei novamente a mesma habitação que ocupara na primavera, via Carlo Alberto 6, III, em frente ao imponente palazzo Carignano, onde nasceu Vittorio Emanuele, com vista para a piazza Carlo Alberto e para as montanhas além. Sem vacilar e sem deixar-me distrair um só instante, atirei-me novamente ao trabalho: restava por concluir apenas o último quarto da obra. A 30 de setembro, grande vitória; o sétimo dia; ociosidade de um deus à margem do Pó. No mesmo dia escrevi o prólogo ao Crepúsculo dos ídolos, cujas provas a corrigir haviam sido meu descanso em setembro. — Jamais vivi um tal outono, nem julguei possível algo semelhante sobre a Terra — um Claude Lorrain ao infinito, cada dia da mesma perfeição indomável. —

O CASO WAGNER
Um problema para músicos

1. Para fazer justiça a este trabalho, é preciso sofrer do destino da música como de uma ferida aberta. — De que sofro, quando sofro do destino da música? Do fato de que a música foi despojada de seu caráter afirmativo, transfigurador do mundo, de que é música de décadence e não mais a flauta de Dionísio... Supondo, porém, que se sinta a causa da música de tal maneira como a sua própria causa, como a história do próprio sofrimento, então se verá esse escrito como pleno de deferências e sobremaneira suave. Em tais casos, permanecer alegre e zombar bem-humorado também de si mesmo — ridendo dicere severum [rindo dizer coisas severas], quando o verum dicere [dizer coisas veras] justificaria toda dureza — é o máximo de humanidade. Quem duvida verdadeiramente que eu, como velho artilheiro que sou, tenha condições de apontar contra Wagner minha artilharia pesada? — Neste assunto, guardei para mim tudo o que era decisivo — eu amei Wagner. — Afinal, um ataque a um "desconhecido" mais sutil, que outros dificilmente descobririam, concorda com o sentido e a direção de minha tarefa — ó, tenho ainda "desconhecidos" inteiramente outros a desmascarar, que não um Cagliostro da música —, mais ainda, por certo, um ataque a essa nação alemã cada vez mais indolente e pobre em instintos, cada vez mais respeitável, que com invejável apetite prossegue se alimentando de opostos e engole tanto "a fé" como a cientificidade, tanto o "amor cristão" como o anti-semitismo, tanto a vontade de poder (de "Reich") como o évangile des humbles [evangelho dos humildes], sem dificuldades de digestão... Essa recusa em tomar partido entre opostos! Essa neutralidade, esse "desinteresse" estomacal! Esse sentido de justiça do paladar alemão, que a tudo dá direitos iguais — que tudo acha saboroso... Sem a menor dúvida, os alemães são uns idealistas... Da última vez em que visitei a Alemanha, encontrei o gosto alemão preocupado em conceder direitos iguais a Wagner e ao Trompeteiro de Säckinger;72 eu mesmo fui testemunha de como em Leipzig, em homenagem a um músico dos mais alemães e mais genuínos, alemão no velho sentido da palavra, nenhum mero alemão do Reich, o mestre Heinrich Schütz, fundou-se uma Sociedade Liszt, para cultivo e difusão de manhosa73 música de igreja... Sem a menor dúvida, os alemães são uns idealistas...

2. Mas aqui nada me impedirá de ser grosseiro e dizer aos alemães algumas duras verdades: senão, quem o faria? — Falo de seu despudor in historicis [em questões históricas]. Não apenas que os historiadores alemães hajam perdido de todo a grande visão do curso, dos valores da cultura, que sejam todos eles bufões da política (ou da igreja —): esta grande visão foi inclusive proscrita por eles. É

necessário ser primeiramente "alemão", ser "raça", então pode-se arbitrar sobre os valores e não-valores in historicis — fixá-los... "Alemão" é um argumento, Deutschland, Deutschland über alles74 um princípio, os germanos representam a "ordem moral universal" na história; em relação ao imperium romanum, os portadores da liberdade; em relação ao século xviii, os restauradores da moral, do "imperativo categórico"... Há uma historiografia alemã-imperial [reichsdeutsche], há, receio, até mesmo uma anti-semita — há uma historiografia áulica, e o sr. von Treitschke não se envergonha... Pouco faz, um juízo de idiota in historicis, uma frase do afortunadamente já defunto Vischer, um suábio esteta, correu os jornais alemães como uma "verdade" à qual todo alemão devia dizer amém: "A Renascença e a Reforma, juntas apenas constituem um todo — o renascimento estético e o renascimento moral". — Diante de tais frases chega ao fim a minha paciência, e eu sinto vontade, tenho mesmo o dever, de dizer aos alemães o que já carregam na consciência. Todos os grandes crimes culturais de quatro séculos carregam eles na consciência!... E sempre pelo mesmo motivo, por sua tão entranhada covardia face à realidade, que é também a covardia ante a verdade, por sua insinceridade, que neles se tornou instinto, por "idealismo"... Os alemães despojaram a Europa da seriedade, do sentido de sua última grande época, a época da Renascença, no momento em que uma mais elevada ordem de valores, em que os valores nobres, afirmadores da vida, afiançadores do futuro, haviam triunfado na própria sede dos valores opostos, de declínio — e até nos instintos dos lá sediados! Lutero, esse frade fatal, restaurou a Igreja e, mil vezes pior, o cristianismo, no momento em que este sucumbia... O cristianismo, essa negação da vontade de viver tornada religião!... Lutero, um monge impossível, que devido à sua "impossibilidade" atacou a Igreja e — em conseqüência! — a restaurou... Os católicos têm motivos para celebrar Lutero em festivais, compor peças em sua homenagem... Lutero — e o "renascimento moral"! Ao diabo com toda a psicologia!75 Sem dúvida os alemães são uns idealistas. — Por duas vezes, precisamente quando, com coragem e superação de si tremendas, havia-se alcançado um modo de pensar reto, inequívoco, inteiramente científico, os alemães souberam achar tortuosos caminhos de volta ao velho "ideal", conciliações entre verdade e "ideal", no fundo fórmulas para um direito à rejeição da ciência, para um direito à mentira. Leibniz e Kant — esses dois grandes entraves à retidão intelectual da Europa! — Finalmente, quando na passagem entre dois séculos de décadence surgiu no horizonte uma force majeure [força maior] de gênio e vontade, forte o bastante para forjar uma unidade européia, uma unidade política e econômica para o fim de reger a Terra, os alemães, com suas "Guerras de Libertação", despojaram a Europa do sentido, do milagre de sentido da existência de Napoleão — com isso carregam na consciência tudo o que sobreveio, o que hoje existe, essa doença e desrazão mais contrária à cultura, o nacionalismo, essa névrose nationale da qual adoece a Europa, essa perpetuação dos pequeninos estados na Europa, da pequenina política; eles levaram da Europa seu sentido, sua

razão — levaram-na a um beco sem saída. — Alguém além de mim conhece uma saída para esse beco?... Uma tarefa grande o bastante para de novo unir os povos?...

3. — E afinal, por que não deveria eu dar vazão e voz à minha suspeita? Também no meu caso os alemães a tudo recorrerão para fazer um imenso destino parir um rato. Até o momento fizeram-se desacreditados comigo, e duvido que no futuro se saiam melhor. — Ah, quanto desejaria nisto ser um mau profeta!... Meus leitores e ouvintes naturais são já atualmente russos, escandinavos e franceses — serão cada vez mais? — Os alemães acham-se inscritos na história do conhecimento apenas com nomes ambíguos, jamais produziram senão falsários "inconscientes" (— Fichte, Schelling, Schopenhauer, Hegel, Schleiermacher merecem o termo tanto quanto Leibniz e Kant; não passam todos de "fabricantes de véus" [Schleiermacher] —): jamais terão a honra de ver associado ao espírito alemão o primeiro espírito reto da história do espírito, o espírito no qual a verdade leva a julgamento a falsificação de quatro milênios. O "espírito alemão" é o meu ar ruim: respiro com dificuldade na vizinhança dessa impureza in psychologicis tornada instinto, que cada palavra e cada gesto de um alemão revelam. Eles nunca passaram por um século xvii de duro exame de si mesmo, como os franceses — um La Rochefoucauld, um Descartes são cem vezes superiores em retidão aos primeiros alemães —, até hoje jamais tiveram um psicólogo. Mas a psicologia é quase que a medida do asseio ou desasseio de uma raça... E quando não se é sequer asseado, como se poderia ser profundo? No alemão, de modo semelhante à mulher, jamais se chega ao fundo, ele não o tem: isso é tudo. Mas com isso não se chega a ser raso sequer. O que na Alemanha se chama "profundo" é precisamente essa impureza de instinto consigo mesmo que acabo de mencionar: não querer ver claro em si mesmo. Não poderia eu propor a palavra "alemão" como moeda internacional para esta depravação psicológica? — Nesse instante, por exemplo, o imperador alemão denomina seu "dever cristão" libertar os escravos da África: entre nós outros, europeus, isto se chamaria simplesmente "alemão"... Produziram os alemães um livro sequer que tivesse profundidade? Mesmo a noção do que seja profundo em um livro lhes escapa. Conheci eruditos que consideravam Kant profundo; na corte prussiana, receio, tomam o sr. von Treitschke por profundo. E se ocasionalmente elogio Stendhal como profundo psicólogo, ocorreu-me encontrar catedráticos alemães que me fizeram soletrar seu nome...

4. — E por que não deveria ir até o fim? Gosto de pôr tudo em pratos limpos. É inclusive próprio da minha ambição, ser tido como o desprezador dos alemães par excellence. Minha desconfiança do caráter alemão manifestei já aos vinte e sete anos (terceira Extemporânea) — os alemães são para mim impossíveis. Ao imaginar uma espécie de homem que vai de encontro a todos os meus instintos, sempre me sai um alemão. A primeira coisa em que peso o coração de um homem

é se ele tem dentro de si um sentimento de distância, se enxerga em toda parte posição, ordem, grau entre um homem e outro, se distingue: com isso é um gentilhomme; em qualquer outro caso o indivíduo submerge irremediavelmente na magnânima — oh, quão bondosa! — categoria da canaille. Mas os alemães são canaille — oh, são tão bondosos!... Rebaixamo-nos no trato com alemães: o alemão nivela... Se excluo o trato com alguns artistas, sobretudo com Richard Wagner, não vivi uma hora boa com alemães... Supondo que o mais profundo espírito dos milênios surgisse entre os alemães, algum salvador do Capitólio76 afirmaria ser a sua não muito bela alma merecedora de no mínimo a mesma consideração... Eu não suporto essa raça, com a qual sempre se está em má companhia, que não possui dedos para nuances — ai de mim, eu sou uma nuance! —, que não tem esprit nos pés e sequer sabe caminhar... Os alemães, afinal, não têm pés absolutamente, têm apenas pernas... Aos alemães escapa qualquer noção do quanto são vulgares, mas isso é o superlativo da vulgaridade — nem sequer se envergonham de ser apenas alemães... Em tudo se intrometem, tomam-se mesmo por decisivos, receio terem decidido inclusive a meu respeito... Minha vida inteira é a prova de rigueur [rigorosa] dessas frases. Nela busco em vão por um indício de tato, de délicatesse para comigo. De judeus sim, de alemães nunca. Meu modo de ser me quer benévolo e suave para com todos — tenho o direito a não fazer diferenças —: o que não me impede de manter os olhos abertos. A ninguém excetuo, muito menos a meus amigos — espero, ao fim de contas, que isso não tenha abalado minha humanidade para com eles! Há cinco, seis coisas de que sempre fiz questão de honra. — Entretanto permanece verdadeiro que quase toda carta que me chega me parece um cinismo: há mais cinismo na benevolência para comigo do que em qualquer ódio... A cada um de meus amigos digo na cara que ele jamais considerou que o estudo de qualquer obra minha valesse o esforço: percebo nos menores indícios que eles não sabem sequer o que há dentro delas. No que concerne ao meu Zaratustra, quem entre os meus amigos teria visto nele mais que uma ilegítima, felizmente anódina presunção?... Dez anos: e ninguém na Alemanha tomou como dever de consciência defender meu nome contra o absurdo silêncio sob o qual ele jazia soterrado: foi um estrangeiro, um dinamarquês, que por primeiro teve para isso finura de instinto e coragem, que se indignou com meus supostos amigos... Em qual universidade alemã seria hoje possível um curso sobre a minha filosofia, como foi dado na primavera passada pelo dr. Georg Brandes de Copenhague, que demonstrou assim mais uma vez ser psicólogo? — Eu mesmo nunca sofri por tudo isso; o necessário não me fere; amor fati é minha natureza mais íntima. Isso não impede, porém, que eu ame a ironia, inclusive a ironia histórico-universal. Assim, a cerca de dois anos do raio aniquilador da tresvaloração, que deixará a Terra em convulsões, lancei no mundo o Caso Wagner, os alemães deveriam de novo imortalmente me atacar e em mim se eternizar!77 É ainda tempo para isso! — Foi conseguido? — De encantar, meus senhores teutões! Eu vos cumprimento...78

POR QUE SOU UM DESTINO

1. Conheço a minha sina. Um dia, meu nome será ligado à lembrança de algo tremendo — de uma crise como jamais houve sobre a Terra, da mais profunda colisão de consciências, de uma decisão conjurada contra tudo o que até então foi acreditado, santificado, requerido. Eu não sou um homem, sou dinamite. E com tudo isso nada tenho de fundador de religião — religiões são assunto da plebe, eu sinto necessidade de lavar as mãos após o contato com pessoas religiosas... Não quero "crentes", creio ser demasiado malicioso para crer em mim mesmo, nunca me dirijo às massas... Tenho um medo pavoroso de que um dia me declarem santo: perceberão por que publico este livro antes, ele deve evitar que se cometam abusos comigo... Eu não quero ser um santo, seria antes um bufão... Talvez eu seja um bufão... E apesar disso, ou melhor, não apesar disso — pois até o momento nada houve mais mendaz do que os santos —, a verdade fala em mim. — Mas a minha verdade é terrível: pois até agora chamou-se à mentira verdade. — Tresvaloração de todos os valores: eis a minha fórmula para um ato de suprema autognose da humanidade, que em mim se fez gênio e carne. Minha sina quer que eu seja o primeiro homem decente, que eu me veja em oposição à mendacidade de milênios... Eu fui o primeiro a descobrir a verdade, ao sentir por primeiro a mentira como mentira — ao cheirar... Meu gênio está nas narinas... Eu contradigo como nunca foi contradito, e sou contudo o oposto de um espírito negador. Eu sou um mensageiro alegre, como nunca houve, eu conheço tarefas de uma altura tal que até então inexistiu noção para elas, somente a partir de mim há novamente esperanças. Com tudo isso sou necessariamente também o homem da fatalidade. Pois quando a verdade sair em luta contra a mentira de milênios, teremos comoções, um espasmo de terremotos, um deslocamento de montes e vales como jamais foi sonhado. A noção de política estará então completamente dissolvida em uma guerra dos espíritos, todas as formações de poder da velha sociedade terão explodido pelos ares — todas se baseiam inteiramente na mentira: haverá guerras como ainda não houve sobre a Terra. Somente a partir de mim haverá grande política na Terra.

2. Querem uma fórmula para um destino assim, que se fez homem? — Ela se encontra no meu Zaratustra.

— e quem um criador quiser ser no bem e no mal, deverá ser primeiro um destruidor, e despedaçar valores.

Assim o mal maior é próprio do maior bem: este porém é o criador.79

Eu sou, no mínimo, o homem mais terrível que até agora existiu; o que não

impede que eu venha a ser o mais benéfico. Eu conheço o prazer de destruir em um grau conforme à minha força para destruir — em ambos obedeço à minha natureza dionisíaca, que não sabe separar o dizer Sim do fazer Não. Eu sou o primeiro imoralista: e com isso sou o destruidor par excellence.

3. Não me foi perguntado, deveria me ter sido perguntado, o que precisamente em minha boca, na boca do primeiro imoralista, significa o nome Zaratustra: pois o que constitui a imensa singularidade deste persa na história é precisamente o contrário disso. Zaratustra foi o primeiro a ver na luta entre o bem e o mal a verdadeira roda motriz na engrenagem das coisas — a transposição da moral para o metafísico, como força, causa, fim em si, é obra sua. Mas essa questão já seria no fundo a resposta. Zaratustra criou este mais fatal dos erros, a moral: em conseqüência, deve ser também o primeiro a reconhecê-lo. Não só que ele tenha nisso experiência maior e mais longa que outro pensador — pois a história inteira é a refutação experimental da sentença da dita "ordem moral universal" —: mais importante, Zaratustra é mais veraz do que qualquer outro pensador. Sua doutrina, apenas ela, tem a veracidade como virtude maior — isso é o contrário da covardia do "idealista", que bate em fuga diante da realidade; Zaratustra tem mais valentia no corpo do que os pensadores todos reunidos. Falar a verdade e atirar bem com flechas, eis a virtude persa. — Compreendem-me?... A auto-superação da moral pela veracidade, a auto-superação do moralista em seu contrário — em mim — isto significa em minha boca o nome Zaratustra.

4. No fundo são duas as negações que a minha palavra imoralista encerra. Eu nego, por um lado, um tipo de homem que até agora foi tido como o mais elevado, os bons, os benévolos, os benéficos; nego, por outro lado, uma espécie de moral que alcançou vigência e domínio como moral em si — a moral de décadence, falando de modo mais tangível, a moral cristã. Seria legítimo ver a segunda contestação como a mais decisiva, pois a superestimação da bondade e da benevolência já me parece, de modo geral, conseqüência da décadence, sintoma de fraqueza, incompatível com uma vida ascendente e afirmadora: o negar e o destruir são condição para o afirmar. — Detenho-me inicialmente na psicologia do homem bom. Para estimar o que vale um tipo de homem, é preciso calcular o preço de sua conservação — é preciso conhecer as condições para a sua existência. A condição da existência dos bons é a mentira —: expresso de outra maneira, o não-querer-ver a todo preço como a realidade é no fundo constituída, ou seja, não de modo a sempre provocar instintos benevolentes, menos ainda de modo a sempre admitir a interferência de mãos míopes e simplórias. Considerar as misérias de toda espécie como objeção, como algo que é preciso abolir, é a niaiserie [tolice] par excellence, em sentido geral uma verdadeira desgraça em suas conseqüências, uma fatalidade de estupidez —, quase tão estúpida quanto seria a vontade de abolir o mau tempo — por compaixão aos pobres, digamos... Na grande economia

do todo, os horrores da realidade (nos afetos, nas cobiças, na vontade de poder) são incalculavelmente mais necessários do que aquela forma de pequena felicidade que se denomina "bondade"; é preciso mesmo ser indulgente para a esta última conceder absolutamente um lugar, pois é condicionada pela mendacidade de instinto. Terei grande ocasião de demonstrar as conseqüências desmedidamente funestas, para toda a história, do otimismo, esse rebento dos homines optimi. Zaratustra, o primeiro a compreender que o otimista é tão décadent quanto o pessimista, e talvez mais nocivo, diz: homens bons jamais falam a verdade. Falsas rotas e portos inseguros ensinaram-vos os bons; nas mentiras dos bons fostes nascidos e mantidos. Tudo foi distorcido e mentido até o âmago pelos bons. Afortunadamente o mundo não se acha construído sobre instintos tais que apenas os bondosos animais de rebanho nele achassem sua estreita fortuna; exigir que todos se tornassem "homens bons", animais de rebanho, de olhos azuis, benevolentes, "almas belas" ou, como deseja o sr. Herbert Spencer, altruístas — significaria castrar a humanidade e reduzi-la a uma mísera "chineseria". — E isto se tentou fazer!... Exatamente isto se chamava moral!... Neste sentido denominava Zaratustra os bons ora "os últimos homens", ora "o começo do fim"; sobretudo percebe-os ele como a espécie mais nociva de homem, porque impõem sua existência tanto à custa da verdade como às custas do futuro.

Os bons — eles não podem criar, eles são sempre o começo do fim —

— eles crucificam aquele que escreve novos valores em novas tábuas, eles sacrificam a si o futuro, eles crucificam todo o futuro dos homens!

Os bons — foram sempre o começo do fim...

E sejam quais forem os danos que possam causar os caluniadores do mundo, o dano dos bons é o mais danoso dos danos.80

5. Zaratustra, o primeiro psicólogo dos bons, é — em conseqüência — um amigo dos maus. Se uma espécie-décadence de homem ascendeu à posição de espécie suprema, isso pode acontecer somente à custa da espécie contrária, a espécie forte e segura da vida. Se o animal de rebanho resplende no brilho da virtude mais pura, o homem-exceção tem de ser rebaixado a homem mau. Se a mendacidade reivindica a todo preço a palavra "verdade" para a sua ótica, o verdadeiramente veraz deverá ser encontrado sob os piores nomes. Zaratustra não deixa nisso dúvidas: diz haver sido precisamente o conhecimento dos bons, dos "melhores", que lhe inspirou o horror ao homem; desta repulsa lhe teriam crescido as asas para "voejar para futuros longínquos" — ele não esconde que o seu tipo de homem, um tipo relativamente sobre-humano, é sobre-humano precisamente em relação aos bons, e que os bons e justos chamariam de demônio o seu super-homem...

Vós, homens supremos, com os quais deparou o meu olhar, eis a minha dúvida quanto a vós, e a minha secreta risada: eu adivinho que ao meu super-homem

chamaríeis — demônio!

Tão estranhos sois ao grande, em vossa alma, que o super-homem vos seria terrível em sua bondade...81

Por esta passagem, por nenhuma outra, deve-se principiar para compreender o que quer Zaratustra: esse gênero de homem que ele concebe, concebe a realidade como ela é: ele é forte o bastante para isso — ele não é a ela estranho, dela estranhado, ele é ela mesma, ele tem ainda em si tudo o que dela é terrível e questionável, somente então pode o homem possuir grandeza...

6. — Mas ainda em outro sentido escolhi para mim a palavra imoralista como distintivo, distinção; orgulho-me de possuir essa palavra, que me distingue de toda a humanidade. Ainda ninguém sentiu a moral cristã como abaixo de si: isso requeria uma altura, uma longividência, uma até então inaudita profundidade ou "abissalidade" psicológica. A moral cristã foi até agora a Circe de todos os pensadores — eles estiveram a seu serviço. Quem, antes de mim, adentrou as cavernas de onde sobe o venenoso bafo desta espécie de ideal — a difamação do mundo? Quem ousou sequer pressentir que são cavernas? Quem, entre os filósofos, foi antes de mim psicólogo, e não o seu oposto, "superior embusteiro", "idealista"? Antes de mim não havia absolutamente psicologia. — Ser nisto o Primeiro pode ser uma maldição, é em todo caso um destino: por ser também o Primeiro a desprezar... O nojo do homem é o meu perigo...

7. Fui compreendido? — O que me separa, o que me põe à parte de todo o resto da humanidade, é haver descoberto a moral cristã. Para isso era-me necessária uma palavra que mantivesse o sentido de um desafio a cada homem. Não haver antes aberto os olhos para isso parece-me a grande impureza que a humanidade tem na consciência, como auto-mistificação tornada instinto, como radical vontade d e não enxergar nenhum acontecimento, nenhuma causalidade, nenhuma realidade, como falsificação in psychologicis que chega ao crime. A cegueira ante o cristianismo é o crime par excellence — o crime contra a vida... Os milênios, os povos, os primeiros e os últimos, os filósofos e as mulheres velhas — excluídos cinco, seis instantes da história, eu como o sétimo — neste ponto são todos dignos uns dos outros. O cristão foi até aqui o "ser moral", uma curiosidade ímpar — e, como "ser moral", mais absurdo, mendaz, vaidoso, leviano, mais prejudicial a si mesmo do que mesmo o maior desprezador da humanidade poderia se ter permitido sonhar. A moral cristã — a mais maligna forma da vontade de mentira, a verdadeira Circe da humanidade: o que a corrompeu. Não é o erro como erro que me assusta à visão disto, não a milenar falta de "boa vontade", de disciplina, de decência, de valentia nas coisas do espírito, que se revela em sua vitória — é a falta de natureza, é o fato terrível inteiramente de que a própria antinatureza recebeu as supremas honras como moral, e como lei, como imperativo categórico,

permaneceu suspensa sobre a humanidade!... Equivocar-se em tal medida, não como indivíduo, não como povo, mas como humanidade!... Que se tenha ensinado o desprezo pelos primeiríssimos instintos da vida; que se tenha inventado uma "alma", um "espírito", para arruinar o corpo; que se ensine a ver algo impuro no pressuposto da vida, a sexualidade; que se busque o princípio ruim no mais básico e necessário ao florescer, o estrito amor de si (— a própria palavra é pejorativa!82—); que ao invés se veja nos típicos signos do declínio e da contradição de instinto, no que é "desinteressado", na perda do centro de gravidade, na "despersonalização" e no "amor ao próximo" (— vício do próximo!83) o valor mais elevado, que digo? — o valor em si!... Como?! Estaria a humanidade mesma em décadence? Sempre esteve? — Certo é que lhe ensinaram sempre os valores de décadence como os valores supremos. A moral da renúncia de si é a moral de declínio par excellence, o fato "eu pereço" traduzido no imperativo: "todos devem perecer" — e não só no imperativo!... Essa única moral que até aqui foi ensinada, a moral da renúncia de si, trai uma vontade de fim, nega em seus fundamentos a vida. — Ficaria aberta a possibilidade de que não a humanidade estivesse em degenerescência, mas aquela espécie parasitária de homem, a dos sacerdotes, que através da moral elevou-se fraudulentamente a definidora dos valores, que na moral cristã divisou o seu meio de alcançar o poder... E esta é de fato a minha percepção: os professores, os guias da humanidade, teólogos todos, foram todos também décadents: daí a tresvaloração de todos os valores em algo hostil à vida, daí a moral... Definição da moral: Moral — a idiossincrasia dos décadents, com o oculto desígnio de vingar-se da vida — e com êxito. Dou valor a esta definição.

8. — Fui compreendido? — Não disse palavra que não houvesse dito já há cinco anos pela boca de Zaratustra. — O descobrir da moral cristã é um acontecimento que não tem igual, uma verdadeira catástrofe. Quem sobre isto esclarece é uma force majeure, um destino — ele parte a história da humanidade em duas. Vive-se antes dele, vive-se depois dele... O raio da verdade atingiu precisamente o que era mais alto: quem compreende o que foi destruído, que observe se ainda lhe resta algo nas mãos. Tudo o que se chamava "verdade" é reconhecido como a mais nociva, pérfida e subterrânea forma da mentira; o sagrado pretexto de "melhorar" a humanidade como ardil para sugar a própria vida, torná-la anêmica. Moral como vampirismo... Quem descobre a moral descobriu com isso o não-valor dos valores todos nos quais se acredita ou se acreditou; nada mais vê de venerável nos tipos mais venerados e inclusive proclamados santos, neles vê a mais fatal espécie de aborto, fatais porque fascinavam... A noção de "Deus" inventada como noção-antítese à vida — tudo nocivo, venenoso, caluniador, toda a inimizade de morte à vida, tudo enfeixado em uma horrorosa unidade! Inventada a noção de "além", "mundo verdadeiro", para desvalorizar o único mundo que existe — para não deixar à nossa realidade terrena nenhum fim, nenhuma razão, nenhuma tarefa! A noção

de "alma", "espírito", por fim "alma imortal", inventada para desprezar o corpo, torná-lo doente — "santo" —, para tratar com terrível frivolidade todas as coisas que na vida merecem seriedade, as questões de alimentação, habitação, dieta espiritual, assistência a doentes, limpeza, clima! Em lugar da saúde a "salvação da alma" — isto é, uma folie circulaire [loucura circular] entre convulsões de penitência e histeria de redenção! A noção de "pecado" inventada juntamente com o seu instrumento de tortura, a noção de "livre-arbítrio", para confundir os instintos, para fazer da desconfiança frente aos instintos uma segunda natureza! Na noção de "desinteressado", de "negador de si mesmo", a verdadeira marca de décadence, a sedução do nocivo, a incapacidade de encontrar o próprio proveito, a autodestruição, convertidos no signo de valor absolutamente, no "dever", na "santidade", no "divino" no homem! Por fim — é o mais terrível — na noção do homem bom a defesa de tudo o que é fraco, doente, malogrado, que sofre de si mesmo, tudo o que deve perecer —, contrariada a lei da seleção, tornada um ideal a oposição ao homem orgulhoso, que vingou, que diz Sim, que está seguro, que dá garantia do futuro — este chama-se agora o mau... E nisso tudo acreditou-se como moral! Écrasez l'infâme!*

9. — Fui compreendido? — Dionísio contra o Crucificado...

---

* "Esmagai a infame!" (Voltaire, sobre a Igreja). (N. T.)

NOTAS

Nota preliminar: uma discussão mais extensa de certos termos usados por Nietzsche se encontra nas Notas do Tradutor, no volume Além do bem e do mal, desta mesma coleção (tradução, notas e posfácio de Paulo César de Souza, São Paulo, Companhia das Letras, 1992; Companhia de Bolso, 2005).

PRÓLOGO

(1) De Assim falou Zaratustra, parte ii, "A hora mais silenciosa". O trecho citado em seguida é também da parte ii: "Nas ilhas bem-aventuradas". Embora exista uma tradução recomendável — a de Mário da Silva, pela Editora Bertrand Brasil — as citações do Zaratustra, às vezes extensas, foram novamente traduzidas.

(2) Décadent: Nietzsche usa a palavra francesa, supõe-se, porque não dispunha de equivalente exato em alemão. Embora tenhamos a palavra em português, naturalmente serão conservadas todas as expressões estrangeiras do texto original. As mais freqüentes são décadent, décadence e par excellence.

(3) Zaratustra, parte i, "Da virtude dadivosa".

(4) Referência ao Anticristo, inicialmente concebido como o primeiro livro de uma obra em quatro volumes com o título geral de Tresvaloração dos valores. As "Canções de Zaratustra", mencionadas em seguida, foram publicadas como Ditirambos de Dionísio.

POR QUE SOU TÃO SÁBIO

(5) "Tresvaloração dos valores" é a nossa tradução para Umwertung der Werte. O substantivo Umwertung corresponde ao verbo umwerten. Werten = avaliar, valorar. O prefixo um indica movimento circular, retorno, queda ou mudança. Exemplos: umgehen, contornar; umkehren, retornar, inverter; umfallen, virar, cair. Na mesma frase, traduzimos como "deslocar perspectivas" a expressão Perspektiven umstellen (stellen = colocar). Naquela que é a mais fiel tradução de Nietzsche até agora publicada no Brasil, a da coleção "Os Pensadores", da Abril Cultural, Rubens Rodrigues Torres Filho usa o termo "transvaloração". Segundo o Aurélio, tres é uma variante de trans, que transmite idéia de "movimento para além ou através de". No entanto, tres, além de mais sóbrio, pode sugerir mais, como nas palavras tresler, tresnoitar, tresvariar. A tradução tradicional para Umwertung der Werte, "transmutação dos valores", não conserva a repetição original, a ênfase na palavra "valor" (Wert). Em compensação, traz um enriquecimento semântico, pela alusão à alquimia: transformação de um elemento sem valor em algo valioso. "Transmutação" era moeda corrente nas versões portuguesas e espanholas de Nietzsche, talvez devido às velhas versões francesas de Henri Albert. O influente intérprete de Nietzsche, Gilles Deleuze, utilizou ainda essas traduções; daí falar em transmutation des valeurs. Mas dá uma alternativa: transvaluation. A nova versão francesa de Ecce homo, por Jean-Claude Hémery (Gallimard), fala em inversion des valeurs. A nova versão espanhola, por Andrés Sánchez Pascual (Alianza Ed.), em transvaloración de los valores. Já o tradutor inglês, R. J. Hollingdale (Penguin), e o americano, Walter Kaufmann (Vintage) usam revaluation of values. Todas essas traduções são justificáveis, em maior ou menor grau.

(6) "Não mais me deixar cuidar, servir, socorrer": no original, mich nicht mehr besorgen, bedienen, beärtzeln zu lassen. A partir do substantivo Arzt (médico), utilizando o prefixo be, Nietzsche criou o verbo beärtzeln — ser "medicado", no sentido de ser (mal) tratado por médico. Com isso, estendeu a aliteração que já havia nos dois primeiros verbos, estes "genuínos".

(7) "A vida que vingou" é a tradução dada a die Wohlgeratenheit, substantivo forjado por Nietzsche com os seguintes elementos: wohl (bem), geraten (dar certo, crescer) e -heit, sufixo substantivador. As quatro traduções de Ecce homo que consultamos (ver nota 5) oferecem estas soluções: someone who has turned out well, l'épanouissement physique, la buena constitución. No volume de "Os Pensadores" dedicado a Nietzsche, Rubens Rodrigues Torres Filho traduziu die Wohlgeratenheit como "uma índole bem-lograda" (p. 379. Deste volume constam algumas passagens de Ecce homo. Trata-se de uma coletânea de trechos de quase todas as obras de

Nietzsche, selecionados por Gérard Lebrun).

(8) Este terceiro parágrafo do primeiro capítulo exige um esclarecimento. Na edição crítica de Colli e Montinari, ele foi substituído por outro e deslocado para o final do volume, entre as notas e variantes do texto. Esta é a única diferença substancial entre o texto da edição de Colli e Montinari e o das demais (falamos apenas de Ecce homo, claro). O novo parágrafo — ou seção — seria parte das modificações pretendidas por Nietzsche, nos últimos dias de dezembro de 1888 — às vésperas do colapso, portanto. Com a sua "morte" espiritual, a publicação do livro foi suspensa. Veio a acontecer somente em 1908. O texto da primeira edição baseava-se numa cópia do manuscrito feita por Peter Gast, que sempre fizera este serviço para Nietzsche. Ele omitiu algumas passagens que lhe pareceram excessivamente "exaltadas", ou injustas e desrespeitosas para com os amigos e parentes. Essas passagens foram depois destruídas pela irmã de Nietzsche. Sobre o seu conteúdo, há a seguinte descrição, feita por ela mesma na biografia do irmão: "...algumas páginas onde se misturam, em estranhas fantasias, a lenda de Dionísio Zagreu, a paixão dos evangelhos e seus [de N.] contemporâneos mais próximos: o deus despedaçado por seus inimigos erra, ressuscitado, pelas margens do Pó [rio que banha Turim, onde se encontrava N.], e vê então tudo o que jamais amou, seus ideais, os ideais do tempo presente, distantes, bem abaixo de si. Seus amigos e seus próximos tornaram-se os inimigos que o destroçaram. Essas páginas são dirigidas contra Richard Wagner, Schopenhauer, Bismarck, seus amigos mais próximos: o professor Overbeck, Peter Gast, madame Cosima, meu marido, minha mãe e eu... Mesmo nessas páginas há passagens de uma beleza surpreendente, mas no todo se caracterizam por um delírio doentio". (Citado segundo a edição francesa de Colli e Montinari, do volume que contém Ecce homo, Gallimard, 1974, p. 516. Este tradutor não dispôs da edição alemã.) Essas páginas desapareceram, mas a cópia de uma delas foi encontrada mais recentemente no espólio de Peter Gast. Foi publicada por Mazzino Montinari em 1972 e incorporada à nova edição das obras de Nietzsche. Trata-se do novo e decantado terceiro parágrafo do primeiro capítulo. O critério para incluí-lo no texto da edição crítica foi, naturalmente, apenas a exatidão filológica. Mas, a partir daí, atribuiu-se demasiada importância ao fato. O tradutor Andrés Sánchez Pascual, por exemplo, afirma, na introdução à nova edição espanhola de Ecce homo, que esta descoberta "ha permitido conocer el texto de Nietzsche tal como éste quiso que fuera", e que publica "el texto 'puro' del Ecce homo" — o que é evidentemente um exagero. (As demais diferenças entre as edições serão assinaladas oportunamente.) Nesta edição, optamos por reproduzir o novo parágrafo entre as notas. Ei-lo, afinal:

"Vejo como um grande privilégio haver tido tal pai: os camponeses aos quais pregava — pois nos últimos anos foi pastor, após ter vivido alguns anos na corte de Altenburg — diziam que um anjo teria aspecto semelhante. — E com isso toco no problema da raça. Eu sou um nobre polonês pur sang; não há, em minhas veias, uma gota sequer de sangue ruim, para não falar de sangue alemão. Quando busco a mais profunda antítese de mim mesmo, a mais incalculável vulgaridade de instintos, encontro sempre minha mãe e minha irmã — crer-me aparentado a tal canaille seria uma blasfêmia à minha divindade. O tratamento que até agora me dispensaram minha mãe e minha irmã inspira-me um horror indizível: aí trabalha uma máquina perfeitamente infernal, que conhece com infalível segurança o instante em que posso ser mais cruelmente ferido — em meus instantes supremos... pois então falta qualquer força para defender-me contra vermes venenosos... A proximidade fisiológica torna possível uma tal disharmonia praestabilita... Confesso que a mais profunda objeção ao 'eterno retorno', que é o meu pensamento verdadeiramente abismal, são sempre minha mãe e minha irmã. — Mas também como polonês sou um imenso atavismo. Seria preciso retroceder séculos para encontrar esta raça, a mais nobre que já existiu na Terra, com a mesma pureza de instintos com que eu a represento. Frente a tudo o que hoje se chama noblesse abrigo um soberano sentimento de distinção — ao jovem imperador alemão eu não concederia a honra de ser meu cocheiro. Há apenas um caso em que reconheço meu igual — confesso-o com profunda gratidão. Madame Cosima Wagner é de longe a natureza mais nobre, e, para não calar uma palavra sequer, direi que Richard Wagner foi, de longe, o homem mais próximo a mim... O resto é silêncio... Todos os conceitos vigentes acerca de graus de parentesco são um insuperável contra-senso fisiológico. Ainda hoje o papa faz negócio com esse contra-senso. É com os pais que se tem menos parentesco: estar aparentado com eles seria o signo extremo da vulgaridade. As naturezas superiores têm sua origem em algo infinitamente anterior, e para chegar a elas foi preciso acumular, reter, reunir durante muitíssimo tempo... As grandes individualidades são as mais antigas: eu não entendo, mas Júlio César poderia ser meu pai — ou Alexandre, este Dionísio que se fez homem... No momento em que escrevo, o correio me traz uma cabeça de Dionísio..."

(9) "Alemães do Reich": Reich significa "reino" ou "império". A referência é ao estado criado por Bismarck em 1871 e que existiria até 1918, quando foi proclamada a efêmera República de Weimar.

(10) O liberum vetum era o direito de vetar leis que possuíam os nobres da assembléia polonesa. Nietzsche acreditava ter nobres poloneses entre os antepassados. A pesquisa genealógica traçou sua ascendência até o século xvi, encontrando apenas alemães. Sabe-se que o nome Nietzsche, juntamente com seus cognatos (Nitsche, Nietzske, p. ex.), é comum na região central da Alemanha.

(11) Pädagogium era como se denominava a escola secundária humanista, o liceu clássico. Na Universidade da

Basiléia, os docentes da faculdade de filosofia tinham de lecionar também às classes superiores do Pädagogium.

(12) Junker: aristocrata rural prussiano; nacionalista, militarista, conservador. (Em alemão, os substantivos são grafados com maiúscula.)

(13) "Absolutamente nada mais em si aceitar, acolher, engolir": no original, Nichts überhaupt mehr annehmen, an sich nehmen, in sich hineinnehmen. A língua alemã possibilita certos jogos de palavras nem sempre reproduzíveis em outras línguas. Neste caso, reconheceremos a insuficiência da solução apresentada, fornecendo em nota os termos originais.

(14) Por "cultura" traduziu-se aqui a palavra Bildung, substantivo de bilden, construir, formar, educar.

(15) "Pura tolice" (reine Torheit): alusão/zombaria ao Parsifal de Wagner. O nome Parsifal, de origem árabe, significaria "puro tolo", isto é, um herói casto e ingênuo, à prova de tentações.

(16) Citado do Zaratustra, parte ii, "Da gentalha".

POR QUE SOU TÃO INTELIGENTE

(17) "Moralina": neologismo criado por Nietzsche a partir da "judeína" de Paul de Lagarde, erudito conhecedor das religiões orientais.

(18) Alusão à Bíblia: Gênesis, 1, 1.

(19) "A vida sedentária": Sitzfleisch, no original. Sitz, assento; Fleisch, carne. As outras traduções dão: assiduity (britânica), the sedentary life (americana), être cul-de-plomb (francesa), la carne sedentaria (espanhola). Esse substantivo é normalmente usado com o verbo "ter" (haben); Sitzfleisch haben significa "ser, quieto, ser sedentário, não sair do lugar".

(20) "Minhas Laertiana": seus estudos filológicos sobre as fontes de Diógenes Laércio, biógrafo grego do terceiro século de nossa era.

(21) Ex ungue Napoleonem: pela unha [se reconhece] Napoleão; paródia da frase de Plutarco: ex ungue leonem pingere, a partir da unha pintar o leão.

(22) A edição crítica de Colli e Montinari contém rascunhos de partes de Ecce homo onde se encontram algumas passagens não aproveitadas por Nietzsche. Eles foram publicados primeiramente por Erich Podach, em sua controvertida edição das últimas obras de Nietzsche (Friedrich Nietzsches Werke des Zusammenbruchs, Heidelberg, Rothe Verlag, 1961). Podach publicou-os incorporados ao texto, porque questionava a existência de uma versão final de Ecce homo — contra o parecer dos outros estudiosos. Reproduzimos em seguida um trecho que originalmente fazia parte desse terceiro parágrafo do segundo capítulo. Ele é interessante pelo que nos informa sobre as preferências literárias de Nietzsche:

"Emerson, com seus ensaios, foi para mim um bom amigo e uma alegria, também nos tempos negros: ele possui tanto ceticismo, tantas 'possibilidades', que até mesmo a virtude torna-se nele espirituosa... Um caso único!... Já quando garoto eu o escutava com prazer. Assim também, Tristram Shandy está entre os primeiros livros que me agradaram; como recebi Sterne é revelado por uma passagem bem pensativa de Humano, demasiado humano. [Parênteses de Peter Gast: (ii, aforismo 113).] Talvez pelos mesmos motivos preferi Lichtenberg entre os livros alemães, enquanto já aos treze anos não conseguia tragar o 'idealista' Schiller... Não desejo esquecer o Abbé Galiani, o mais profundo bufão que jamais existiu. — Entre todos os livros, uma de minhas mais fortes impressões vem daquele provençal petulante, Petrônio, que escreveu a última Satura menippea [o Satyricon]. Esta soberana independência da 'moral', da 'seriedade', do sublime próprio gosto [e mesmo do sublime gosto], este refinamento na mistura de latim vulgar e 'culto', este indomável bom humor, que salta com graça e malícia sobre todas as anormalidades da alma 'antiga' — eu não saberia dar o nome de um livro que me fizesse impressão igualmente libertadora: tem efeito dionisíaco. Nos casos em que tenho necessidade de restabelecer-me rapidamente de uma impressão mesquinha — quando, por exemplo, devido à minha crítica do cristianismo tive de respirar por muito tempo o ar pestilento do apóstolo Paulo — bastam-me, como remédio heróico, algumas páginas de Petrônio: de imediato sinto-me novamente bem". (Podach, op. cit., pp. 236-7.)

(23) Euterpe era a musa da Música entre os gregos. Hans von Bülow, um conhecido maestro wagneriano, achou a composição bastante ruim...

(24) Jogo de palavras com Reich, "reino", e reichen, "alcançar", no texto traduzido como "reinar".

(25) Wie man wird, was man ist: é o subtítulo do livro, difícil de ser recriado com a mesma precisão em português. Man é a partícula impessoal da 3a pessoa; corresponde ao on francês, ao se português. Werden (wird, na 3a pessoa do singular) significa "tornar-se", "vir a ser".

(26) "Desinteressado" é a nossa tradução para selbstlos; selbst refere-se ao próprio sujeito; nas formas compostas corresponde ao nosso "auto" ou "ego"; los é sufixo que exprime falta: em inglês se diria selfless. Os termos que acima (final do § 2) traduzimos como "cuidado de si" e "ausência de si" são Selbstigkeit e

Selbstlosigkeit. (O primeiro foi traduzido também como "subjetividade", na frase anterior.) A mesma partícula está presente nas palavras traduzidas como "amor de si" e "cultivo de si", que formam um par precioso, caro a Nietzsche: Selbstsucht, Selbstzucht. São palavras dicionarizadas. Os dicionários alemães lhes dão normalmente Egoismus e Selbstdisziplin como sinônimos, o que não deixa de ser uma limitação do seu potencial semântico (um movimento contrário ao de Nietzsche, que procura explorá-lo e como que restaurar o "orgulho" das palavras; em seu texto, elas com freqüência mostram uma riqueza que desconhecem quando estão em "estado de dicionário"). Sucht é anseio, vício, doença, mania. Zucht é cultivo, aperfeiçoamento, criação: de plantas e de animais — ou de homens...

(27) Segundo Colli e Montinari, este parágrafo começa com a seguinte frase, suprimida do manuscrito de Nietzsche: "Um grande exame de consciência faz-se aqui necessário". Pouco adiante, sua edição inclui também o seguinte trecho, após o período que termina com "os assuntos fundamentais da vida mesma...": "Nossa cultura atual é equívoca no mais alto grau... O imperador alemão pactuando com o papa, como se não fosse o papa o representante da hostilidade mortal à vida!... O que hoje se constrói não estará de pé em três anos".

(28) Unheilvolle, im Grunde unheilbare Unmenschen. O segundo adjetivo significa, literalmente, "incuráveis".

(29) Die kein Mensch mir nachmacht — oder vormacht: nachmachen = fazer depois, imitar; vormachen = fazer diante de, mostrar como se faz. Ver a nota precisa de Rubens Rodrigues Torres Filho, em sua tradução em "Os Pensadores" (p. 381).

POR QUE ESCREVO TÃO BONS LIVROS

(30) "Tirar as sandálias": alusão à Bíblia, xodo, 3, 5.

(31) Übermensch, no original. Utilizamos aqui a tradução tradicional "super-homem", apesar das restrições que Rubens Rodrigues Torres Filho faz ao termo (ver seus comentários no volume dos "Pensadores", p. 236, 313, 383). Ele propõe a palavra "além-do-homem", que pode ser mais fiel à idéia de Nietzsche, mas deixa a desejar formalmente — o que se torna claro quando no texto é aproximada ao adjetivo übermenschlich (sobre-humano). Über = sobre, além de; Mensch = ser humano. As traduções em língua inglesa usam superman e overman, a tradução francesa surhomme, a espanhola superhombre. Em português, não soa bem dizer "sobre-homem" ou "supra-homem". Só nos resta satisfazermo-nos — provisoriamente, talvez — com "super-homem".

(32) Kreuzzeitung: jornal que defendia os interesses dos Junker.

(33) Flachland = terra plana, chata; Deutschland = terra dos alemães, Alemanha.

(34) Ich kann nicht anders. Gott helfe mir! Amen — palavras famosas de Lutero.

(35) Na Roma antiga, os não-cristãos zombavam de Jesus Cristo representando-o como um asno.

(36) A seguinte passagem era parte de uma versão anterior deste § 3 do terceiro capítulo:

"Meus escritos dão trabalho — espero que isso não seja uma objeção contra eles!... Para se compreender a linguagem mais concisa jamais falada por um filósofo — e além disso a mais pobre em clichês, a mais viva, a mais artística — é preciso seguir o procedimento oposto ao que normalmente pede a literatura filosófica. Esta é preciso condensar, de outro modo estraga-se o estômago; — a mim é preciso diluir, tornar líquido, acrescentar água: de outro modo estraga-se o estômago. — O silêncio é em mim tão instintivo como nos senhores filósofos a garrulice. Eu sou breve: meus leitores mesmos devem fazer-se extensos, volumosos, para trazer à tona e juntar tudo o que foi por mim pensado, e pensado até o fundo. — Há, por outro lado, pressupostos para aqui se 'compreender', à altura dos quais estão poucos e raros: é preciso saber pôr um problema no seu justo lugar, isto é, em relação com os problemas a ele atinentes — e para isso é preciso ter ao alcance a topografia dos recantos e áreas difíceis de ciências inteiras, e sobretudo da própria filosofia. — Afinal falo apenas do vivido, não somente do 'pensado'; a oposição pensamento/vida não existe em mim. Minha 'teoria' cresce de minha 'prática' — oh, de uma prática nada inócua, nada anódina!...". (Podach, op. cit., pp. 251-2.)

(37) Feminismus, no original.

(38) Citado de Zaratustra, parte iii, "Da visão e do enigma".

(39) "Cabeças ocas, cabeças de repolho": Hohlköpfe, Kohlköpfe.

(40) Além do bem e do mal, § 295.

O NASCIMENTO DA TRAGÉDIA

(41) Begriff: noção, concepção, conceito, idéia.

(42) Vorstellung: representação, idéia.

(43) Nietzsche cita as páginas da primeira edição de "Richard Wagner em Bayreuth", uma das Considerações

extemporâneas.

AS EXTEMPORÂNEAS

(44) Considerações extemporâneas é como traduzimos Unzeitgemässe Betrachtungen. O adjetivo pode ser também traduzido como "inatuais", como fazem os franceses e os italianos, ou "intempestivas", como fazem os espanhóis.
(45) A palavra que Nietzsche emprega é Kultur. Logo antes, na referência à "cultura alemã", a palavra é Bildung.
(46) A partir do "azul berlinense" (Berliner Blau; Prussian blue, em inglês) obteve-se o ácido prússico, um veneno. Berlim era a capital da Prússia.
(47) Semiotik, no original.

HUMANO, DEMASIADO HUMANO

(48) "Uma tocha nas mãos, uma tocha cuja luz não tremula": Eine Fackel in den Händen, die durchaus kein "fackelndes" Licht gibt.
(49) "Nohl, Pohl, Kohl com graça in infinitum". Karl Friedrich Nohl e Richard Pohl escreviam sobre música e músicos e eram partidários de Wagner. J. G. Kohl escreveu sobre Wagner como poeta. A frase de Nietzsche não só produz efeito cômico ao "compor" os três sobrenomes em crescendo, como é paródia de um poema de Goethe, "Oráculo da primavera" (Frühlingsorakel), que termina com a imitação de um cuco: "Cou cou cou Cou Coucou/ Cou, Cou, Cou, Cou, Cou, Cou, Cou, Cou, Cou/ Mit Grazie in infinitum". Além disso, o substantivo comum Kohl significa "couve", "repolho", e é também usado coloquialmente no sentido de "bobagem" ou "conversa fiada".
(50) Alusão à Bíblia: Mateus, 8, 28-34.
(51) O verbo berufen traduz-se como "chamar". O substantivo Beruf pode ser "profissão" ou "vocação". Há um belo ensaio de Max Weber com o título de "Wissenschaft als Beruf" — "A ciência como...".

AURORA

(52) Selbstbesinnung.
(53) Egoismus.

A GAIA CIÊNCIA

(54) Vogelfrei = "pássaro livre".

ASSIM FALOU ZARATUSTRA

(55) Perdeu-se a relação entre einfallen (ocorrer, ter a idéia) e überfallen (assaltar, cair sobre).
(56) A gaia ciência, § 382.
(57) Citado, com ligeiras alterações, do Zaratustra, parte iii, "O regresso".
(58) O palazzo del Quirinale era a residência oficial do rei. Atualmente, palácio do governo italiano.
(59) Zaratustra, iii, "De velhas e novas tábuas".
(60) "Percepção da realidade": Einsicht in die Realität. Einsicht: em inglês, insight.
(61) Zaratustra, ii, "Canto noturno".
(62) "Solidão do sol na luz": Sonnen-Vereinsamung im Lichte. Vereinsamung é o processo de tornar-se só, não o estado de solidão (Einsamkeit). Não há substantivo em português que traduza exatamente a idéia. É a diferença, por exemplo, entre enceguecimento (Blendung) e cegueira (Blindheit).
(63) As três passagens do Zaratustra são citadas de: "Da redenção", "Nas ilhas bem-aventuradas" e "De velhas e novas tábuas".

ALÉM DO BEM E DO MAL

(64) "Cientificidade": Wissenschaftlichkeit.
(65) Em alemão, a pronúncia do "z" é ts, de modo que "tzar" soa como o início de "Zaratustra".

GENEALOGIA DA MORAL

(66) "Para a genealogia da moral" é como às vezes traduzem o título desta obra. Isso porque a preposição do título original — Zur Genealogie der Moral — pode, em princípio, significar sobre (a propósito de) ou para (contribuição a). Ocorre que Nietzsche usou a mesma preposição em muitos títulos de aforismos, mais de vinte, e em nenhum deles o sentido é claramente para, enquanto a leitura como sobre sempre faz sentido. Essa observação é de Walter Kaufmann, na introdução à sua tradução da Genealogia (no mesmo volume de Ecce homo, Nova York, Vintage Books, 1969). Mesmo que o significado fosse inequivocamente para, é preciso sempre levar em consideração o espírito da língua: em português, não soa bem começar um título com "para". No caso, deve-se considerar também a preocupação do autor com a forma: ele achava que os títulos deviam ser antes de tudo citáveis (Jeder Titel muss vor allem zitierbar sein — carta a Peter Gast, sobre Aurora, 20/3/1881). A mesma consideração vale para que não se traduza Jenseits von Gut und Böse como "Para além do bem e do mal".
(67) "Indeléveis" não corresponde exatamente a unwegdenkbar; aqui os tradutores geralmente recorrem a paráfrases: that simply cannot be imagined away, con el que no se puede dejar de contar, essentiel, one that can least be thought away.

CREPÚSCULO DOS ÍDOLOS

(68) "Como se filosofa com o martelo": sobre o sentido da expressão, ver o prólogo: "... ídolos eternos, nos quais aqui se toca com o martelo como com um diapasão — não existem ídolos mais velhos, mais convencidos, mais ocos...".
(69) Alusão a uma passagem do Fausto de Goethe: "Um homem bom, em seu impulso obscuro/ Tem consciência do caminho reto" (pp. 328-9).
(70) "Alegre mensageiro": a expressão traz uma alusão ao evangelho (boa nova, alegre mensagem — frohe Botschaft, em alemão).
(71) Refere-se à redação do Anticristo. Ver a nota 4 do prólogo.

O CASO WAGNER

(72) O "Trompeteiro de Säckinger" é um longo poema de J. V. von Scheffel, de imensa popularidade. Mas Nietzsche deve estar se referindo à ópera de Viktor Nessler baseada no poema, que havia estreado quatro anos antes (1884), também com enorme sucesso.
(73) "Manhosa": listig — brincadeira com Liszt.
(74) Deutschland über alles: "a Alemanha acima de tudo" — começo do hino nacional alemão.
(75) Presume-se que ele queira dizer: "Mandam ao diabo toda a psicologia".
(76) "Algum salvador do Capitólio": isto é, algum ganso.
(77) "Me atacar e em mim se eternizar": sich an mir vergreifen und verewigen.
(78) Neste ponto, a edição Colli-Montinari inclui ainda o seguinte trecho: "Para que não faltem sequer os amigos, escreve-me nesse instante uma velha amiga, dizendo-me que a faço rir... E isto num momento em que sobre mim pesa uma responsabilidade indizível — quando palavra nenhuma seria bastante delicada, olhar nenhum suficientemente respeitoso para comigo. Pois eu carrego nos ombros o destino da humanidade".
Entre os rascunhos desse capítulo encontra-se o seguinte parágrafo, que julgamos interessante reproduzir aqui (extraído da edição de Podach, op. cit, pp. 318-9):

— Um último ponto de vista, o mais elevado talvez: eu justifico os alemães, apenas eu. Nós estamos em oposição, nós somos mutuamente intocáveis — não há ponte, não há questão, não há olhar entre nós. Mas esta é a condição para aquele mais extremo grau de cuidado de si, de tomada de consciência de si, de salvação de si

[von Selbstigkeit, von Selbstbesinnung, von Selbsterlösung], que em mim se fez homem: eu sou a solidão em forma de homem [ich bin die Einsamkeit als Mensch]... Que jamais me alcançasse uma palavra, isto me obrigou a alcançar a mim mesmo... Eu não seria possível sem uma espécie oposta de raça, sem alemães, sem estes alemães, sem Bismarck, sem 1848, sem as "guerras de libertação", sem Kant, sem Lutero mesmo... Os grandes crimes culturais dos alemães justificam-se numa mais alta economia da cultura... Nada desejo diferente, também para trás não. — Nada pude desejar diferente... Amor fati... Mesmo o cristianismo torna-se necessário: somente a mais elevada forma, a mais perigosa e sedutora em seu Não à vida, provoca a sua mais elevada afirmação — Eu... Que são afinal esses dois milênios? Nosso mais instrutivo experimento, uma vivissecção na vida mesma... Apenas dois milênios!...

POR QUE SOU UM DESTINO

(79) Citado, com ligeiras alterações, do Zaratustra, parte ii, "Da auto-superação".
(80) Zaratustra, iii, "De novas e velhas tábuas".
(81) Zaratustra, ii, "Da prudência dos homens".
(82) "Amor de si". Selbstsucht, ver nota 26.
(83) "Amor ao próximo", "vício do próximo": Nächstenliebe, Nächstensucht.

APÊNDICE: UMA CARTA*

Sils-Maria, Alta Engadina, 21 de junho de 1888.

Prezado senhor!

O recebimento de duas obras suas, que agradeço penhorado, parece-me assegurar que neste ínterim minha produção chegou-lhe às mãos. A tarefa de traçar uma imagem de mim, seja do pensador, seja do escritor e poeta [Dichter], parece-me extraordinariamente difícil. A primeira tentativa maior desta natureza foi feita no inverno passado pelo distinto dinamarquês dr. Georg Brandes, que lhe deve ser conhecido como historiador literário. Ele realizou, sob o título de "O filósofo alemão Friedrich Nietzsche", um longo ciclo de palestras sobre mim na Universidade de Copenhague, cujo êxito, segundo me foi informado, deve ter sido imenso. Ele fez uma audiência de trezentas pessoas interessar-se vivamente pela audácia de minhas colocações, e, como ele próprio me diz, tornou o meu nome popular em todo o Norte. Fora isso, tenho um círculo mais discreto de ouvintes e admiradores, entre os quais alguns franceses, como monsieur Taine. Minha convicção íntima é de que meus problemas, toda a posição de "imoralista" é ainda prematura, ainda pouco preparada. Para mim é algo inteiramente distante a idéia de propaganda; não movi um dedo sequer neste sentido.

Do meu Zaratustra acredito que seja a obra mais profunda existente em alemão, e a mais perfeita quanto à linguagem. Mas para sentir o mesmo serão necessárias gerações inteiras, que primeiro façam suas as vivências interiores às quais esta obra deve sua origem. Aconselharia talvez começar pelas últimas obras, que são as mais abrangentes e mais importantes (Além do bem e do mal e Genealogia da moral). A mim mesmo me são mais simpáticos os livros intermediários. Aurora e A gaia ciência (são os mais pessoais).

A s Considerações extemporâneas, escritos da juventude num certo sentido, merecem a máxima atenção no que toca ao meu desenvolvimento. Em "Povos, épocas e homens", de Karl Hillebrand, encontram-se alguns ensaios muito bons sobre as primeiras "Extemporâneas". O escrito contra Strauss despertou uma grande tempestade; o escrito sobre Schopenhauer, cuja leitura recomendo especialmente, mostra como um espírito enérgico e instintivamente afirmativo sabe extrair os impulsos mais benéficos também de um pessimista. Com Richard Wagner e frau Cosima Wagner estive unido em profunda confiança e íntima harmonia durante alguns anos, dos mais preciosos de minha vida. Se agora conto entre os adversários do movimento wagneriano, isto não se deve, evidentemente, a motivos mesquinhos. Nas Obras de Wagner, volume ix (se bem me lembro),

encontra-se uma carta a mim que dá testemunho de nossa relação.

Quero crer que meus livros são, pela riqueza de experiências psicológicas, pelo destemor diante do mais perigoso, por uma elevada franqueza, livros de primeira ordem. No que toca à arte da exposição e às exigências estéticas também não receio qualquer comparação. À língua alemã me une um longo amor, uma afinidade secreta, uma profunda veneração! Razão bastante para não ler quase nenhum livro mais escrito nesta língua.

Receba, prezado senhor, as mais atenciosas saudações do seu

Professor Dr. Nietzsche

---

* Endereçada a um certo Karl Knortz,que enviara correspondência dos Estados Unidos, disposto a escrever um ensaio sobre Nietzsche. (N. T.)

POSFÁCIO

Em 1908, numa das reuniões semanais da pequena Sociedade Psicanalítica de Viena, na casa do dr. Sigmund Freud, o tema proposto para discussão foi Ecce homo. Durante a reunião — que tratou sobretudo do "caso" Nietzsche, não de suas idéias — Freud fez três observações de interesse. Disse que o livro não podia ser desconsiderado como produto de insânia, porque nele se preservava o domínio da forma. Disse que ninguém havia antes alcançado, e dificilmente alguém tornaria a alcançar, o grau de introspecção alcançado por Nietzsche. E disse que nunca havia estudado Nietzsche, devido à semelhança entre as percepções do filósofo e as investigações da psicanálise (evitava-o para preservar a independência de espírito), e devido à riqueza de idéias daquelas obras, que o impedia de ler mais que metade de uma página (!).

Esta última afirmação deve interessar aos estudiosos da relação entre Freud e Nietzsche. As duas primeiras interessam ao leitor de Ecce homo.

A profundidade da introspecção é algo que nos assombra já nas primeiras páginas. Suas análises da doença, do ressentimento, das relações entre as instâncias da psique, são de um grande psicólogo — algo de que ele se gabava. Por isso seus intérpretes mais certeiros foram aqueles que demonstraram compreensão e simpatia pelo modo de abordagem da psicanálise, e a isto se deve também sua incompreensão pela filosofia acadêmica: professores de filosofia raramente são bons psicólogos.

Quanto à loucura, ela se manifestaria nos "excessos": na desinibição e na imodéstia sem freios, observadas já nos títulos dos capítulos. O tom exaltado se explica, em parte, pelas circunstâncias em que o livro foi escrito, e pelas intenções do autor.

Nietzsche o escreveu de 15 de outubro a 4 de novembro de 1888. Fez várias revisões em seguida, mas o texto-base foi redigido naquelas três semanas. Ele havia abandonado sua cátedra de filologia grega na Universidade da Basiléia em 1879. Desde então levava uma existência solitária e errante. Pensando e escrevendo sem cessar, superando-se a si mesmo em cada nova obra. Mas, embora inteiramente seguro de sua importância, ele não obtinha o reconhecimento de seu povo. Suas obras não vendiam, seu nome era ignorado. Escreveu então Ecce homo, como reação ao silêncio de que era vítima. Ouviu então — "de si mesmo" (Ch. Anders) — os elogios que havia cansado de esperar nos últimos dezesseis anos, desde que publicara o primeiro livro.

Um outro motivo foi, segundo ele próprio, o desejo de experimentar os limites para a liberdade de palavra entre os alemães, antes de publicar a obra definitiva

que tinha em mente. Na Rússia czarista suas obras já eram proibidas (assim como as de Freud seriam proibidas na Rússia stalinista).

Mas apenas estas considerações não respondem pelos "excessos". Há passagens em que o leitor balançará a cabeça, perguntando a si mesmo se o autor ainda distingue entre fantasia e realidade. Pode-se ver aí um prenúncio do colapso mental a que Nietzsche sucumbiu pouco depois, no início de 1889 (ver o sumário cronológico). É inegável a relação entre doença e obra, em Nietzsche. A obra seria diferente, não houvesse a(s) doença(s). O que não é argumento para, como fizeram alguns, rejeitá-lo como doente.

Atualmente, depois de Freud, é indiscutível que normalidade e anormalidade não são essencialmente diferentes. São parte de um continuum. Só um "louco" ousaria traçar uma linha divisória entre loucura e normalidade. Nietzsche certamente se sentiria lisonjeado vendo-se considerado louco, ele, que sublinhou o papel da loucura nas grandes revoluções espirituais (em Aurora) e que se propunha iniciar a maior delas.

Essa questão é central em Ecce homo. Há ironia no fato de que o livro que ele escreveu para "se explicar" tenha dividido as opiniões mesmo entre os admiradores. Curt Paul Janz, autor de uma extraordinária biografia em três volumes (que ocupa lugar semelhante ao da biografia de Freud por Ernest Jones), aconselha cautela com as interpretações das próprias obras em Ecce homo e classifica o livro como "pós-filosófico". Como fazer essa distinção? Em Ecce homo, a filosofia aparece como uma grande arte, uma grande "arte da transfiguração": o filósofo como alquimista, a transmutar sofrimento em conhecimento. Fica bem claro o caráter pessoal, confessional, de toda grande manifestação do espírito, que ele mesmo havia exposto ao escrever sobre outros filósofos. Como separar vida e obra, doença e saúde? Apropriando-se da doença, ele a torna sua saúde.

Esta apropriação — esta superação de si mesmo — lhe possibilita tornar-se o que é. Este o subtítulo do livro. É a mesma frase de Píndaro que o havia seduzido quando estudante: génoi hoios essí — "torna-te aquilo que és". Nietzsche utilizou-a como epígrafe de um de seus primeiros trabalhos filológicos, e usou-a depois em várias ocasiões. Por fim em Ecce homo, onde demonstrou como fora fiel à máxima da juventude.

O título é igualmente significativo. Encontra-se na versão vulgata da Bíblia, no evangelho de são João, capítulo 19, onde Pilatos apresenta Cristo aos judeus: "Saiu Pilatos ainda outra vez, e disse-lhes: Eis que vo-lo trago fora, para que conheçais que não encontro nele crime algum. Saiu pois Jesus, trazendo a coroa de espinhos e o manto de púrpura. E (Pilatos) disse-lhes: Eis o homem. Então os príncipes dos sacerdotes e os ministros, tendo-o visto, gritaram, dizendo: Crucifica-o, crucifica-o!".

A identificação de Nietzsche com Cristo, explicitada no título, concorda com o que vários autores observaram sobre a sua natureza cristã. Thomas Mann não foi o único a referir-se a ele como um "mártir do pensamento". O ascetismo, a

superação, a ênfase no sofrimento como meio de poder: nada mais cristão. No entanto, Nietzsche ataca o cristianismo e poupa Jesus Cristo: "Houve apenas um cristão, e este morreu na cruz", disse no Anticristo. Segundo Nietzsche, Ele não negou o mundo, nem o afirmou; foi um "idiota" no sentido grego: ignorou o mundo. O apóstolo são Paulo é o culpado pelo cristianismo, "esta negação da vontade de viver tornada religião". Zaratustra diz, sobre Cristo: "Ele morreu muito jovem; ele próprio renegaria sua doutrina, se alcançasse a minha idade".

O título original do Anticristo pode ser lido como O Anticristão, pois a palavra alemã Christ significa um e outro. Ecce homo foi escrito imediatamente após O Anticristo e prossegue a diatribe contra o cristianismo. Para Nietzsche, este trouxe a domesticação do homem, transformou-o em homem de rebanho, um ser frágil e decadente. Fez isto ao operar uma inversão dos valores da Antigüidade clássica, ao instaurar a bondade, a compaixão e o amor ao próximo como virtudes, e um mundo ideal como o verdadeiro. Cumpre, então, reinverter o processo, "retomar a linha evolutiva" dos gregos e romanos (tal como ele via gregos e romanos) — esta a tresvaloração dos valores, que porá fim à era de decadência e dará início a uma era forte, afirmativa, fundada nos valores até agora tidos como maus. (Entre parênteses: o que Nietzsche chama de "decadência" seria, para Freud, algo inerente à condição humana: a repressão instintual como exigência da cultura, da vida.)

Os valores cristãos acham-se representados na Bíblia, o livro fundamental do Ocidente. Seria Assim falou Zaratustra o evangelho da nova cultura dionisíaca, a Antibíblia? A atitude de Nietzsche em relação ao Zaratustra — de "cega superestimação", no dizer de Thomas Mann — sempre intrigou seus leitores. Considerava-o, no mínimo, o mais profundo e perfeito livro alemão. No capítulo sobre o Zaratustra, em Ecce homo, encontram-se as mais espetaculares apreciações da obra — e, por extensão, do autor. Como levar a sério, por exemplo, a afirmação de que Shakespeare e Dante não saberiam respirar naquelas alturas?

Mas nem sempre foi esta a sua atitude. Tinha dúvidas sobre o valor da obra; mas decidiu-se por afirmá-la contra tudo e todos. Afinal, apreciá-la lucidamente significaria negar as vivências de que era expressão, suas vivências mais caras. Lendo sobre a gênese do Zaratustra, não é difícil identificá-las como experiências de natureza mística. Zaratustra é obra de um visionário — o próprio Nietzsche empregou a palavra.

Nela, é possível ver as concepções do super-homem e do eterno retorno — sem prejuízo de interpretações metafísicas mais complexas — simplesmente como a negação dos dois aspectos que limitam e definem o ser humano. A vulnerabilidade à dor, a dor que vem da dupla condição de bicho e anjo: o super-homem seria a superação disso. A finitude e fugacidade da vida, a vida como faísca, breve aparição: o eterno retorno seria o fim da finitude, pela sua multiplicação. Então, na doutrina de Zaratustra, o homem não morreria para ascender a Deus, para ser deus junto a Deus. A vida eterna no outro mundo daria lugar ao eterno retorno

neste mundo: transcendência terrena, "não-metafísica" (Hollingdale).

Após o Zaratustra, houve como que um refluxo da coisa mística. Surgiram Além do bem e do mal e Genealogia da moral. Nesses livros, a crítica da moralidade e do conhecimento ocidentais, já presente nas obras anteriores ao Zaratustra, é levada a um novo patamar. O visionário é também o crítico de uma tradição de dois mil anos, de uma cultura. Eles são, por consenso geral, os principais livros de Nietzsche. O consenso inclui o próprio autor: surpreendentemente, ele os recomenda como "os mais importantes e mais abrangentes", no mesmo instante em que faz a louvação costumeira do Zaratustra (ver o apêndice desta edição).

Em Ecce homo há uma "recaída" no mundo de Zaratustra. É significativo que o capítulo a ele dedicado tenha catorze páginas, enquanto Além do bem e do mal e Genealogia da moral recebem apenas três.

De tão intensa, a afirmação de si é transfigurada: Ecce homo é o livro da mitificação de si mesmo. Nele torna-se mais claro o projeto Zaratustra: todo aquele esplendor verbal, toda a riqueza de imagens e símbolos visa à construção de um mundo, de uma pessoa: percebemos o mito como meta da metáfora. A epígrafe de Ecce homo poderiam ser estes versos do nosso poeta: "Eis que eu mesmo me torno o mito mais radioso/ e talhado em penumbra sou e não sou, mas sou" (Drummond).

Vendo o Zaratustra como uma proposta de transcendência nesta Terra, o eterno retorno e o super-homem como sucedâneos da vida eterna e do homem redimido do cristianismo, faltaria ainda neste quadro a divindade, o mito supremo, o criador e "espírito regedor do mundo" (Ihr weltregierender Geist é como Peter Gast referiu-se a Nietzsche, em carta a ele). "Desde que o velho Deus está abolido, estou preparado para reger o mundo" — a frase consta de uma passagem de Ecce homo não incluída na versão final. Para fazer frente à imensidão do desafio — combater "dois milênios de violação do homem" — era preciso de qualquer modo ser mais que um homem.

A última linha de Ecce homo diz: "Fui compreendido? Dionísio contra o Crucificado". Em janeiro de 1889, ao perder de vez a razão, Nietzsche enviou cartas e bilhetes aos amigos, assinando "Dionísio" ou "O Crucificado". A oposição era também identidade profunda. De acordo com C. P. Janz, o deus Dionísio Zagreu, dos mistérios órficos gregos, era conhecido também por outro nome, depois usado para Jesus Cristo: Soter, "Salvador". Como filho de Zeus e Perséfone, a deusa do subterrâneo, era o símbolo da vida eterna — mas neste mundo, não no outro.

Uma finalidade de Nietzsche em Ecce homo é anunciar a iminente "tresvaloração dos valores", que ele já não parece conceber como um processo, mas como seu derradeiro ato pessoal, que literalmente dividiria a história humana em duas metades. Chega a marcar uma data para o acontecimento, mencionando de passagem o ano de 1890, de maneira semelhante aos poetas que afirmam, por

exemplo: "Hoje, às doze horas do meio-dia/ começa a idade de ouro" (Brecht). O mesmo anseio de inaugurar uma nova era se expressa na decisão de adotar um novo calendário, característica das rupturas revolucionárias clássicas. Mas no caso trata-se de uma exacerbação patológica deste anseio.

O excelente tradutor inglês de Nietzsche, R. J. Hollingdale, lembra que o anúncio da "tresvaloração", absurdo sensu proprio, resultou em verdadeiro sensu allegorico. Pois quem negará que desde então vem ocorrendo uma transformação espiritual de magnitude desconhecida, da qual ninguém sabe o que resultará, mas que certamente será um divisor de águas na história da humanidade? "Haverá guerras como jamais houve sobre a Terra", diz ele no último capítulo de Ecce homo. Lendo-o, ou lendo o anúncio da morte de Deus, na Gaia ciência, é difícil não imaginar Nietzsche como um sismógrafo sensibilíssimo do qual somente agora vamos aprendendo a interpretar os sinais.

Até que ponto seria ele responsável por essa crise dos valores? É impossível precisar, em um fenômeno dessa natureza, a medida em que é causa ou sintoma. Certo é que devemos a ele uma consciência mais aguda do nosso mal-estar, do nosso ser doente. E uma percepção mais clara da nossa potencialidade para o bem e para o mal — que nunca foi tão grande como agora. Vivemos à sombra das possibilidades de total fruição ou total destruição da vida, possibilidades essas que ele foi o primeiro a sentir e pensar na carne. Nunca foi tão interessante viver — ele é em parte responsável por isso.

Paulo César de Souza

GLOSSÁRIO DE NOMES DE PESSOAS

aristóteles (384-322 a.C.): filósofo grego, discípulo de Platão.
baader, Franz von (1765-1841): filósofo alemão.
bach, Johann Sebastian (1685-1750): compositor alemão.
bacon, Francis, Visconde de Verulam (1561-1626): filósofo inglês.
baudelaire, Charles (1821-1867): poeta francês.
bauer, Bruno (1809-1882): filósofo alemão.
berlioz, Hector (1803-1869): compositor francês.
bismarck, Otto von (1815-1898): estadista alemão.
borgia, Cesare (1475?-1507): líder político italiano.
bourget, Paul (1852-1935): escritor e psicólogo francês.
brandes, Georg (1842-1927): crítico literário dinamarquês.
brendel, Karl Franz (1811-1868): compositor e escritor.
brochard, Victor (1848-1907): filósofo francês.
buda, Gautama (563?-483? a.C.): príncipe hindu, criador do budismo.
bülow, Hans von (1830-1894): maestro e pianista.
byron, Lord (1788-1824): poeta inglês, herói do Romantismo.
cagliostro, Conde Alessandro di, pseudônimo de Giuseppe Balsamo (1743-1795): aventureiro italiano.
carlyle, Thomas (1795-1881): pensador e crítico escocês.
chopin, Fréderic (1810-1849): compositor polonês.
corneille, Pierre (1606-1684): dramaturgo francês.
dante Alighieri (1265-1321): poeta italiano.
delacroix, Eugène (1798-1863): pintor francês.
descartes, René (1596-1650): pensador e matemático francês.
dühring, Eugen (1833-1921): filósofo e economista.
ewald, Heinrich (1803-1875): teólogo e orientalista.
fichte, Johann Gottlieb (1762 -1814): filósofo idealista.
fritzsch, Ernst Wilhelm (1840-1902): editor estabelecido em Leipzig.
gast, Peter, pseudônimo de Heinrich Köselitz (1854-1918): amigo e discípulo de Nietzsche, compositor.
goethe, Johann Wolfgang von (1749-1832): poeta, escritor e cientista alemão.
gyp, pseudônimo de Gabrielle, Condessa Martel de Janville (1850-1932): escritora francesa.
haendel, Georg Friedrich (1685-1759): compositor alemão.
hegel, Georg Wilhelm Friedrich (1770-1831): filósofo alemão.
heine, Heinrich (1797-1856): poeta, ficcionista e crítico.
heráclito (540?-475 a.C.): filósofo pré-socrático.
herder, Johann Gottfried (1744-1803): pensador e ensaísta alemão.
hillebrand, Karl (1829-1884): crítico e historiador.
hoffmann, Franz (1804-1881): filósofo alemão.
horácio (65-8 a.C.): poeta romano.
ibsen, Henrik (1828-1906): dramaturgo norueguês.
kant, Immanuel (1724-1804): o mais influente filósofo alemão.
la rochefoucauld, François de (1613-1680): moralista francês.
leibniz, Gottfried Wilhelm Von (1646-1716): filósofo alemão.
lemaître, Jules (1853-1914): escritor francês.
leonardo da Vinci (1452-1519): pintor, escultor e cientista italiano.
liszt, Franz (1811-1886): compositor e pianista alemão.
lorrain, Claude, pseudônimo de Claude Gelée (1600-1682): pintor francês.
loti, Pierre, pseudônimo de Julien Viaud (1850-1923): escritor francês.
lutero, Martinho (1483-1546): religioso alemão, iniciador da Reforma protestante.

maupassant, Guy de (1850-1893): ficcionista francês.
meilhac, Henri (1831-1897): dramaturgo e libretista francês.
merimée, Prosper (1803-1970): ficcionista francês.
molière, pseudônimo de Jean-Baptiste Poquelin (1622-1673): comediógrafo francês.
montaigne, Michel Eyquem de (1531-1592): ensaísta francês.
napoleão Bonaparte (1769-1821): militar e estadista francês.
nohl, Ludwig (1831-1885): crítico e historiador de música.
pascal, Blaise (1623-1662): filósofo, matemático e cientista francês.
platão (427-347 a.C.): o mais influente filósofo grego.
pohl, Richard (1826-1896): crítico de música alemão.
racine, Jean-Baptiste (1639-1699): dramaturgo francês.
ranke, Leopold von (1795-1886): historiador alemão.
rée, Paul (1849-1901): filósofo e médico, amigo de Nietzsche.
ritschl, Friedrich Wilhelm (1806-1876): filólogo clássico, professor de Nietzsche.
rossini, Gioacchino (1792-1868): compositor italiano.
salomé, Lou (Andreas) (1861-1937): escritora e pensadora, amiga de Nietzsche e, depois, amiga e discípula de Freud.
salústio (86-35 a.C.): historiador romano.
schopenhauer, Arthur (1788-1860): filósofo alemão.
shakespeare, William (1564-1616): poeta e dramaturgo inglês.
sócrates (469-399 a.C.): filósofo grego.
spencer, Herbert (1820-1903): pensador e pedagogo inglês.
spitteler, Carl (1845-1924): escritor suíço.
stein, Heinrich von (1857-1887): filósofo e escritor.
stendhal, pseudônimo de Henri Beyle (1783-1842): romancista francês.
strauss, David (1808-1874): ensaísta alemão.
taine, Hippolyte (1828-1893): historiador francês.
treitschke, Heinrich von (1834-1896): historiador alemão.
vischer, Friedrich Theodor (1807-1887): teórico da estética.
vittorio, Emanuele ii (1820-1878): rei da Sardenha, e depois da Itália.
voltaire, pseudônimo de François-Marie Arouet (1694-1778): escritor iluminista francês.
wagner, Cosima (1837-1930): filha de Liszt, mulher de Wagner.
wagner, Richard (1813-1883): compositor alemão.

Friedrich Nietzsche nasceu no vilarejo de Roecken, próximo de Leipzig, na Alemanha, em 15 de outubro de 1844. Estudou letras clássicas na célebre Escola de Pforta e na Universidade de Leipzig. Durante onze anos foi professor de grego e latim na Universidade da Basiléia, na Suíça, e por outros onze anos levou uma existência errante, em pequenas cidades da Itália, Suíça, França e Alemanha. Nietzsche perdeu a razão no início de 1889 e viveu em estado de demência, sob os cuidados da mãe e da irmã, até 25 de agosto de 1900, quando morreu de uma infecção pulmonar. Escreveu, entre outros livros, A gaia ciência, Humano, demasiado humano, Genealogia da moral e Ecce homo, todos publicados pela Companhia das Letras.

Paulo César de Souza é mestre em história social pela Universidade Federal da Bahia e doutor em literatura alemã pela Universidade de São Paulo. Foi professor de línguas, editor da Brasiliense e articulista da Folha de S.Paulo. Além de obras de Nietzsche, traduziu O diabo no corpo, de Raymond Radiguet (Brasiliense, 1985), Histórias do sr. Keuner (Brasiliense, 1989) e Poemas, de Bertolt Brecht (Editora 34, 2004). Como ensaísta, publicou A Sabinada: a revolta separatista da Bahia, 1837 (Brasiliense, 1987) e As palavras de Freud: o vocabulário freudiano e suas versões (Companhia das Letras, 2010), entre outros. Coordena as coleções de obras de Nietzsche e Freud da Companhia das Letras.

Copyright da tradução, notas e posfácio © 1985, 1995
by Paulo César Lima de Souza

Título original
Ecce homo: wie man wird, was man ist

Capa
Jeff Fisher

Preparação
Denise Pegorim

Revisão
Renato Potenza Rodrigues
Flávia Yacubian

ISBN 978-85-8086-340-6

Todos os direitos desta edição reservados à
editora schwarcz ltda.
Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32
04532-002 — São Paulo — sp
Telefone: (11) 3707-3500
Fax: (11) 3707-3501
www.companhiadasletras.com.br
www.blogdacompanhia.com.br